Diário de Lisboa

Julho 1977
Segunda-feira
25
ANO 57.°
N.° 19 412
6 escudos

Fundador **Joaquim Manso** Director **A. Ruella Ramos** Director-adjunto **Fernando Piteira Santos**

REMODELAÇÃO GOVERNAMENTAL (com o País em férias)

. Uma nova remodelação governamental deverá ocorrer ainda antes do Outono, provavelmente na segunda metade de Agosto ou nas primeiras semanas de Setembro.

As alterações a introduzir desta vez no actual elenco ministerial não serão estranhos os compromissos assumidos com o PSD/PPD, no decurso das negociações que acompanharam os recentes debates parlamentares sobre a «Lei Barreto» e, que culminaram na assinatura de um pacto entre aquele partido e o PS.

Entre os sectores governamentais atingidos pela próxima remodelação contar-se-ão as pastas das Finanças e Assuntos Sociais, apontando-se para a primeira alguém ligadó à actual direcção do Banco de Portugal, bem como o nome do dr. Hernâni Lopes, actual embaixador da República Federal Alemã que esteve também ligado anteriormente ao Banco Central, e para o segundo o do dr.Carlos Macedo, antigo secretário de Estado da Saúde, figura em foco há algum tempo atrás quando distribuiu à Imprensa uma carta em que anunciava ter-se demitido(?) do cargo de «conselheiro pessoal» do Presidente da República.

Outras modificações poderão passar pela criação do lugar de vice-primeiro-ministro, para o qual surge com insistência o nome do actual ministro da Defesa, Firmino Miguel, e pela nomeação do dr. Almeida Santos para ministro sem pasta. Armando Bacelar (actualmente nos Assuntos Sociais) transitaria entretanto para a Justiça.

Outras consequências da próxima remodelação poderão abranger o Ministério dos Negócios Estrangeiros, cujo titular actual, Medeiros Ferreira, vem sendo alvo de crescente constestação, extensiva, ao que consta, ao próprio seio do partido governamental. De resto as conversações PS-PSD teriam abrangido, também, as relações internacionais.

Nova semana quente em S.Bento

. A Comissão Permanente da Assembleia da República, englobando representantes de todos os Grupos Parlamentares, reuniu esta manhã com Vasco da Gama Fernandes. Objectivo: estabelecer a agenda de trabalhos para as próximas sessões parlamentares, que se iniciarão já esta tarde.

Para a sessão de hoje subirão ao plenário os projectos de lei sobre Finanças Locais, estando em apreciação os projectos n.ºs 64, do PCP, 62, do PSD e 116 do Governo.

Com o reinício dos debates parlamentaressobemnovamente à cena política nacional importantes diplomas, que deverão prolongar os «dias quentes» vividos durante a apreciação, a semana passada, da «Lei Barreto».

Um aspecto da reunião esta manhã efectuada em S. Bento

MORTE DO AGENTE DA PJ

Detidos dois suspeitos

. Foram esta madrugada presos em Monte Hermoso, próximo de Cáceres, os dois indivíduos de raça cigana acusados de um crime de homicídio perpetrado na pessoa do agente da PJ Barroso Gonçalves.

O assassinato ocorreu no passado dia 14, de manhã, na estrada da Praia da Rocha (Portimão) dando origem a uma gigantesca operação policial, a maior rusga até agora verificada no nosso país, quer em meios de colaboração da GNR, PSP, GF e Força Aérea — quer em número de agentes envolvidos.

Os presumíveis criminosos são irmãos, identificados como Pedro Manuel Andrade e José Manuel Andrade, este também conhecido por Manuel Brites, e igualmente indicado como autor da morte de um vaqueiro. há cerca de ano e meio, no Torrão. Na circunstância, a vítima foi assassinada no momento em que tentava socorrer um cidadão que era assaltado justamente pela quadrilha «Brites». A esta quadrilha atribuem-se outros crimes na zona Sul do País.

Os dois irmãos foram presos pelas autoridades espanholas, alertadas pelo gabinete nacional da Interpol e na sequência de diligências das autoridades portuguesas, que apuraram terem os criminosos atravessado a fronteira nas proximidades de Segura (Beira-Baixa).

Sabe-se que os detidos lograram escapar para Espanha beneficiando do apoio que lhes terá sido dado por vários marginais.

Assinale-se a estreita colaboração da polícia espanhola com as autoridades portuguesas, aliás decisiva no êxito das operações.

Procede-se agora às formalidades burocráticas com vista à extradição dos dois presumíveis criminosos.

MAIOR CARREGAMENTO DE SEMPRE

Apreendida em Leixões meia tonelada de haxixe

PORTO, 25 — A PJ do Porto, através da sua brigada de estupefacientes e em colaboração com a PJ de Lisboa, acaba de apreender um carregamento de haxixe introduzido em Portugal pelo porto de Leixões dentro de um automóvel carregado em Casablanca (Marrocos).

No dia 18 um automóvel espanhol foi descoberto com 78 quilos de haxixe no valor de 12 mil contos. Esta apreensão verificou-se em Lisboa e o haxixe provinha igualmente de Marrocos, dentro de malas.

A PJ estava assim na esteira de uma rede de traficantes com ramificações em França, Holanda, Bélgica e Inglaterra que utilizava a via marítima, podendo seguir os movimentos de três jovens, duas raparigas e um rapaz, que foram já detidos e apreendido o haxixe escondido dentro de um automóvel descarregado em Leixões. O carregamento de 568 quilos, é o maior jamais apreendido em Portugal.

A PJ vigiara um automóvel que os jovens alugaram no Porto enquanto não lhes era entregue o que tinham em Leixões.

Na mesma rede há indivíduos de nacionalidade espanhola e inglesa, destinando-se o veículo apreendido a seguir precisamente para Inglaterra. O rapaz deste grupo de três que em Leixões se mantinha à distância veio a ser preso no café «Imperial» do Porto.

«É indispensável conservar as fronteiras entre as várias formações económicas existentes em Portugal», afirmou o secretário-geral do PCP

ÁLVARO CUNHAL

O preço que o PS pagou para evitar a crise

«O que se pergunta — porque ainda não é conhecido — é qual o preço que o PS pagou ao PPD para o PPD não criar uma crise política. Vai ainda piorar a lei com emendas em tal ou tal artigo? Vai dar ao PPD governadores civis? Vai dar-lhe mais lugares no Banco de Portugal? Vai dar-lhe lugares na ANOP? Vai dar-lhe de novo «O Século» ou outro jornal estatizado para que o PPD faça a sua propaganda à custa dos dinheiros públicos tal como o PS hoje faz com o «Diário de Notícias» e outros jornais? De qualquer forma, o pacto PS-PPD anuncia uma nova fase da mais aberta e descarada colaboração e aliança do PS com a direita reaccionária, preparando o terreno para um Governo com participação do próprio PPD e talvez mesmo do CDS.»

(Pág. 2)

AMARO DA COSTA

Socialistas estão perto da "Convergência"

(Pág. 7)

Esquerda: unir!

por Vítor Bento

(Pág. 3)

Ataque contra a Líbia é plano imperialista

(Pág. 13)

Agostinho e Mendes: "doping" animou "Tour"

(Pág. 14)

Política de A a Z

UM DISCURSO CONSTITUCIONALISTA

Na linha de um respeito severo pela função e dignidade dos «Órgãos de Soberania», o general Vasco Rocha Vieira, CEME, presidindo à cerimónia do juramento de bandeira no Regimento de Comandos, na Amadora, declarou: «Já passou o tempo em que as soluções políticas eram ditadas ou impostas por pressões asfixiantes...»

Ao proclamá-lo em tom enérgico, o general Vasco Rocha Vieira não esquecia a fase da vida nacional anterior ao 25 de Abril, a instrumentalização grosseira das Forças Armadas ao serviço do «poder fascista». E por isso, com vigor, acentuou que a obediência das Forças Armadas ao «poder legítimo» as colocava, como a todos os cidadãos portugueses, perante o dever de acatar as decisões dos «Órgãos de Soberania». Nas suas palavras: «Estamos em tempos diferentes, em que as soluções políticas têm que ser encontradas pelos competentes órgãos de soberania que foram constituídos de acordo com os mecanismos democráticos e, portanto, detêm a legitimidade autêntica, conferida pelo povo português.»

Noutro passo da sua alocução o general Rocha Vieira sublinharia: «Não se trata de apoliticismo, mas sim de boa organização de uma sociedade democrática. Todos os militares conscientes compreendem perfeitamente qual a atitude correcta a tomar, e que é sendo fortes e disciplinados que servem a instituição da melhor forma.»

Esta orientação constitucionalista e que, como o general Rocha Vieira afirmou não encaminha as Forças Armadas para o *apoliticismo*, exclui a *partidarização* das Forças Armadas e exige a sua formação política. As Forças Armadas para assegurarem a defesa da Constituição e da Independência Nacional deverão possuir uma preparação política, um grande esclarecimento político, uma perfeita noção do conteúdo da Constituição, um perfeito conhecimento dos problemas nacionais. Matéria básica na instrução militar: a Constituição da República.

Embora o texto constitucional se refira a uma realidade esquecida nos discursos políticos: o MFA.

Problema da democratização das Forças Armadas que permanece, que é causador de equívocos e de má consciência, e que podemos enunciar interrogativamente: Que deverão pensar as Forças Armadas do MFA?

Pois não é verdade que não assumir o MFA é desfigurar o 25 de Abril? Pois não é verdade que a *unidade* das Forças Armadas se processou através do processo crítico e revolucionário da *divisão das Forças Armadas*? Pois não é verdade que *a divisão* teve *uma determinante política*?

Deixamos à meditação dos *cidadãos civis* (em primeiro lugar) e dos *cidadãos militares* (necessariamente), estas interrogações que não pretendem ser maliciosas. Sem malícia e sem maldade as propômos aos respeitáveis leitores. Fazemos, porém, um voto: não sigam nas questões militares e nas questões políticas gerais o exemplo do avestruz.

Esse é um mau exemplo.

COROLÁRIO

Do postulado constitucionalista, no seu discurso proferido no Regimento dos Comandos, tirou o general Rocha Vieira, um corolário que tem oportunidade relativamente aos últimos exercícios dos Comandos no Alentejo. Disse o CEME em comentário: «Desiludam-se os analistas que consoante o seu quadrante se lamentaram ou regozijaram com a realização dos exercícios».

Nem para assustar camponeses, nem para reforçar decisões de burocratas — essas não são tarefas militares. Exercícios são exercícios, e o seu plano tinha sido fixado, o seu calendário estabelecido. sem qualquer correlação com as discussões relativas à Reforma Agrária. Não competem às Forças Armadas funções de intimidação, não lhes quadra um papel policial (positivo ou negativo) no actual entendimento das suas missões. Estão-lhes confiados meios poderosos para a defesa da Independência Nacional, da Constituição, das Instituições Democráticas. As armas não se destinam a ser utilizadas contra o «Povo soberano».

Assim seja.

O RETRATO

Para a posteridade a objectiva dos fotógrafos fixou a actual composição do «Governo de direcção socialista». Esta nota não verrinosa. Mas, efectivamente, **este** já não é o «Primeiro Governo Constitucionnal», e, embora Mário Soares, como tem sido sua regra de conduta, deva negar o que por aí se sabe, esta **foto de aniversário**, é também, uma *foto de despedida*. A remodelação significativa, e acaso ampla, da equipa governamental é uma questão assente.

A remodelação inevitável por razões administrativas (e políticas), tornou-se inadiável por razões políticas (e administrativas e de equilíbrio). As conversações «convergentes» e «divergentes», secantes e paralelas, apressaram-na. Nos meios políticos fala-se de um vice-Primeiro-Ministro, possivelmente militar; fala-se de uma recomposição profunda do sector das finanças com a atribuição da pasta a um social-democrata; fala-se na entrada da equipa de um «homem do Presidente» o que levará à mudança de pasta de um ministro socialista; citam-se os nomes dos que vão partir; avançam-se hipóteses sobre promoções e negociações.

A *direcção socialista* do Governo é uma coisa; mas é bem diferente a outra: um *Governo socialista* ou um *Governo do PS*. As declarações de Mário Soares no discurso de aniversário falam-nos do *desafio do socialismo democrático*, mas as negociações dos bastidores encaminham para a *social-democracia* fortemente impregnada da mentalidade neocapitalista e do tecnocratismo marcelista.

"Não há razões para desânimo" afirma Cunhal em Samora Correia

«(...) *Alentejo e o Ribatejo não voltarão a ser aquilo que foram*», declarou Álvaro Cunhal na segunda festa dos meloeiros e seareiros de tomate que decorreu, ontem, em Samora Correia. Eram aguardadas com enorme expectativa as palavras do secretário-geral do PCP, dada a batalha política que este partido travou na Assembleia da República (e fora dela) contra a «Lei Barreto». Por isso mesmo os milhares de operários agrícolas e pequenos agricultores que acorreram ao comício esperavam que Álvaro Cunhal apreciasse o significado da aprovação das chamadas Bases Gerais da Reforma Agrária e se pronunciasse sobre as consequências que daí poderão advir.

Assim aconteceu. Álvaro Cunhal, referindo-se à aliança entre o PS e o PSD, em torno da aprovação da «lei», lembraria também que apesar de ter votado contra, o CDS não fica de fora pois «*isto traduz-se em novos esforços da direita para, não podemos dizer, encostar o PS à parede porque já o encostou, mas para obter satisfação de outras exigências, a nível governamental, portanto a partilha do poder e, assim, desenha-se um esforço da direita no sentido de conseguir a coligação ou um Governo muito mais comprometido com as forças do grande capital*». No entanto Álvaro Cunhal considerou que o grande derrotado é, sem dúvida, o Partido Socialista na medida em que cada vez mais está a renegar o seu programa. Por outro lado, o PCP mostrou «*ser o único partido capaz de defender a Reforma Agrária, os interesses dos trabalhadores, e dos pequenos e médios agricultores*».

Enquanto o secretário-geral do PCP sublinhou que, apesar da «lei» ter sido aprovada, não há «*razões para desânimo*», os milhares de trabalhadores gritavam «A Vitória é difícil, mas é nossa» e «A luta continua». Aliás Álvaro Cunhal, tal como já tinha afirmado nos discursos que proferiu em Évora e Belém, sustentou que a «*lei Barreto acabará por ser suspensa e revogada, de uma vez para sempre*». Desenvolvendo um pouco mais este ponto, frisou que a batalha de aplicação da «lei» vai ser «*muito complexa, muito dura, muito prolongada*».

Ao referir-se aos dois projectos (Barreto e PSD — este último relativo ao Arrendamento Rural) o secretário-geral do PCP considerou que a sua aprovação ficaria para sempre como uma página negra, na vida da democracia portuguesa e na história do PS. Álvaro Cunhal insistiu ainda na necessidade de «ser feita uma pausa, de serem conservadas as fronteiras entre as várias formações económicas existentes em Portugal».

Referindo-se mais uma vez à «traição» do PS, o secretário-geral do PCP manifestou a convicção de que no caso de se proceder a novas eleições, o Partido Socialista, «*que perdeu 500 mil votos nas segundas eleições e 300 mil nas terceiras, arriscava-se a vir por aí abaixo aos trambulhões, de nada lhe valendo as sondagens do «Expresso» e de outros jornais.*» Recordou ainda que há milhares de militantes e simpatizantes que não poderão de forma nenhuma dar o aval à política praticada por aquele partido o que a médio prazo se traduz num verdadeiro suicídio político.

A «LEI» BARRETO NÃO TERÁ APLICAÇÃO FÁCIL

A propósito da aprovação da «lei» Barreto, o MDP/CDE divulgou um comunicado no qual afirma que o Partido Socialista terá que «assumir a inteira responsabilidade histórica» por tal acto. Tendo em conta que foram os trabalhadores rurais, os pequenos e médios agricultores e rendeiros a mudar por completo a estrutura social e económica do mundo rural, no texto do MDP/CDE sublinha-se que «não será a vontade dos deputados e a traição de um partido e de um Governo aos seus programas que modificará a realidade profunda que o povo português está a construir».

O comunicado acrescenta ainda que a «lei» Barreto e a «lei» do Arrendamento Rural, elaborada pelo PSD, «não terão certamente a aplicação linear e fácil que os seus autores lhe antevêem.

(Mais noticiário sobre Reforma Agrária na página 5).

PORTUGAL E A C.E.E.
Vítor Constâncio em Bruxelas faz "ponto da situação"

Partiu ontem para Bruxelas o dr. Vítor Constâncio, presidente da comissão para a integração de Portugal na CEE. Na capital belga, reunir-se-á com a comissão da Comunidade Económica Europeia encarregada de dar parecer sobre a admissão de Portugal.

Nas declarações prestadas à partida, Vítor Constâncio, depois de destacar que o alargamento do Mercado Comum é hoje considerado como inevitável, informou que aquela reunião se destina «a fazer o ponto da situação antes das férias» e a «dar mais alguns elementos de informação à comissão da CEE» para que «esta possa, de facto, cumprir os prazos que a si mesma se deu, de terminar o parecer sobre o nosso pedido de adesão até ao fim do ano ou princípios do ano que vem».

Interrogado sobre qual a tendência dominante, entre os membros da CEE, no que respeita ao alargamento do Mercado Comum, Vítor Constâncio disse que, do ponto de vista político, não há posições desfavoráveis, existindo embora, por parte de alguns países, certas objecções técnicas ou económicas ao alargamento.

A delegação portuguesa, chefiada pelo dr. Vítor Constâncio, integra representantes dos Ministérios do Comércio e dos Negócios Estrangeiros, sectores da administração directamente envolvidos no problema da integração de Portugal na Europa dos «nove».

Trabalhadores desmentem Florêncio Matias

Algumas passagens da intervenção do deputado do Partido Socialista, Florência Matias, presidente da cooperativa agrícola do Vale Rico Homem, em S. Mansos, quando da discussão da «lei Barreto» na Assembleia da República, motivaram uma tomada de posição da parte dos trabalhadores da UCP «Torre dos Coelheiros», do concelho de Évora.

Reunidos em plenário aprovaram uma moção de repudio contra as «palavras caluniosas» de Florêncio Matias, segundo o qual as herdades «Anegaça», «Atafona», «Rebaldia», «Cabida» e «Campo de Mira», integradas na Unidade Colectiva de Podução «Torre dos Coelheiros», se encontram por semear. Segundo os trabalhadores, o deputado do PS «mente descaradamente». E acrescentam ainda que podem provar como essas afirmações não passam de uma «repugnante difamação» contra os trabalhadores rurais do Alentejo.

Perante a gravidade das palavras de Florência Matias os trabalhadores da «Torre dos Coelheiros» convidam «quem quer que seja a visitar essas herdades pois assim ficaria demonstrado como aquele deputado está ao serviço dos agrários e dos capitalistas».

FAP VAI RECEBER AVIÕES AMERICANOS

. Aviões de transporte militar «Hércules C-130», fornecidos pelos Estados Unidos, deverão entrar ao serviço da Força Aérea Portuguesa muito em breve, provavelmente já no próximo mês de Setembro.

Os primeiros aparelhos daquele tipo a chegarem a Portugal (parte de uma remessa mais vasta) serão pilotados por militares portugueses que se encontram desde há algum tempo nos EUA recebendo instrução de voo.

Este fornecimento de «Hércules C-130» integra-se na reestruturação que a FAP está a proceder relativamente ao seu material, esperando-se que aviões de reconhecimento da classe PC-3 substituam em breve os aviões de combate anti-submarinos PP2-V5, demasiado antiquados.

Noticiário breve

COMANDOS REÚNEM

Os comandos da Região Militar do Norte estão hoje reunidos na Póvoa de Varzim, no âmbito dos contactos regulares promovidos pelo brigadeiro Pires Veloso, que preside aos trabalhos.

LOUREIRO DOS SANTOS

Parte hoje para a Madeira o vice-chefe do EMGFA, general Loureiro dos Santos. Nos últimos dias aquele oficial participou em diversas reuniões de carácter militar na região dos Açores.

RELAÇÕES LUSO-BRASILEIRAS

Dirigentes de três organizações comerciais — duas brasileiras e uma portuguesa — assinarão amanhã na Secretaria de Estado do Comércio Externo, um protocolo com o Fundo de Fomento de Exportação para a realização de um programa conjunto de comercialização recíproca de exportações e importações de produtos dos dois países. O protocolo fixa como objectivo a realização de um volume de transacções na ordem dos 4 mil milhões de escudos.

EXPROPRIAÇÕES

Por portaria do MAP foram mandados expropriar mais oito prédios rústicos na zona de intervenção da Reforma Agrária. O diploma governamental foi hoje publicado no «Diário da República».

ENGENHEIROS COMUNISTAS

Realizou-se no Porto a 1.ª Assembleia da Organização dos Engenheiros e Engenheiros Técnicos Comunistas. Foi aprovado o relatório de actividades desenvolvidas nos últimos três anos e eleito o novo organismo de direcção. Os trabalhos puseram a tónica no reforço da unidade naquele sector de actividade.

CONVÍVIO SOCIALISTA

Realizou-se ontem, em Ponte de Sor, um convívio socialista que contou com a presença de Vasco da Gama Fernandes, presidente da Assembleia da República, e de Medeiros Ferreira, ministro dos Negócios Estrangeiros. Presentes ainda o governador civil de Portalegre e elementos dos órgãos autárquicos da região.

DESCONTO 20%
MOTIVO OBRAS — LIQUIDAÇÃO TOTAL
Mobílias modernas e de estilo, móveis soltos, jogos de maples, sofás-cama, etc.
FÁBRICA DE MÓVEIS E ESTOFOS
SUPERCONFORTO
Rua Maria Andrade, 64 (junto Igreja dos Anjos)

post-scriptum

O FASCISMO ESPREITA

A canícula começa a apertar e com ela sobe a temperatura da vivência social. No horizonte vermelho de inquietação, há vagas silhuetas indefiníveis de promessas, e clarões rasgados de ameaças veladas ou histéricas. Tudo leva a crer que vamos ter, senão um «Verão Quente», pelo menos um período conturbado e angustioso.

O Governo vacila, embriagado no «orgulhosamente só» suicída e amedrontado com os espinhos da solitária caminhada imprevisível. Entretanto, a direita reaccionária, oportunista e aborrecida de migalhas para entretenimento, ataca em fúria, faz de qualquer novelo indefinível um Adamastor gigantesco, rosna ameaças e faz chantagens. Agora, quais corvos insaciados sem paciência, só os satisfazem a queda do Governo, na esperança de que eles formem um abertamente reaccionário, para a inversão total e rápida da História.

E, à sombra da direita, manobrando «marionettes» ou simplesmente à espera da hora oportuna de lançarem seus juros do desgaste social constante, está esse monstro tenebroso que nos vilipendiou durante 48 anos de sangue, terror e miséria. O fascismo. O fascismo está vivo, espreita, levanta a cabeça.

O fascismo, percam as ilusões os mais crédulos e optimistas, é ainda! um perigo iminente. O fascismo é ainda! uma ameaça constante.

O fascismo levanta a cabeça e espreita pelos olhos do general de opereta Kaulza. Esta personagem digna de contracenar com Frankenstein, por muita graxa que lhe puxem e rótulos abusivos que ele despudoradamente aponha, é a personificação exacta dos regimes que a História condenou e os homens odeiam. É o homem que, pouco antes do dia libertador, quis derrubar Caetano para constituir uma caricatura de governo ainda mais de direita! É o antigo (e saudosista) maioral dos facínoras que semearam a violência e a humilhação em Moçambique lutando pela sua própria fisionomia. É o responsável por milhentos massacres com requintes de malvadez das populações, nativas indefesas e pacatas. É, numa palavra, um fascista retinto e cabeçudo. Mas ei-lo à frente das hostes fantasmas de um autodenominado «movimento de reconstrução», prometendo o que qualquer homem digno despreza.

O fascismo levanta a cabeça e ameaça, ameaça com histeria e ridículo, nas páginas dessa imprensa hebdomadária que prolifera impunemente. É vermos as calúnias, as intrigas, as mentiras mais assombrosas em que se mostram exímios praticantes. É vê-los empolar crises no Conselho da Revolução (e alguns dividendos têm tirado), é vê-los pedir a destruição das instituições democráticas pela violência, é vê-los instigar linchamentos e terrorismo.

O fascismo levanta a cabeça e agride já! nas ilhas martirizadas e no Nordeste amordaçado. Atente-se nesse clima de terror, e perseguição aos progresistas que nem a caravana do Presidente da República respeita, agredindo e enxovalhando jornalistas que têm tido o brio e a dignidade de denunciar os crimes perpetrados nessas coutadas de obscurantismo e repressão.

O fascismo levanta a cabeça e é ainda (!) uma realidade inquietante com a impunidade e benevolência de que gozam «pides» e bombistas, carrascos da liberdade e potenciais executores do «revanchismo» que não podemos deixar passar.

«Os dados estão lançados» disse algures Júlio César. A extrema-direita também jogou aqui os seus. Apostou no fascismo.

Apostam no regime que nos legou uma bruta dívida externa, milhão e meio de emigrantes, meio milhão de alcoólicos e outros tantos cegos, centenas de milhares de desempregados e outra tanta gente sem quaisquer cuidados ou previdência na velhice e na doença. Apostam nas forças que nos empurraram para a iníqua guerra colonial onde se consumiram 160 milhões de contos para matar 15 mil jovens e estropiar 40 mil. Apostam nos estatutos sociais que entregaram a economia a sete monopólios e deram mais terra a 500 grandes agrários que a 500 mil pequenos agricultores. Apostam no obscurantismo de uma censura implacável e de cerca de 40 por cento de analfabetos. Apostam na repressão feroz e sanguinária da PIDE/DGS, LP, MP, acolitados por alguns elementos das forças militarizadas.

Disse um filósofo que, se o cérebro não tivesse a faculdade de esquecer a vida era insuportável. Porém, os dados supracitados, voz eloquente do passado que abominamos, não podem ser esquecidos.

Pires Campaniço — BEJA

«A LEI BARRETO»

Disse o sr. ministro Barreto que a Lei que apresentou na Assembleia da República para discussão e aprovação defende uma verdadeira Reforma Agrária. Não lhe parece estranho, senhor ministro, que um deputado do CDS, Carvalho Cardoso, se tenha mostrado satisfeito por ter finalmente chegado a oportunidade de discutir e votar uma lei de bases da Reforma Agrária nos termos da Constituição? E declarou bem vinda a proposta de Barreto por visar a instalação de uma Reforma Agrária autêntica. Porventura alguma vez esses deputados que estão sentados na bancada do CDS, no tempo do fascismo, defenderam o direito do trabalho dos alentejanos e dos restantes trabalhadores do nosso País? Nunca.

Não lhe parece estranho, senhor ministro Barreto?

Manuel J. Barreiros
— TORRES NOVAS

ESQUERDA: UNIR!

VÍTOR BENTO

«Do rio que tudo arrasta se diz que é violento
Mas ninguém diz violentas
As margens que o comprimem»

BERTOLT BRECHT

Que o leitor não pense que decidi calçar as botas para melhor conhecer a carreira da tropa e que esta seria já uma voz de comando! De resto, a minha última obrigação militar não foi nada lisonjeira. Iam passados cinco anos sobre o serviço obrigatório, era já um quadro com responsabilidades numa empresa, quando fui chamado por mais três meses. O adiamento do início dos cursos de milicianos provocara o que era considerado uma carência de oficiais: para além dos serviços regulares na unidade, fui então encarregado de dirigir a caiação de riscos no chão do cais de Alcântara, para os alinhamentos antes dos embarques para África, de preparar autos de acidentes de viação, de montar a tribuna para o 10 de Junho (o do Terreiro do Paço) e até de ser porta-bandeira da unidade (por escala). De dois episódios me recordo ainda, em particular. Um, o de ter um dia constatado que o condutor que habitualmente me guiava era um epiléptico, outro o do raspanete do coronel devido ao atraso em se arranjar um espigão amarelo que caíra de um dos cadeirões, o que, pelo facto de pertencer a uma instituição pública, tinha originado a troca de vários ofícios. Eu tive de encaixar a repreensão já que o cabo a quem encarregara do assunto não era muito diligente. Isto porque nunca tive temperamento para usar o processo, então clássico, de passar a «batata quente» pela escada hierárquica abaixo. Como agora também se usa na RTP...

Parece que isto não tem nada que ver com a esquerda, mas talvez tenha...

Mas, afinal, quem é a esquerda? Entendo que é o conjunto de cidadãos isolados ou organizados em associações, grupos de intervenção e movimentos, que com o mínimo de entendimento da política — a real e não a que é o palco dos partidos — julgam necessário assumir uma posição crítica face ao poder, sempre que ele se desvia do propósito de atender aos interesses da maioria dos cidadãos e de uma maior justiça social e não introduz as alterações das estruturas que as situações específicas impõem. Serão também de esquerda, quantos, militando nos partidos, colocam a independência da sua consciência à frente do caciquismo de meia dúzia de senhores, que em cada um desses clubes políticos se pretendem os intérpretes da vontade dos seus eleitores e decidem, em almoços ou cavaqueiras de salão, os destinos do país que os sustenta. Este vasto leque de interessados anda desmobilizado, pulverizado, apático ou, em alguns casos, ainda «senhor do seu nariz», já que fora tão fácil «ser vanguarda» durante a primeira parte do «processo».

Mas este largo sector tem a obrigação de saber que há sintomas muito inquietantes de que as forças retrógradas ganham cada vez mais terreno em várias frentes e que toda a mudança exige um trabalho de esclarecimento e motivação que não se compadece com o desânimo, o comodismo, o desinteresse e a intolerância. Só a alteração concreta das condições de vida de quantos já estão cansados do vozear de «ideologias» e da demagogia — a antiga e a actual — permitirá uma adesão maciça à mudança necessária.

À direita bastar-lhe-á esperar, aproveitando a inércia, a mediocridade e o egoísmo nacionais, quando são os potenciais agentes da mudança que se dividem e se mostram incapazes.

O «BONAPARTISMO»?

Alguém me sugeriu que relesse o «18 do Brumário» a obra crítica e assaz irónica onde se descreve o caminho óbvio da «vitória de Bonaparte sobre o parlamento, do poder executivo sobre o poder legislativo, da força sem frases sobre a força das frases».

Também então os representantes da mentalidade burguesa se aproveitaram do movimento revolucionário das classes proletárias, o domaram, formalizaram e reprimiram. «A burguesia conservava a França resfolegando de pavor ante os futuros terrores da anarquia vermelha; Bonaparte descontou para ela esse futuro quando, a 4 de Dezembro, fez com que o exército da ordem, inspirado pela aguardente, fuzilasse em suas janelas os eminentes burgueses dos Boulevards Motmartre e dos Italianos. A burguesia fez a apoteose da espada; a espada a domina. Destruiu a imprensa revolucionária; sua própria imprensa foi destruída. Colocou as reuniões dos proletários sob a vigilância da polícia; seus salões estão sob a vigilância da polícia...

Reprimiu todos os movimentos da sociedade através do poder do Estado; todos os movimentos da sua sociedade são reprimidos pelo poder do Estado...»

«...só faltava uma coisa para completar o verdadeiro carácter dessa república: tornar permanente o recesso e substituir a divisa: Liverdade, Igualdade e Fraternidade pelas palavras inequívocas: Infantaria, Cavalaria, Artilharia!».

Também, então, tudo se fazia em nome do «socialismo», mesmo as medidas destinadas a satisfazer os interesses mais gratos da burguesia.

Haverá disso alguma lição a tirar pela esquerda portuguesa? Todas as experiências históricas são lições a aproveitar, sem que nos seja permitido esquecer que os conhecimentos dos intelectuais serão estéreis, quando não fermentados no campo fértil da ansiedade e espontaneidade populares e nas suas exigências quotidianas. Por isso quando o Presidente da República reclama o desenvolvimento das terras interiores das Beiras e do Nordeste, apetece desabafar: desenvolva, desenvolva, a ver se o consegue, com a política dos actuais governantes e a dos mais próximos candidatos!

QUE FAZER?

Considerando que os extremos mais representativos desta esquerda são talvez o MSD e os independentes do MUPe entre eles meia dúzia de organizações), creio indiscutível que há verdades comuns já adquiridas: a crise económica é excessivamente séria e só é possível manter um pseudo equilíbrio social à custa dos «favores» internacionais, feitos a um Governo que se vende por qualquer preço, andando quase diariamente a arrebanhar as notas estrangeiras para satisfazer compromissos, o que evidentemente não é modo de vida; não estão criadas condições para que as classes sociais opostas exerçam, ou o domínio de uma das partes, ou negoceiem um equilíbrio evolutivo (que pesada herança foi a do «Estado-paternal» corporativo!); o aparelho de Estado, a máquina informativa e o sistema cultural não estavam preparados para assumir um papel motor e dinamizador; por último e mais importante para os teóricos, que caminho será esse o da construção do socialismo no quadro actual de uma Europa Ocidental, em crise de sistema? Se aquelas concepções extremas — o reformismo social-democrata de um lado e a democracia da base do outro — não são realizáveis a prazo útil, em face de possíveis e perigosas decisões da agora, porque não estabelecer uma regra realista de prioridades? Porque não aproveitar, em conjunto, as contradições do sistema que nos querem impingir e que sabemos não ser viável?

Vamos assistir, no futuro próximo e em função desta impotência intrínseca do sistema a formas de governo progressivamente mais repressivas, chamem-se elas «democracias musculadas», «bonapartismo» ou até, eventualmente, neofascismo, se a burguesia europeia encontrar na área política, os comparsas equivalentes aos Lefebvers da área religiosa. Isto é, quando for necessário instalar o governo ideal dos imbecis, o estado de sítio permanente, como dizia Cavour. Para quê continuarem essas organizações nas suas reuniões «familiares» repetitivas e obcecantes com escassas dezenas de pessoas? As sobrecargas e dificuldades financeiras e administrativas com sedes e publicações próprias? Por que não juntarem forças, ideias e estratégias para derrubar com a inteligência (ou a gargalhada) as tentativas dos malabaristas da política que recusam o esforço honesto e a ligação da história em troca de empregos públicos?

Está em causa uma nova hipoteca a longo prazo. Será que incapazes de discutir os termos de entendimento com a devida antecedência, assinaremos o termo de falência perante um «salvador»? Neste país, adormecido entre «cornélias» e «gabrielas», aqui fica um tema para reflexão, nas areias quentes da praia. Ou em acres suores, nas fábricas e nos campos...

CHILE

O VERDADEIRO "ROSTO" DA JUNTA

Julho (IPS) — O encarregado de Negócios da Junta Militar chilena nas Nações Unidas entregou um comunicado ao secretário-geral desse organismo em que assinala que o regime de Pinochet proibiu a libertação de mais presos políticos, mas salienta que isso não significará a suspensão dos pedidos especiais de indulto apresentados pelos condenados em Tribunais Militares.

Este comunicado tem a única virtude de clarificar a situação dos presos no Chile. O regime de Pinochet vem mantendo repetidamente que já não tem presos políticos, uma vez que os detidos foram condenados pelos Tribunais Militares ou presos por delitos comuns, e são considerados como tais os agora chamados «delitos militares». A nota entregue a Waldheim tem como objectivo insistir em que o senador comunista Jorge Montes foi o último «subversivo» a ser posto em liberdade, mas, ao acrescentar que está terminada «a fase de libertação de elementos subversivos», reconhece que há mais chilenos presos que cabem nesta classificação e que continuarão nas penitenciárias e campos de concentração

Ao falar de elementos subversivos, admite-se que se trata de presos políticos, embora se argumente que o não são, uma vez que não estão presos por violação das normas do «estado de sítio», mas por outras razões.

A ditadura chilena empenhou-se tanto em tentar mudar o verdadeiro sentido das coisas que acabou por enredar-se na sua própria terminologia e por admitir publicamente o que queria negar.

No comunicado a Waldheim afirma-se também que a decisão de não libertar mais presos políticos não implica a suspensão de pedidos de indulto apresentados pelos condenados em Tribunais Militares. No entanto, os factos demonstram que essa suspensão é já uma realidade. O indulto a que se referiu o representante de Pinochet é a possibilidade, estabelecida pelo Decreto n.º 504, de que os presos condenados por Tribunais Militares possam pedir a comutação da pena imposta. Os pedidos apresentados foram muitos; os aprovados uma percentagem ínfima. A ditadura expulsou do país pessoas presas durante muito tempo sem qualquer julgamento, mas não deu qualquer seguimento aos pedidos a que nos referimos.

Tudo o que afirma o regime chileno em relação aos presos políticos é falso e os decretos a que alude para argumentar que respeita os direitos humanos só são publicados para que haja um texto a citar.

M. E. I. C.

INSTITUTO PORTUGUÊS DE ONCOLOGIA DE FRANCISCO GENTIL

AVISO

Está aberto, perante este Instituto, até 19 de Agosto de 1977, concurso documental para o preenchimento dos lugares adiante indicados no Centro de Lisboa do Instituto Português de Oncologia de Francisco Gentil:

a) — Auxiliares de Enfermagem, eventuais, a que podem concorrer indivíduos habilitados com o curso de Auxiliares de Enfermagem.

b) — Enfermeiros de 2.ª classe, eventuais, a que podem concorrer indivíduos habilitados com o Curso Geral de Enfermagem, ou com o Curso de Promoção (Decretos N.º 346/72, de 30 de Agosto e N.º 440/74, de 11 de Setembro).

Os interessados devem contactar com a Superintendência de Enfermagem do Centro de Lisboa deste Instituto, das 9 às 17 horas de 2.ª a 6.ª feira e das 9 às 12 ao Sábado, onde estarão patentes as condições do concurso.

IPOFG, 12 de Julho de 1977,

O Delegado do MEIC e Administrador

Raul da Costa Dionísio

Major

A C. P. informa:

Por motivo dos trabalhos de Renovação da Via, na Linha da Beira Baixa a partir de 19 de Junho e de segunda a sexta-feira, são suprimidas as seguintes circulações:

— Comboio n.º 3021 com partida de Lisboa (Santa Apolónia) às 10 h. 45 m. e chegada à Guarda às 20 h. 20 m., suprimida a circulação somente entre Abrantes e Fratel de segunda a sexta-feira excepto nos dias de feriado oficial.

— Comboio n.º 3111 com partida de Entroncamento às 9 h. 08 m. e chegada à Guarda às 15 h. 26 m.

— Comboio n.º 3281 com partida de Fratel às 6 h. 20 m. e chegada a Castelo Branco às 7 h. 50 m.

— Comboio n.º 3321 com partida de Castelo Branco às 12 h. 50 m. e chegada à Guarda às 16 h. 21 m.

— Comboio n.º 3010 com partida de Castelo Branco às 9 h. 40 m. e chegada a Lisboa (Santa Apolónia) às 14 h. 30.

— Comboio n.º 3110 com partida de Covilhã às 7 h. 05 m. e chegada a Entroncamento às 12 h. 02 m.

Em sua substituição são criadas as novas circulações, cujo horário se indica para as principais estações.

23281	11/ /23111		Estações		3320/ /23010
	7-35	P.	Lisboa/Santa Apolónia	C.	14-00
	-		Braço de Prata		13-54
	8-00		Vila Franca de Xira		13-34
	8-31		Santarém		13-04
	8-53	C.	Entroncamento	P.	12-42
	9-08	P.		C.	11-58
	9-46		Abrantes		11-09
6-48	11-22		Fratel		9-17
8-10	12-26	C.	Castelo Branco	P.	8-24
	12-30	P.		C.	8-15
	14-06		Fundão		6-35
	14-38		Covilhã		6-04
	15-50		Guarda	P.	4-55

DE FÉRIAS COM O Diário de Lisboa

Aceitam-se assinaturas de férias pelo período mínimo de 10 dias, ao preço de 6$00 por exemplar

NÃO SE ENVIAM RECIBOS À COBRANÇA

FAÇA FÉRIAS ECONÓMICAS

Instale o economizador de gasolina no seu carro antes de ir para férias e passe a gastar gasolina a 16$50/litro

Peça-o à MEPROTEX, Lda — Av. Júlio Dinis, 10 ... 772938 em Lisboa ... da Boavista, 992 3.º Esq. ☎ 69 21 95 no Porto

enviamos à cobrança (+20$ p/portes) para todo o país

BISPO DO FUNCHAL CONTRA O PÁROCO DA RIBEIRA SECA

Subchefe da polícia saca da pistola dentro da sacristia

FUNCHAL, 25 — Um incidente entre o bispo D. Francisco e o padre Martins, não permitiu a realização, no último sábado, da cerimónia de crisma a trezentas crianças da vila de Machico. O bispo pretendia que o padre abandonasse a igreja, alguém chamou a Polícia de Choque e o subchefe Araújo sacou da pistola em plena sacristia. No exterior, gritava-se: «O padre não sai, a Igreja é do povo!»

Na verdade, o bispo do Funchal, D. Francisco Santana, opôs-se a que o padre José Martins Junior, da Ribeira Seca, concelebrasse com ele. «DL» registou o diálogo:

— «Não admito que concelebres comigo.»

— «Mas olhe que vou ser padrinho de uma criança.»

— «Não autorizo, porque não estás de acordo comigo.»

O padre Martins estava de facto indicado para padrinho de uma criança, tendo sido oportunamente entregue ao padre Ribeiro, pároco de Machico, o boletim de confirmação n.º 168, com data de 23 de Julho.

— «Então fico a assistir», disse o padre.

— «Não podes, tens de sair.»

— «Não saio desta igreja. Só aos pontapés ou aos pedaços...»

A certa altura, um representante do «Diário de Notícias» madeirense, por sinal presidente da Junta de Freguesia, passou a tirar fotografias. D. Francisco zangou-se:

— «Dê-me já essa máquina!»

— «Represento um órgão da Comunicação Social.»

— «Aqui quem manda sou eu.»

Dito isto, o bispo arrancou a máquina das mãos do outro. Acabaria por devolvê-la mais tarde, já sem o rolo.

Entretanto, o subchefe Araújo, que vestia à civil, agarrava o repórter-presidente da Junta e arrastava-o até à porta da sacristia. Surgiram os apupos e o subchefe voltou à sacristia de pistola em punho.

Enquanto o padre Martins se dirigia para o interior da igreja, o padre Ribeiro chamou dez pais de crianças à presença do bispo. Tratava-se de arranjar testemunhas. Foi depois chamado o padre Martins, a quem o bispo voltou a ordenar que saísse. O padre respondeu «não».

Sempre na presença de testemunhas, o bispo disse ao padre Martins que lhe suspenderia as ordens. Na circunstância, o padre recomendou-lhe calma: «O senhor bispo está a exceder-se.»

— «Tu a recomendar prudência ao teu bispo?...»

— «O senhor bispo está a abusar de um poder que não tem. Eu nasci em Machico, nesta igreja fui baptizado, aqui fiz a primeira comunhão, aqui dei a primeira missa. Se não quer, vou ao microfone e explicarei o que se passa.»

No exterior, um numeroso grupo de paroquianos gritava «o padre não sai, a Igreja é do povo!». Apareceu então a Polícia de Choque, que se dirigiu para o edifício da Câmara, defronte à igreja, na manifesta intenção de intervir, caso fosse necessário.

A certa altura o bispo ajoelhou-se perante o altar e o padre Martins fez o mesmo, levantando-se depois, ficando de pé a respeitável distância do chefe da diocese. Ali esteve o bispo ajoelhado durante mais de uma hora, com o padre Martins atrás de si.

Mais tarde, o secretário do bispo fez a sua aparição. Visivelmente preocupado, veio anunciar que desapareceu o báculo do senhor bispo.

Eram 18 horas quando D. Francisco deu instruções ao vigário para levar as ampulas para a residência do pároco, junto à capela dos milagres, a duzentos metros do local. E saíu da igreja.

À saída, e apesar dos pedidos do padre Martins, «deixem passar o senhor bispo», o prelado viria a ser insultado e agredido. Conseguiu no entanto alcançar o seu automóvel e seguiu para o Funchal.

Entretanto, e embora D. Francisco de Santana aparente boa saúde, na missa ontem transmitida através da rádio foi feito um apelo à população para orar pela «saúde do senhor bispo».

Feito o balanço dos incidentes, temos que trezentas crianças ficaram por crismar, desapareceu o báculo do bispo e o representante do «DN» ficou sem o rolo.

Dois pormenores interessantes: o caso de uma criança que ofereceu ao padre Martins um livrinho de canções litúrgicas, para que ele cantasse com elas, e uma tirada de D. Francisco dirigindo-se ao pároco da Ribeira Seca: «Eu já sei que estás combinado com o 'Diário de Lisboa'.»

M. E. I. C.

INSTITUTO PORTUGUÊS DE ONCOLOGIA DE FRANCISCO GENTIL

AVISO

Torna-se público que, até 6 de Agosto próximo, inclusive, está aberto, perante este Instituto, concurso documental para preenchimento, no Centro de Lisboa, do lugar de 1 Conservador de arsenal cirúrgico, além do quadro, a que compete a remuneração mensal ilíquida de 7 100$00, corresponente à letra Q, a que podem concorrer indivíduos com a carteira profissional de oficial de serralheiro-ferramenteiro de material cirúrgico. Não havendo concorrentes com as habilitações literárias correspondentes ao 2.º ciclo liceal ou equivalente, serão os mesmos submetidos a provas práticas de aptidão profissional.

Os interessados devem contactar com o Serviço de Pessoal do Centro de Lisboa deste Instituto, das 9 às 12 e das 14 às 17.30 horas de 2.ª a 6.ª feira e das 9 às 12.30 horas ao sábado, onde serão fornecidas as condições do concurso.

Instituto Português de Oncologia de Francisco Gentil em Lisboa, 1 de Julho de 1977.

O DELEGADO DO MEIC E ADMINISTRADOR

Raúl da Costa Dionísio

Festa do emigrante em Olhão

Promovida pelo Sporting Clube Olhanense, com o apoio da Comissão Regional de Turismo do Algarve e da Câmara Municipal de Olhão, vai decorrer no Estádio Padinha desta vila, de 13 a 20 de Agosto, a Festa do Emigrante.

No recinto, onde irá funcionar uma minifeira, haverá diversos espectáculos, com a participação de artistas como Amália Rodrigues, José Freixo, Hermínia Silva, Cidália Moreira, ranchos folclóricos, filarmónicas e conjuntos musicais.

TRIBUNAL CÍVEL DA COMARCA DE LISBOA

1.º JUIZO

ANÚNCIO

1.ª PUBLICAÇÃO

São citados os credores desconhecidos que gozem da garantia real sobre os bens penhorados aos executados para reclamarem o pagamento dos respectivos créditos, pelo produto de tais bens, no prazo de dez dias, depois de decorrida a dilação de vinte dias, que se começará a contar da 2.ª e última publicação do anúncio. Execução sumária n.º 7144 2.ª secção. Exequentes — Vilarinho & Ricardo - Comércio e Indústria, SARL. Executado — José Albano Gonçalves Martins e mulher Belmira Mateus de Jesus Martins, residentes na Rua das Terras das Eiras, n.º 2, na Amadora.

Lisboa, 4 de Julho de 1977

O Juiz de Direito

Alberto Leite Ferreira

O Escrivão de Direito

Agostinho Fernandes Abreu

AO EMIGRANTE

Se sabe ler e escrever e necessita da carta de condução, pois o seu exame será antecipado!

Dirija-se à

ESCOLA DE CONDUÇÃO MONUMENTAL

Av. Manuel Maia, ... Lisboa ...

Telefs. 672353 - 539712

Temporal no Alentejo

Desconhece-se ainda a extensão e a gravidade dos prejuízos causados pelo violento temporal que assolou parte do Alentejo na noite de sexta-feira para sábado. As zonas de Évora e Elvas foram as mais afectadas, estando completamente perdidas muitas das culturas, em especial a do tomate.

Em Évora, a precipitação atingiu os 65 litros por metro quadrado, em Elvas ainda não se sabe o valor da chuva, enquanto em Beja não chegou sequer a chover.

Para além de palheiros e algumas residências de trabalhadores destruídas, os pequenos agricultores debatem-se agora com as suas searas e plantações de tomate arruinadas. Registou-se ainda a falta de luz eléctrica durante várias horas em Évora.

Patriarca de Lisboa não vai para Roma

Um porta-voz do Patriarcado de Lisboa desmentiu esta manhã à ANOP a notícia publicada no «Portuguese Times», segundo a qual o cardeal-patriarca de Lisboa iria ser chamado para Roma, a fim de criar uma vaga que seria preenchida pelo bispo do Porto.

O «Portuguese Times», jornal de língua portuguesa que se publica em Nova Bedford, Massachusetts, cita «círculos católicos altamente bem informados» e data a notícia de Lisboa.

O informador do Patriarcado achou «muito estranha» a publicação de tal notícia, dada a «condidencialidade que revestem assuntos desta natureza».

Comboio descarrila

PORTO, 25 — Esta manhã, pouco depois das 8 e 30, descarrilou um comboio de passageiros, à saída da estação da Senhora da Hora, que procedia daquela estação e se destinava à Trindade.

Não houve feridos, apenas danos materiais e interrupção no tráfego ferroviário.

Os trabalhos de carrilamento e desobstrução da via iniciaram-se imediatamente e é de esperar que esta tarde tudo fique normalizado.

NO FIM-DE-SEMANA Seis mortos e 124 feridos

Morreram seis pessoas e ficaram feridas 124, em 112 acidentes rodoviários detectados em todo o País pela GNR no período das 12 horas de sexta-feira ao meio-dia de domingo.

Um informador da Brigada de Trânsito da GNR disse esta manhã que o trânsito de ontem na área da Grande Lisboa foi «bastante intenso» e que cerca das 22 e 30 com o auxílio de um helicóptero da Força Aérea Portuguesa o tráfego estava completamente normalizado nos principais acessos à capital.

ALENTEJO EM TEMPO DE DEBATE

5 UCP "Humberto Delgado" dá vida nova ao Sabugueiro

Na aldeia do Sabugueiro, concelho de Arraiolos, a vida gira à volta da UCP «Humberto Delgado», que absorveu toda a mão-de-obra disponível. Os pedreiros que lá havia «foram trabalhar para a Reforma Agrária». Há semmpre que fazer: montes e malhadas a reparar ou instalações a construir desde os alicerces. Neste momento constroem a sede da Cooperativa — a partir de um prédio velho que os trabalhadores compraram por 10 mil escudos. O dono da oficina de bicicletas fechou a «loja» e entrou para a UCP como serralheiro. Os mecânicos que trabalhavam nas oficinas de Arraiolos e de Évora também aderiram. Os assalariados agrícolas, condutores do processo da Reforma Agrária, já não necessitam de passar metade do ano fora da sua terra. Iam trabalhar, durante temporadas, nas searas de melão e tomate das lezírias de Vila Franca. Ou para as vindimas do Ribatejo. Ou para a apanha da azeitona na zona de Fátima. Hoje podem ficar ao lado das famílias sem que o espectro do desemprego venha perturbar a tranquilidade do seu quotidiano.

A Cooperativa «Humberto Delgado» tem 7600 hectares de terra, duzentos e sessenta trabalhadores. Abrange quatro concelhos (Mora, Arraiolos, Montemor e Coruche) e os distritos de Évora e Santarém. No entanto, os trabalhadores pretendem que a Cooperativa seja um centro social, económico e cultural ao serviço da freguesia do Sabugueiro. Um centro de poder popular. Quando o ministro António Barreto e os deputados do Partido Socialista fingem não entender o que significa uma UCP estão a mistificar a realidade. Que forma mais perfeita de organização que uma unidade colectiva de produção? Toda a população participa nos plenários da UCP — um organismo democrático onde cada um expõe a sua opinião livremente.

CARNE FRESCA

O povo do Sabugueiro abastece-se no talho da UCP. Dantes a pouca carne que comia era salgada. Hoje tem possibilidades de comer carne fresca, fruta e outros géneros alimentícios produzidos na «Humberto Delgado». Não está muito longe o tempo em que o povo das aldeias alentejanas só comia «sopas de toucinho» ou açorda. Sem hipóteses de variar. Primeiro porque não havia dinheiro para uma alimentação mais rica e depois porque os produtos eram difíceis de encontrar. Quem quisesse adquirir um pouco de carne fresca tinha de deslocar-se à vila ou à cidade mais próxima.

A UCP «Humberto Delgado» aumentou o efectivo pecuário; as vacas de 300 para 598; suínos de 309 para 1491; ovino de 967 para 1546 e vacas taurinas de 5 para 7. Possuem ainda um bezerro, um toiro e um novilho. O ano passado a venda do gado rendeu 3 924 714$00, a dos suínos 4 265 332$00 e do ovino 1 179 189$00. Venderam à CRA e a intermediários.

Um dos membros da Comissão Directiva da Unidade Colectiva de Produção, Joaquim Miguel, ex-pequeno agricultor, conta-nos alguns pormenores sobre o funcionamento da «Humberto Delgado». Fornece, com a ajuda de dois jovens escriturários, dados, números.

Explica-nos que as carências de transportes os impede de irem colocar o gado na CRA. Viram-se, por isso, obrigados a recorrer aos intermediários.

Joaquim Miguel conta também como se deu a ocupação das terras que constituem a Unidade Colectiva de Produção. *Na altura abundava o desemprego. O sindicato distribuia os trabalhadores pelos agrários e estes quando chegava o fim-de-semana recusavam-se a fazer os pagamentos dos salários. Andávamos constantemente a caminho dos tribunais. Estávamos fartos e avancámos para a ocupação...*

Na aldeia do Sabugueiro (e arredores) a família Félix Mira exercia um domínio poderoso. Dona de oito herdades que transformaram em coutadas. *Esticavam o arame junto à aldeia para ver se a gente passava para o outro lado*, diz Manuel Garcia Júnior, que comda Comissão Directiva da UCP «Humberto Delgado». O descaramento dos exploradores foi ao ponto de tentarem isolar os trabalhadores em perfeitos «gethos». Contaram-nos o caso de um construtor civil, Manuel Garcia Junior, que comprou uma propriedade junto da aldeia e contratou uma patrulha da GNR para impedir que os trabalhadores atravessassem a sua herdade.

Por vezes alguns agrários (proprietários ou rendeiros) arrendavam terra a seareiros. Joaquim Miguel relata a sua experiência: *Davam-nos as piores terras. Cultivávamos essas terras durante um ano e depois de as termos limpo e preparado tiravam-nas. Como não tínhamos contrato escrito aceitávamos o que eles queriam.* Muitos outros seareiros que estão na UCP (cerca de 30) têm histórias semelhantes para contar.

PRODUÇÃO

Os trabalhadores da UCP compraram máquinas. A labuta da lavoura na «Humberto Delgado» é muita e as máquinas deixadas pelos agrários estavam num mau estado de conservação. Os trabalhadores decidiram comprar 4 tractores, um «catrapiller», três ceifeiras-debulhadoras, uma enfardadeira, quatro reboques (dois novos e dois em segunda mão), três motores de rega e uma furgoneta. Os trabalhadores construiram barragens no valor de 1300 contos que dão para regar 50 hectares. E abriram ainda um lago para aproveitamento das águas que escorrem da lavra. Ali nada se perde. Da grande barragem, mandada construir pelo povo do Sabugueiro em Novembro de 1975, vem a água. O vale que se estende em redor da aldeia mantém-se sempre verde. O arroz, o tomate, o feijão e o milho de regadio recebem a água que necessitam. E a água excedente vai depois ser recuperada no referido lago.

A dedicação com que os trabalhadores se entregaram à Unidade Colectiva de Produção deu excelentes resultados. Assim, o ano passado colheram um milhão e cem mil quilos de trigo, quinhentos mil quilos de aveia e cevada. Este ano, apesar de se esperar por todo o País uma acentuada quebra na produção, os trabalhadores da «Humberto Delgado» conseguiram semear mais do que no ano anterior. Deitaram à terra 81380 mil quilos de trigo, 16 600 de cevada, 7850 de aveia e 3000 de pastagens para o gado. No respeitante a culturas de Primavera a situação também não é nada má. Semearam 68 290 quilos de arroz, 1000 de milho, dois hectares de pimentão, 20 de feijão verde e 20 de tomate.

O PAPEL DO CRRA

Apesar das dificuldades do tempo e daquelas que foram criadas pelo Governo vamos certamente aumentar a produção este ano, comenta Joaquim Miguel. Os trabalhadores criticam, e com razão, o CRRA de Évora. Não lhes prestou apoio técnico nem económico. Pelo contrário tentou prejudicar a UCP «Humberto Delgado».

Depois de vendermos a cortiça, ingenuamente, depositámos o dinheiro no CRRA. E até agora não vimos um tostão dos 1683 contos. O CRRA prometeu que o dinheiro seria para a construção da barragem. Fizemos o contrato com o construtor da obra e o Centro recusou-se a entregar-nos o dinheiro. Por causa dessa questão estivemos 9 semanas sem receber ordenados, afirmou Joaquim Miguel.

Ainda mais: segundo pudemos concluir pelas palavras da Comissão Directiva os funcionários do CRRA procederam de má-fé. Enganaram os trabalhadores dizendo que a barragem devia importar em cerca de 5000 contos. Tentaram demover os trabalhadores de levarem para a frente essa ideia. *Vocês não se deviam meter com esse trabalho*, diziam. Afinal a barragem custou apenas 1300 contos. São estes os colaboradores do sr. Portas. Filhos de agrários, pegadores de toiros, incompetentes e reaccionários substituíram os técnicos progressistas saneados pelo MAP.

Mesmo tendo em conta a falta de apoio financeiro e técnico a UCP «Humberto Delgado» apresenta um saldo positivo: de 3450 contos. Sem considerar que foram amortizados equipamentos na ordem dos 1771 contos e se fizeram benfeitorias no valor de 3259 contos. O capital colectivizado que entrou em caixa foi de 6280 contos. A UCP «Humberto Delgado» projecta fazer uma vacaria, um barracão para as máquinas, uma creche e um posto médico. Sem apoio do Governo é difícil que o consiga...

Lourdes Féria

"QUE REFORMA AGRÁRIA É ESTA?" Lopes Cardoso acusa P.S. de "vender o seu programa"

FIGUEIRA DA FOZ, 25 — «Que Reforma Agrária é esta que não visa dar a terra aos que a trabalham, que não visa desenvolver a agricultura, que apenas quer expulsar os comunistas do Alentejo? É uma lei de bases da Reforma Agrária ou uma lei de bases da expulsão dos comunistas do Alentejo?» — interrogou Lopes Cardoso no sábado à noite, na Figueira da Foz, durante uma sessão de esclarecimento promovida pela «Fraternidade Operária» em que a aprovação da «Lei Barreto» e os debates parlamentares que provocou estiveram em foco.

«Discutiu-se, desconversou-se e o Governo, que afinal decidiu tirar a terra aos trabalhadores para a reentregar aos latifundiários acabou por ser incapaz, por isso mesmo, de conter a lógica imparável do CDS e de responder, também, às críticas da bancada do PCP, falando de tudo menos de Reforma Agrária, apenas defendendo a expulsão dos comunistas do Alentejo» — acrescentou aquele dirigente, actualmente enfrentando a possibilidade de expulsão do PS. Lopes Cardoso, referindo-se ainda aos debates, acrescentou que o facto deles terem sido transmitidos pela Rádio e Televisão «deixaram um gosto amargo ao povo português que se apercebeu de que nada daquilo que ali se discutia tinha importância, pois a lei estava a ser negociada nos bastidores, nas suas costas, nas próprias costas dos deputados».

O ACORDO COM A DIREITA

«Ao fazer um acordo com o PSD para que a Lei de bases da Reforma Agrária pudesse passar na Assembleia da República, o PS vendeu o seu programa por um prato de lentilhas» — afirmou também o deputado Lopes Cardoso, que acrescentou ser aquela conclusão inevitável tendo em conta «a prática dos dirigentes do partido e dos próprios membros do Governo».

f080

«Isolado dos trabalhadoes o PS tornou-se um refém nos bracos da direita, pertencendo agora, depois daquele acordo, o papel de partido-charneira da política nacional inteiramente ao PSD, pela mão do qual o PS acabará por entrar na chamada «Convergência Democrática», aí se juntando, pela porta do cavalo, também ao CDS» — acusou ainda.

«UM ICEBERG»

COIMBRA, 25 — «É mais do que evidente que o voto do PSD pressupõe acordos que não estão explícitos naquele documento. Ele é apenas a parte visível do «iceberg» — disse o eng. Lopes Cardoso aos representantes dos órgãos de Informação, em Coimbra, à entrada de uma reunião da «Fraternidade Operária» que decorreu nas instalações da Associação Académica, reportando-se à votação na AR das «Bases Gerais da Reforma Agrária». Lopes Cardoso acrescentou que o mesmo documento «corresponde a uma alteração clara e evidente da estratégia que tinha sido definida pelo partido» e à «negação absoluta» do compromisso assumido perante o eleitorado «de não fazer alianças com qualquer outro partido». Esta reunião de Coimbra, efectuada no último sábado, precede o Encontro Nacional de Sindicalistas da «Fraternidade Operária» que terá lugar no próximo dia 30 nesta mesma cidade. Lopes Cardoso vinha acompanhado de Kalidás Barreto e José Luís Gaspar.

Governo atenta contra liberdades

PORTO, 25 — «Querem ir a bem ou a mal?», perguntaram os agentes da PSP do Porto aos deputados comunistas, devidamente identificados na altura com documento da própria Assembleia da República, quando os obrigaram a entrar nas viaturas da polícia a caminho da esquadra. Esta grave ocorrência verificou-se ao fim da noite do último sábado na Praça Humberto Delgado, tendo os agentes da Polícia recusado aceitar a identificação no local, exigindo a sua deslocação à esquadra e dentro das viaturas policiais. Esta vaga de detenções que a PSP do Porto tem vindo a efectuar a propósito das inscrições contra a «Lei Barreto», invocando uma determinação da Câmara Municipal, passa assim, de forma prepotente, por cima das imunidades parlamentares dos deputados eleitos pelo povo. Os deputados detidos, Manuel Franco e Freitas Monteiro, participavam com outras pessoas em pichagens em que se declarava inconstitucional a decisão da Câmara do Porto proibindo as inscrições contra a «Lei Barreto», escrevendo nomeadamente: «A Câmara utiliza decisões da Câmara fascista» e «Decisão da Câmara é inconstitucional». Estas detenções e a forma ilegal como têm vindo a ser feitas, não poupando deputados, foi mais tarde, ao princípio da madrugada de ontem, objecto de deslocação de uma deputação ao comando da PSP, em que participaram o prof. Ruy Luís Gomes, o dr. Raul de Castro e os eng. Sousa Pereira e Lucas Freitas que apresentaram um protesto ao oficial de serviço. Os dois deputados haviam igualmente lavrado já o seu protesto verbal ao mesmo oficial de serviço onde foram coagidos a entrar. Por outro lado, foram igualmente objecto de idêntico procedimento por parte da PSP do Porto dois elementos da assembleia municipal, engº Manuel Andrade e dr. Cassiano Abreu Lima, que participavam também nas pichagens.

Já na madrugada anterior tinham passado pelas esquadras desta cidade outros vinte indivíduos por questões semelhantes, os quais, tal como estes, são apenas identificados pela Polícia, uma vez que se recusam a pagar a respectiva multa, preferindo deixar o caso seguir para tribunal, depois de alegarem que a Constituição, no seu artigo 37.º, institui como direito de todos os cidadãos a «Liberdade de Expressão e de Informação pela palavra, pela imagem ou por qualquer outro meio», estipulando ainda que tal direito «não pode ser impedido ou limitado por qualquer tipo de censura».

ATENTADOS EM LISBOA

E Lisboa e zonas limítrofes, os últimos dias têm também sido férteis em atentados às liberdades consignadas na Constituição.

Além da «invasão» de repartições públicas em acções de «fiscalização» e destruição de cartazes denunciando o carácter inconstitucional da «Lei Barreto», acções que a PSP tem desencadeado sem conhecimento dos chefes dos departamentos oficiais visados, na madrugada de sábado, cerca de 5 horas da manhã, também um centro de trabalho do PCP foi alvo da polícia. Tratou-se do CT de Alfama onde um pano com as inscrições «Viva a Reforma Agrária — Partido Comunista Português» foi retirado por funcionários municipais apoiados por elementos da Polícia Municipal.

Na Amadora, entretanto, uma festa popular promovida para sábado à noite pela Comissão de Freguesia do PCP foi impedida pela Câmara Municipal de Oeiras, que não autorizou a utilização para o efeito do jardim público da Amadora. Esta iniciativa visava promover a próxima festa do «Avante».

Na Brandoa, a GNR e elementos da Câmara Municipal de Oeiras destruiram, na sexta-feira, cartazes contra a «Lei Barreto», aproveitando também para inutilizar propaganda mural do PCP. Na altura, um militante socialista. Alberto dos Santos Marrafas, foi preso por ter manifestado a sua indignação por aquela acção arbitrária.

CÂMARA MUNICIPAL DE LISBOA

EDITAL N.º 61/77

Faz-se saber que durante o prazo de 30 dias a contar do dia seguinte ao da publicação deste anúncio no «Diário da República», são aceites na 1.ª Repartição — Armazéns e Imprensa Municipal da Direcção dos Serviços Técnico-Especiais, Avenida 24 de Julho, n.º 171, propostas para o concurso público referente à Empreitada n.º 499/77/GTH. — «Instalação de Rede de Rega em Chelas, Olivais Sul e Olivais Norte», com a base de licitação de 1 084 046$20. (Processo n.º 19/CP/DSTE).

O depósito provisório é de 27 101$00 e o definitivo de 5% da importância da adjudicação, sendo o primeiro efectuado na Caixa Geral de Depósitos, Crédito e Previdência, suas filiais, agências ou delegações, mediante guia preenchida pelo concorrente, de harmonia com o modelo a que se refere a alínea 5 do artigo 10.º do programa do concurso acima referido.

O processo do concurso encontra-se patente, todos os dias úteis no Gabinete Técnico da Habitação, sita na Av. da República, n.º 101, das 9.30 às 12 e das 14.30 às 17.30 horas, onde se prestam todos os esclarecimentos técnicos.

Também estão patentes as peças do referido concurso na 1.ª Repartição — Armazéns e Imprensa Municipal, Avenida 24 de Julho, 171, dentro das horas de expediente.

Para ser admitido a este concurso é necessário que os proponentes estejam inscritos e classificados como empreiteiros de Obras Públicas na IV categoria ou V categoria ou 1.ª subcategoria da IV categoria ou 3.ª subcategoria da V categoria e da classe correspondente ao valor da sua proposta.

A abertura das propostas realiza-se às 15 horas no primeiro dia útil que se seguir ao termo do prazo fixado neste anúncio.

Paços do Concelho de Lisboa, em 14 de Julho de 1977.

O PRESIDENTE

Aquilino Ribeiro Machado

TRANSFORMANDO PARA MELHOR A

SOPAL LIQUIDA

SERVIÇO DE MESA
TALHERES E UTILIDADES
A PREÇOS BAIXÍSSIMOS
RUA IVENS, 58-64 • LISBOA

O grupo de bailarinas à chegada a Lisboa

Companhia Nacional de Bailado "importa" bailarinas

. Chegaram ontem a Lisboa oito bailarinas que vêm completar o corpo de bailado da nova companhia nacional, a funcionar sob os auspícios da Direcção-Geral de Espectáculos. Mary, Sphie, Andrea, Laura, Vanessa, Jill, Barbara e Pamela — seis inglesas, uma sul-africana e uma australiana — vêm completar um elenco para o qual já tinham sido seleccionados 17 profissionais portugueses.

No aeroporto, as bailarinas foram recebidas por alguns elementos da direcção da Companhia Nacional de Bailado, entre os quais Vera Varela Cid, Luna Andermatt e Pedro Risques Pereira.

UNIÃO DOS SINDICATOS DO DISTRITO DE ÉVORA

CONFEDERAÇÃO GERAL DOS TRABALHADORES PORTUGUESES - -INTERSINDICAL NACIONAL

CONVOCATÓRIA

Convocam-se todos os sindicatos com âmbito no distrito de Évora, filiados ou não na CGTP — Intersindical Nacional, para um plenário a realizar no dia 13 de Agosto de 1977, com início às 16 horas, na sede da União dos Sindicatos do Distrito de Évora, Rua Alcárcova de Cima, 1-A, 1.º, em Évora, com a seguinte ordem de trabalhos:

PONTO ÚNICO — Discussão e votação de novos Estatutos da União dos Sindicatos do Distrito de Évora.

Évora, 18 de Julho de 1977.

O Secretariado

ELECTRICIDADE PORTUGAL, EDP

ZONA DE DISTRIBUIÇÃO DE SETÚBAL

EX-UNIÃO ELÉCTRICA PORTUGUESA

CONCELHO DE SESIMBRA

AVISO AOS CONSUMIDORES

Comunica-se aos consumidores de baixa tensão do concelho de Sesimbra que durante os meses de férias (Agosto e Setembro) a nossa Agência abrirá às Segundas, Quartas e Sextas-Feiras com o horário normal.

Lisboa, 25 de Julho de 1977

ELECTRICIDADE DE PORTUGAL, E.P.
Zona de Distribuição Setúbal
(Manuel F. Camacho)

PUB

NOTÍCIAS DE ÚLTIMA HORA

Na Rua Gomes Freire, 9-B, no centro da cidade, continuam abertos ao público, das 10 às 20 horas, os salões de electrodomésticos e mobiliário, onde poderá adquirir esquentadores, 6 litros, desde 1499$90; 10 litros, 2799$90; auto-rádios c/ altifalante, 1199$90; maples, tecido ou napa, 1599$90; grande sortido de fogões, máquinas de lavar roupa e loiça, frigoríficos, congeladores, televisores, gravadores, gira-discos, rádios, sofás-cama, mobiliário, alcatifas, etc. RÁDIO PRIMAVERA — Telefones 549406 e 574042. Só boas marcas, com as melhores garantias.

Instalações do ISCSP requisitadas por Cardia

O Palácio Burnay, à Junqueira, onde funcionava o ISCSP, foi destinado pelo ministro Sottomayor Cardia à Junta de Investigação Científica do Ultramar, dependente da Secretaria de Estado da Investigação Científica — determina um despacho daquele membro do Governo já publicado no «Diário da República». O ministro decidiu também que só a assinatura do gestor nomeado, prof. José Maria Gaspar, cauciona a movimentação de verbas daquele estabelecimento de ensino.

Portugal discute na ONU transportes rodoviários

. Terminou no sábado, em Genebra, uma reunião da Comissão Económica para a Europa, das Nações Unidas, sobre transportes rodoviários. Foram examinados o constante desenvolvimento dos transportes por estrada e as bases em que hão-de assentar os futuros acordos destinados a facilitar a solução dos problemas decorrentes, designadamente, no que se refere aos transportes combinados, transporte triangular, redução das formalidades de fronteiras e normalização de documentação.

Na reunião participou, em representação de Portugal, o eng.º Álvaro Magalhães, director de serviços da Direcção-Geral de Transportes Terrestres.

Porto de Aveiro tem mais movimento

. O porto de Aveiro registou um considerável aumento na sua actividade, prevendo-se para este ano um acréscimo de 50 por cento em mercadoria entrada. No ano passado, este movimento atingiu 452 mil toneladas.

Devido a este acréscimo de movimento, os responsáveis portuários preocupam-se com o alargamento do porto.

Entretanto, o porto de Viana do Castelo tem sido alvo de obras de melhoramento. Encontram-se já concluídas as drenagens do canal da barra que permitiram um acesso à zona portuária com uma cota de três metros.

Inovações no regime prisional

. Prisão aberta e meia liberdade são duas das novas formas de tratamento penitenciário que têm sido experimentadas pela Direcção-Geral dos Serviços Prisionais. Perante os bons resultados até agora obtidos foi decidido incentivar aqueles regimes de prisão, numa reunião efectuada no âmbito do referido departamento, em que participaram directores dos estabelecimentos centrais e regionais e diversos inspectores e técnicos.

Durante o encontro pôs-se em relevo a importância do acolhimento do recluso e analisaram-se os princípios básicos em que deverá assentar a democratização funcional da vida das comunidades prisionais.

Foi igualmente objecto de análise e discussão o «regime de prova», que será instituído no novo Código Penal, e através do qual se pretende promover a recuperação de delinquentes e o descongestionamento dos estabelecimentos prisionais.

Condenados por roubo de automóveis

. Foram julgados no 1.º Juízo Criminal cinco indivíduos incriminados do furto de 11 automóveis que se encontravam estacionados nas ruas de Lisboa. Foram-lhes atribuídas penas de prisão graduadas entre 110 dias e quatro anos e meio, além das respectivas multas.

Os réus são: António Carlos Matias dos Santos, solteiro, de 27 anos, mecânico de automóveis; Manuel da Assunção Pentrisco, de 25, pintor de automóveis; Carlos Alberto da Silva Rodrigues, de 29, serralheiro mecânico; José Máximo Soares Pereira, de 25, cortador e José Carlos Henriques da Silva, de 43.

ELECTRICIDADE PORTUGAL, EDP

ZONA DE DISTRIBUIÇÃO DE SETÚBAL

EX-UNIÃO ELÉCTRICA PORTUGUESA

CONCELHO DE PALMELA

AVISO AOS CONSUMIDORES

Comunica-se aos consumidores de baixa tensão do concelho de Palmela que durante os meses de férias (Agosto e Setembro) a nossa Agência abrirá às Terças e Quintas-Feiras com o horário normal.

Lisboa, 25 de Julho de 1977

ELECTRICIDADE DE PORTUGAL, E.P.
Zona de Distribuição Setúbal
(Manuel F. Camacho)

Gasómetro amedronta população de Calhariz de Benfica

. A instalação de um gasómetro na zona do Calhariz de Benfica com a capacidade de 40 mil metros cúbicos está a causar sérias preocupações nos moradores daquela zona que, num abaixo-assinado (cerca de 1032 assinaturas) enviado a várias entidades oficiais, apelam para a sua proibição, alegando que existem outros terrenos nas proximidades que não põem tanto em perigo a segurança das pessoas.

O gasómetro, enorme, e cujas terraplanagens estão agora a ser feitas, situa-se na Rua Carolina Michaellis. São terrenos cedidos pela Câmara onde dantes existia um grande viveiro de plantas.

Os perigos da colocação do gasómetro naquele local são evidentes. Aliás, e segundo nos declarou uma das moradoras, há legislação proibitiva para estes casos, referindo o Decreto-Lei 380/74, de 22 de Agosto de 1974, do «Diário da República» n.º 195. Trata-se de um centro já bastante populacional, com escolas, e o comboio da linha de Sintra passa muito perto. Uma faísca...

«Projecto insensato» foi como o classificou esta moradora. Muitos investiram ali o seu capital, compraram andares afastados do centro de Lisboa, para procurar um pouco mais de sossego (ou por falta de habitação). De repente e sem consultar a população, começa a construir-se um gasómetro de grande capacidade. «Nunca mais teremos uma hora de sossego» — Diz-nos a referida moradora. E tal como diz o artigo 66 da Constituição: «Todos têm direito a um ambiente de vida humano, sadio e ecologicamente equilibrado e o dever de o defender». É essa «defesa» que a população de Calhariz de Benfica está a fazer pelo «direito» a um ambiente de vida «ecologicamente equilibrado». E mais: a Constituição é peremptória nesse direito da população ao concluir: «O cidadão ameaçado ou lesado no direito previsto no nº 1 (a que fizemos referência) pode pedir, nos termos da lei, a cessação das causas de violação e a respectiva indemnização».

AMARO DA COSTA NO PORTO

PS aproxima-se da "convergência" enquanto CDS "pode ser Governo"

PORTO, 25 — Falando ontem à noite, no Porto, no Clube Residencial da Boavista, numa reunião promovida pelo CDS e aberta à presença da Imprensa, o eng. Amaro da Costa classificou o recente comunicado PS/PSD como um «recuo» do partido do Governo.

Amaro da Costa «ameaçou», mais uma vez, com a intervenção do Presidente da República. Depois de fazer um breve balanço dos factos e situações que conduziram à formação da chamada «Convergência Democrática» no seguimento das palavras do general Ramalho Eanes em 25 de Abril último, Amaro da Costa considerou que «seria lógico» que a «lei das bases gerais da Reforma Agrária» fizesse parte dum acordo global com o partido que apoia o Governo, mas, «por razões de Estado», disse, «essa lei foi desanexada do acordo global que o CDS defende. Ainda assim, iniciaram-se discussões entre o Governo e o CDS que tiveram de ser interrompidas», continuou Amaro da Costa, «quando o seu partido soube que o PSD poderia votar a favor da «Lei da Reforma Agrária». Sem esclarecer que razões seriam, o dirigente do CDS acrescentou:

«Nós votámos contra porque não tínhamos razões de Estado para votar de maneira diferente». Ainda sobre o comunicado do PS/PSD, afirmou, por um lado, que ele «nada diz para além das palavras que contém», e por outro que «traduz um efeito político profundo» pois evidencia a contradição do Governo ao acordar com o PSD numa questão fundamental, depois de recusar qualquer diálogo extraparlamentar. Para Amaro da Costa tudo isto significa que o PS recuou e reconheceu a validade da «convergência» para consultas e acordos globais. Amaro da Costa insistiu: «Ao assinarem o comunicado com o PS os sociais-democratas deram um passo que objectivamente se pode interpretar como favorável às teses da «convergência democrática», embora as especulações que rodearam esse passo tenham sido de molde a permitir confusões, e não pequenas, na cabeça de muita gente».

Em relação ao PS e ao Governo, Amaro da Costa deixou mais clara a posição do seu partido no que se refere ao Plano a Médio Prazo: «Não poderemos apoiar novos pedidos de empréstimos sem saber se a factura poderá vir a ter de ser paga por nós, se porventura viermos a ser Governo. Não nos sujeitaremos ao envidividamento externo se não nos sentirmos responsabilizados nessa política de endividamento». Assim, «ou a proposta do Plano a Médio Prazo muda toda, ou votaremos contra».

Governo dificulta relações comerciais com países socialistas

. «A concessão de uma licença de importação, que para a Grã-Bretanha demora um mês, para a URSS às vezes leva até seis meses» — lembrou o economista Mendes Correia, numa exposição sobre as relações comerciais luso-soviéticas e as dificuldades levantadas ao comércio entre os dois países feita na passada sexta-feira, na Associação Portugal-URSS.

Mendes Correia lembrou que as administrações de muitas empresas nacionalizadas se recusam a vender para os países socialistas sob os mais diversos pretextos.

«Isto coloca um problema muito sério» — avisou Mendes Correia — «o de saber se, sim ou não, as relações comerciais com a URSS são vantajosas para Portugal, se favorecem a independência nacional. A URSS é um dos grandes fornecedores de petróleo a Portugal (16 por cento do total), ou seja, de um produto que é fácil vender e que é pago com divisas. Mas nós não o pagamos com divisas. Pagamo-lo com exportações, muitas delas de produtos manufacturados, com valor acrescentado. Por isso mesmo, o nosso défice comercial com a URSS não é tão grande quanto o défice geral da balança comercial. Ao passo que os outros exportadores de petróleo quase não compram nada a Portugal».

José Alberto Rodrigues homenageado

VILA POUCA DE AGUIAR, 25 — O democrata dr. José Alberto Rodrigues foi ontem homenageado nesta vila onde a sua luta de muitos anos em defesa das populações mais desfavorecidas lhe granjeou admiração e estima. Afastado da Função Pública pelo regime fascista em 1936, e reintegrado depois do 25 de Abril, o dr. José Alberto Rodrigues esteve deportado em Angra do Heroísmo, foi delegado da candidatura do general Humberto Delgado e candidato pela oposição democrática em 1969 e 1973. Na homenagem estiveram os profs Ruy Luís Gomes e José Morgado, fazendo-se o dr. Mário Soares representar pelo dr. Camilo Botelho.

Dois irmãos afogados no rio Minho

. Os irmãos Cândido Barbosa, de 33 anos, e José Salvador Barbosa, de 36 anos, ambos casados, afogaram-se, anteontem, no rio Minho, entre Lanhelas e Seixas, em consequência do afundamento do barco em que navegavam. Ambos os irmãos, naturais de Candemil, residiam há muitos anos em Lanhelas. Os funerais têm lugar hoje.

Reconstrução da Casa de Camões

Continuam a ser desenterradas e reconstituídas as ruínas da Casa dos Arcos em Constância, cenário da convivência de Camões com parentes e amigos. Da comissão encarregada da reconstrução do edifício fazem parte a jornalista Manuela de Azevedo, a dr.ª Maria Clara Pereira da Costa, o Arquitecto Jorge Segurado e o presidente da Câmara de Constância, Fernando Morgado.

Alfabetização: tarefa prioritária

. PORTO, 25 — Evitar que, no domínio da cultura, os contravalores fascistas e imperialistas sejam reabilitados como valores culturais de uma sociedade em transição para o socialismo é — sem síntese — a linha de actuação de diversas associações populares do Norte, definida este fim-de-semana no Porto, durante o Encontro Regional de Acção ultural que decorreu na Escoal de Belas-Artes do Porto.

A alfabetização foi considerada uma das tarefas prioritárias para esta zona nortenha, mobilizando para isso todas as organizações populares existentes (omissões de Moradores, de Trabalhadores e Sindicatos), tendo sido ainda focada a necessidade de expansão do desporto, ensino e teatro.

No plenário final foi ainda aprovada uma moção em que se alerta «para todas as formas de coacção e repressão de expressão do pensamento» e exorta para que «se faça sentir por todos os meios o repúdio junto dos órgãos do Poder por qualquer atentado às liberdades democráticas».

O planeamento e o Pla

Esquina da Duque de Loulé com a Andrade Corvo: uma certa arquitectura típica de uma certa Lisboa contraditória

Pela leitura dos jornais, ficou a população de Lisboa conhecedora de que o respectivo município possui finalmente um plano de urbanização, aprovado através da portaria 274/77 do Ministério de Habitação, Urbanismo e Construção. O que significa esta aprovação, aqui e agora, é o que tentaremos trazer à superfície, nesta breve reflexão.

Assistiu-se, em Lisboa, a várias tentativas de planeamento, que nunca venceram o moroso e burocrático processo de aprovação. Para só falar de duas, lembramos o plano do francês De Groer e o que produziu o extinto Gabinete de Estudos de Urbanização da C.M.L., sob a direcção de Engº Lobato.

O plano agora aprovado conheceu, ele também, um caminho difícil. Iniciaram-se os trabalhos de análise em 1963, a que uma boa equipa técnica deu a necessária profundidade, sob a direcção do francês Meyer Heine. Concluído em 1967, foi nesse ano aprovado pela Câmara de então, tendo esperado exactamente cinco anos que o ministro das Obras Públicas homologasse o parecer do Conselho Superior de Obras Públicas, que o considerou apto, sob condição de se fazerem pequenos ajustamentos em matéria de regulamentação.

Tais ajustamentos nunca foram produzidos, pelo que a aprovação foi sendo sempre adiada, o que permitiu que a cidade continuasse a crescer segundo a dinâmica da acumulação capitalista e da especulação, deixadas em plena liberdade.

Este processo, bem como outros paralelos — por exemplo, o da região de Lisboa, que deixamos para outra ocasião — , conduzem-nos a formular algumas interrogações acerca do significado do planeamento urbano e dos planos de urbanização, perguntando-nos, nomeadamente, sobre o que são, para que servem, quem servem.

O planeamento urbano deverá ser entendido e praticado como um processo vivo, adaptativo, que se desenrola numa perspectiva realista, adoptando uma dupla actuação de estratégia para orientar as grandes opções e de táctica para adaptar estas às situações concretas imediatas. Isto sugere imediatamente que só há planeamento quando uma relação dialéctica se estabelece entre estes dois níveis, tornando-o um processo contínuo, nunca acabado. E mais, quando o poder decisório ultrapassa o de fazer propostas para, directamente comprometido com a sua concretização, o planeamento estar ligado à gestão urbana. Mais ainda. Quando planeamento urbano e gestão não são ciência de iniciados mas espaço de intervenção concreta dos grupos sociais urbanos, cujas necessidades e opções determinam as respectivas estratégias e acções.

Assim deverá ser, como dissemos, entendido e praticado. No entanto, historicamente o planeamento urbano aparece ligado à necessidade de superar as contradições inerentes ao processo de crescimento das cidades. Superar, e não resolver.

Trata-se de uma intervenção do sistema político sobre o sistema económico, a nível do território. Esta intervenção procura regular a relação entre os dois processos de presença, isto é, a reprodução dos meios de produção e troca (produção) e a reprodução da força de trabalho (consumo), de modo a assegurar a continuidade do status quo político-económico, pela atenuação dos conflitos sociais de base. Define-se, portanto, planeamento urbano, como uma força reguladora de tensões sociais, ao serviço do grupo ou grupos dominantes, inscrita nos limites estruturais da formação social concreta em que actua.

Isto significa que o planeamento urbano terá sempre de respeitar as relações existentes entre os elementos estruturais da sociedade, decorrentes estas do modo de produção dominante nessa sociedade, bem como da conjuntura. Daqui decorre que numa sociedade como a nossa, ao planeamento urbano mais não é dado do que propor, e eventualmente realizar as alterações necessárias, e possíveis, para que se perpetue a «paz social», indispensável à manutenção da ordem estabelecida. Os antagonismos sociais, porque ameaçam a natureza do sistema social, são contornados, quando não escamoteados, em nome de ideias dominantes, devidamente veiculadas e a que uma pretensa idoneidade técnica empresta a força de verdades últimas. Deste modo, os fenómenos analisam-se não a partir das suas causas nas estruturas sociais, mas apenas nas suas consequências, dando-se-lhes um carácter determinista que não possuem. Assim, por exemplo, os problemas de trânsito, da degradação do ambiente, ou do crescimento acelerado das concentrações urbanas são apreciados como dados inelutáveis, como se dependessem em pouco da vontade dos homens e, portanto, da organização social.

O planeamento urbano situa-se, aqui, no cerne das questão: se estiver nas mãos dos verdadeiros interessados na solução dos problemas, ele pode ser um instrumento poderoso da alteração das estruturas urbanas, veicular de um modelo novo de relações sociais inscritas no território. Se, como acontece em sociedades de tipo de produção capitalista, em que as massas populacionais, as tais interessadas, são cuidadosamente afastadas do processo político de apropriação da cidade, o planeamento urbano reduz-se à dimensão de instrumento ineficaz de regulação de tensões nas mãos de uma administração muitas vezes cúmplice e quase sempre ineficaz, também, num processo em que o investimento no sector produtivo induz a expansão urbana (embora não haja uma relação linear de rausa e efeito entre urbanização e industrialização). Como numa economia não planificada — em termos de planificação socialista — esse investimento escapa, por via de regra, e por razões múltiplas, ao controlo das instâncias de intervenção que são os organismos da Adiministração, fica para esta a orientação, mais ou menos limitada, consoante a conjuntura, do consumo colectivo da cidade (habitação, equipamentos, infraestruturas). Para tal orientação, ela usa, como instrumento, o planeamento urbano, mais ou menos operacional segundo a sociedade concreta de que se trata. Sabemos no entanto que, de um modo geral, tal situação mantém a administração num permanente ir-a-reboque, sem qualquer força de iniciativa, quando não é simplesmente posta perante factos consumados.

Entre nós, a prática do planeamento urbano fixou-se numa metodologia de plano-imagem, sem qualquer força circulativa em ordem à sua execução, sem ligação directa com a realidade. Procedeu-se sempre, como se o facto de um plano ser desenhado lhe desse dinâmica social e força económica para passar à prática. Numa palavra, ignorou-se sempre que a prática orbana se processa num confronto de forças antagónicas que um documento — tenha ele a força de lei e mesmo o apoio de um gabinete de fiscalização — não resolve, porque se trata, em definitivo, da luta de classe, travada no território.

Vêm estas considerações a propósito da recente aprovação do Plano Director de Lisboa.

Concluído e homologado pela Administração fascista, este documento é, à partida, um instrumento de violência. Vejamos como.

O seu objectivo é o de instrumentalizar o desenvolvimento do tecido urbano, isto é, impor, por via legal, uma matriz de crescimento da cidade, que fica, assim, rigidamente pré-determinado, através de uma rede viária e duma composição volumétrica, que prefazem um desenho urbano rigoroso.

O documento apoia-se nalgumas regras regulamentares — a serem cumpridas ou não, consoante a conjuntura. Quanto à gestão, é omisso, salvo no respeitante às grandes infra-estruturas, como veremos adiante. Do mesmo modo, e necessariamente, é omisso quanto à intervenção da população nesse processo gestor.

Estamos, pois, perante um caso — tipo da metodologia do plano-imagem referida. Tanto mais insustentável quanto a experiência vivida nos certifica de que um plano desta natureza serve de ponto de partida a um jogo de interesses de que são protagonistas o promotor e a Administração. Quase sempre este jogo conduz à densificação de tecido urbano pelo aumento arbitrário do número de pisos, e, muitas vezes, pela ocupação por construções retáveis dos espaços previstos para implantação de equipamentos e criação ou manutenção de estruturas verdes.

Diz-se, correntemente, que Lisboa é, comparada com as grandes metrópoles estrangeiras, uma pequena cidade de província. É verdade. Acompanha-as, no entanto, se as não ultrapassar, ao nível de problemas insolúveis, ou melhor, não resolvidos, que oferece ao dia a dia dos que nela vivem e trabalham. Seria longo e desnecessário enumerar as deficiências, que todos conhecemos, do tráfego, da habitação, das infra-estruturas do equipamento, do ambiente.

Pois bem, o plano agora aprovado constitui em si mesmo, e salvo melhor opinião, o caminho mais curto para um agravamento perigoso de todos estes males, dado que as suas linhas de força se podem enumerar deste modo:

- Continuação do processo de acumulação capitalista, incrementada pela própria gestão camarária.
- Acentuação decidida do radio-concentrismo.
- Agravamento do processo de periferização da população residencial.
- Tratamento do tecido urbano dentro dos limites do concelho com desconhecimento total do que lhe está à volta e constitui o mesmo tecido urbano.
- Escolha do automóvel privado como instrumento de mobilidade urbana.

Temos, pois, uma administração que procura, por meio de um instrumento legal, atenuar os efeitos negativos da concentração urbana, e ao mesmo tempo intensifica o processo, directamente nalguns aspectos, indirectamente sempre, dado que o planeamento que ela propõe não põe em causa a estrutura social mas antes procura justificá-la e mantê-la com os meios à sua disposição, a que nós chamamos alibis técnicos. O presente plano põe em evidência esta contradição, de maneira exemplar, pois procura, por um lado, disciplinar formalmente o crescimento urbano refreando um pouco a especulação privada, e por outro, propõe uma estratégia de acumulação capitalista e de especulação capitalista e de especulação por parte da própria Administração.

Quanto à cidade que ele propõe, ela é, quanto a nós a violência organizada.

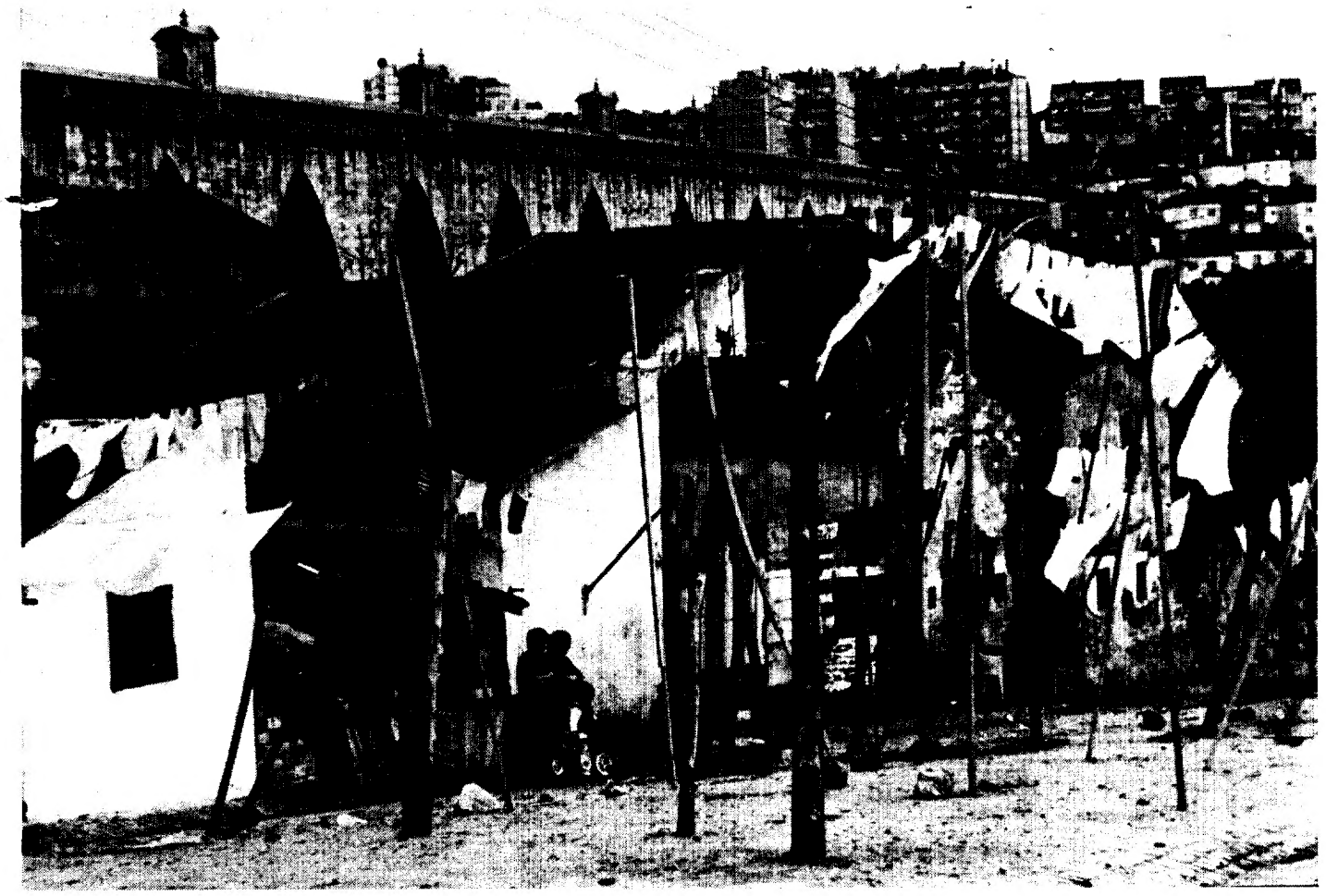
Lisboa é uma cidade rádio-concêntrica. Isto quer dizer que o seu desenvolvimento se fez em torno de uma área central, por círculos sucessivos, que acentuaram sempre, e cada vez mais, a força atractiva do Centro onde se instalaram as actividades terciárias: comércio, bancos, sedes sociais de empresas. A força desse centralismo é económica, financeira, cultural, política: muitas vezes se diz que quase tudo, neste país, se resolve no Terreiro do Paço, simbolizando este não apenas o poder políti-

Este relógio "Tissot" funciona 1000 dias sem parar
só em 1980 tem de mudar a pilha
Acerto da hora por segundos, por acção electrónica
Mudança da data
e do fuso horário sem influenciar a precisão

TISSOT
o gosto da performance

ano Director de Lisboa

BÁRBARA LOPES



Do bairro pobre aos prédios de rendimento, este é o mais flagrante contraste da capital portuguesa

co mas o poder económico e financeiro cujas instâncias deliberativas se situam fisicamente na área central de Lisboa.

Este plano prevê a continuação da implementação de actividades terciárias no tecido urbano municipal, concorrendo para um aumento poderoso da área central da cidade real que, como sabemos, ultrapassa de muito os seus limites administrativos. Está nesta linha a criação do centro comercial do Martins Moniz, a zona entre Cais do Sodré e Santos, os centros do Lumiar, de S. Sebastião e de Alvalade, a Estação Central do Rego, a Gare de Camionagem do Areeiro, o Centro Governamental de Benfica.

Boas razões se encontraram para esta terciarização acelerada da cidade, avultando a sua função de capital e consequente necessidade de estruturas de acolhimento para essa função. Acontece porém que, além de Lisboa ser a capital dum país que quase desaparece sob o peso desta cabeça, a sua dimensão imperialista desapareceu, pelo que as dimensões previstas neste plano estão desajustadas.

Se já hoje, cerca de 270 mil trabalhadores vêm diariamente da periferia exercer a sua actividade na zona central, estes fluxos ver-se-ão perigosamente aumentados com este desenvolvimento de postos de trabalhos, tanto mais que a contra-partida em zonas residenciais é diminuta. Prevêm-se apenas os desenvolvimentos de Telheiras, Carnide, Chelas e Ameixoeira, que não permitirão alojar a mão-de-obra que tais actividades irão chamar à cidade, continuando-se, deste modo, a fomentar o desenvolvimento dos dormitórios da periferia materializando um conjunto de relações empobrecedoras de dependência, de hierarquia e de satelismo. Continuarão a ser as cidades do sono, onde a força de trabalho apenas tem um tempo mínimo de se refazer para, no dia seguinte, continuar à disposição do seu utilizador, num ciclo infernal de alienação.

É também evidente que a população atingida pelo desenvolvimento destas operaçoes será do mesmo modo rejeitada para os mesmos dormitórios, tendo, numa já boa hipótese, a possibilidade de «escolher» entre um bloco de Algueirão e uma casa clandestina onde ficará à espera da rua, da água, do esgoto, ou, eventualmente, do bulldozer.

A escolha decidida do automóvel privado como meio de transporte entre o trabalho e a residência — esta cada vez mais afastada, como vimos — está patente, por um lado, na ausência de qualquer referência aos transportes colectivos, e por outro, na rede viária primária que o plano propõe.

Esta rede organiza-se em torno de duas linhas de força: uma via de túneis, sob uma parte do tecido urbano existente e um traçado de vias rápidas de superfície.

Quanto à via de túneis é demasiado óbvio que ela serve exclusivamente o automóvel privado, visto que não se utilizam paragens de autocarros, ao ritmo desejável, a 50 metros abaixo do nível da rua. No que respeita ao custo desta infra-estrutura, é fácil provar a sua incompatibilidade com a nossa economia real.

O traçado de vias rápidas não só não tem na devida conta os espaços verdes existentes (na primeira versão, até o Jardim Zoológico daria lugar a uma estrada), como compromete todo o sistema de corredores ecológicos, dos quais dependerá em grande parte a viabilidade futura desta cidade, em termos de um mínimo de qualidade ambiental.

A agravar a situação criada do acesso maciço do automóvel à cidade, o facto de nem sequer serem propostos parques de dissuasão nas zonas limítrofes do centro, o que prova, mais uma vez, que o funcionamento da cidade não constitui preocupação dominante nesta proposta.

O agravamento da desarticulação do tecido urbano da agolmeração é outra consequência negativa da aplicação deste documento, que trata o território administrativo do concelho como se à volta fosse o deserto ou o mar, dado que o espaço envolvente tem como única dimensão a de reservatório nocturno da mão-de-obra necessária às actividades do centro.

Deste modo se acentua o fosso entre a cidade-de-primeira, cada vez mais equipada e especializada como centro e a cidade-de-segunda, cada vez mais esvaziada do seu conteúdo urbano, da vivência dos seus habitantes, da sua tomada de posse real do espaço, onde pouco mais fazem que dormir.

Dissemos atrás que este diploma se propõe actuar, em termos de gestão, no domínio das grandes infra-estruturas. Tal gestão assenta numa estratégia de especulação fundiária por parte da Câmara. E assim tudo fica dito quanto à oportunidade de uma tal aprovação incondicional. Com efeito basta percorrer o estudo de viabilidade económica realizado pelo OTAM para nos apercebermos da estratégia capitalista e especulativa subjacente a este desenho da cidade. Segundo ela, as gandes operações já aqui enumeradas (Martim Moniz, Lumiar, Alvalade, etc.) iriam financiar os muitos milhões que custa a rede viária proposta. Isto significa que este plano não só se limita a privilegiar a iniciativa privada, na condução de todo o processo urbano, como se propõe utlizar a própria administração como agente especulativo. O menos que se poderia chamar a isto, há dez anos, era desaforo. Dar-lhe força de lei, neste momento, poderá ser inconsciência ou hipocricia. Quanto a nós, preferimos chamar-lhe irrealismo, porquanto temos a firme convicção de que alguma coisa de muito importante se passou, entretanto, que torna impraticável a aplicação deste esquema.

Em primeiro lugar, a população de Lisboa toma consciência de que a Câmara que ela elegeu não foi, pelo menos no seu conjunto, ouvida no respeitante à aprovação do plano, desconhecido desta, à data da portaria citada. Trata-se portanto de uma prática inconstitucional que será respeitada por quantos acreditam que eleger uma câmara tem algum significado.

Em segundo lugar, e principalmente, acontece que essa população está atenta e actuante no que respeita à luta pelo seu direito à cidade e tem atrás de si três anos de conquistas de que não vai desistir. Em apoio a esta afirmação, lembramos, por exemplo, que mais de 15 000 fogos estão prontos a ser construídos — alguns já em construção —, destinados a substituir, no próprio local, as barracas existentes dentro da cidade. Algumas ocupam zonas que o plano destina a espaços livres e a actividades, passando por cima do direito da população ao local onde se radicou, por vezes, há duas e três gerações.

Muitas outras conquistas foram duramente alcançadas, desde a obtenção de carreiras de autocarros, para o que inclusivamente se pavimentaram ruas, à electrificação dos bairros marginalizados pela cidade convencional, à construção de escolas e equipamento cultural à instalação de intra-estruturas mínimas de saneamento, que tornaram um pouco menos insuportáveis as condições de vida de alguns milhares de famílias. E isto, foi o começo de um processo irreversível de apropriação da cidade, por parte daqueles a quem apenas fora reconhecido o direito de «construir a cidade para os outros», e que decidiram construí-la igualmente para si.

Este plano é, pois, irrealizável, por desaptado às condições sócio-políticas concretas.

Numa perspectiva realista, pouco adiantaria dizer que o plano não serve se não se apontasse como meta imediata a sua profunda revisão, o que já foi feito, publicamente, por um vereador da FEPU.

Mas, perguntamos nós, onde estão as estruturas camarárias capazes de realizar um trabalho de planeamento com as características democráticas que apontámos, as únicas que interessam à população de Lisboa neste ano de 1977?

. A análise do aparelho camarário levar-nos-ia longe, e o artigo já vai longo, mas os moradores que travaram e travam lutas sabem com o que contam por parte dos serviços actuais da Câmara e sabem também que só uma reestruturação profunda dos mesmos, substituindo neles a estrutura e os homens (alguns, naturalmente), poderá permitir a sua intervenção directa na gestão da cidade, e o mesmo é dizer, a realização de um planeamento urbano democrático.

Esta intervenção já foi um facto. Uma parte da população, aquela que se organizou para a conquista de direitos recusados, sabe, por experiência, o que é ser parte activa nas decisões sobre o território, na escolha dos caminhos viáveis para a sua concretização.

E quem fez tal experiência não desistirá dela, quaisquer que sejam os boicotes, os fundos de gaveta em que se escondem processos, as minudências burocráticas como técnica de desgate, os perfeccionismos tecnocráticos com que se procura atrasar o processo. Ele seguirá em frente, conduzido por aqueles que nada tendo a perder na luta só têm a ganhar. E muito.

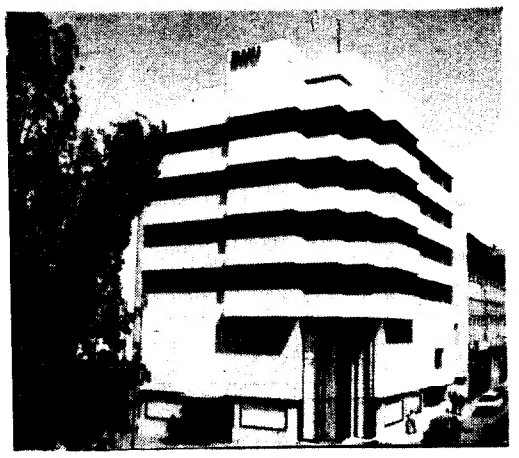
BANCO NACIONAL ULTRAMARINO

25 de Julho

inauguração em

BRAGA

das novas instalações



Largo de S. Francisco, 38

Telefones 24111-24114

Telex 22697

um dos seus 134 balcões

• • •

BANCO NACIONAL ULTRAMARINO

renovação para eficiência

Pilotos da TAP em greve de zelo pretendem horário de trabalho

O pessoal navegante da TAP está a cumprir rigorosamente as normas operacionais (com vista à segurança) estabelecidas pela companhia de Transportes Aéreos Portugueses, o que tem como consequência, especialmente, há cerca de uma semana a esta parte, o atraso de horas na chegada e partida de aviões.

Para além da irritação dos passageiros e dos casos de turistas que têm de voltar aos hotéis devido ao excessivo «atraso» do avião, nada mais se pode apurar das consequências e prejuízos para a TAP, pois esta manhã em nenhum dos serviços que contactámos, foi possível obter qualquer informação, incluindo o de Relações Públicas, de onde nos disseram nada saber sobre o que se estava a passar.

Segundo um porta-voz do Sindicato Nacional do Pessoal de Voo da Aviação ivil, este cumprimento rigoroso das normas, que anteriormente obedecia a uma prática mais flexível, deve-se ao facto de as tripulações verificarem uma degradação no cumprimento dessas normas por parte de outros serviços. «Pretendemos manter o mesmo nível de segurança que valeu à TAP, há uns anos, ser considerada internacionalmente a primeira companhia nesse campo» — afirmou o mesmo porta-voz.

O cumprimento exagerado das normas operacionais já está a provocar alguns atrasos nas carreiras

Isso implica por parte das tripulações, um cumprimento mais rigoroso das normas operacionais.

Por outro lado, esta prática, determinada já há algum tempo pelo Sindicato dos Pilotos da Aviação Civil, e, aconselhada pelo Sindicato Nacional do Pessoal de Vòo da Aviação Civil a todos os seus associados, através de comunicado divulgado na passada sexta-feira, toma como que uma forma de «defesa» para o pessoal de bordo, cujo Acordo Colectivo de Trabalho está a ser negociado há cerca de um mês, sem que entretanto se tenha chegado a qualquer conclusão devido a protelamento do Conselho de Gerência da TAP.

«As pessoas muito assoberbadas com o tipo de problemas que se estão a levantar não podem exercer com segurança a sua profissão pelo que tem de haver um cumprimento rigoroso das normas operacionais conducentes à segurança» — foi-nos ainda dito do Sindicato do Pessoal de Voo.

Uma das principais reivindicações dos trabalhadores no ACT relaciona-se também com a segurança e diz respeito ao reconhecimento a um horário de trabalho. A contratação de trabalho até agora vigente, remete para a entidade aeronáutica competente, neste caso a Direcção-Geral da Aeronáutica Civil, o estabelecimento do horário.

Há com efeito um decreto (que está para ser revisto), o 31/74, que regulamenta os tempos máximos de trabalho e os mínimos de repouso. Isto permite que as tripulações simples cumpram um máximo de 17 horas e as tripulações reforçadas um máximo de 20 horas, máximos que seguundo o Sindicato citado, são superiores aos de qualquer outra companhia europeia. Defendem os trabalhadores que a Direcção-Geral da Aeronáutica Civil só tem competência para estabelecer limites horários com vista à segurança e que esses limites não podem ser, portanto, tomados como horário. Os representantes sindicais têm uma proposta de um máximo de 15 horas seguidas, de trabalho e «vez e meia» (22,5 horas, portanto) de descanso. O Conselho de Gerência da TAP toma como horário os tais limites até agora em vigor.

Gaspar e Kalidás denunciam "Carta Aberta"

O grupo de dirigentes sindicais da «Carta Aberta» não passa de «um movimento que já nada tem a ver com a defesa, a unidade e a independência do Movimento Sindical, nem tão-pouco é uma expressão com ideias próprias», segundo afirmou este fim-de-semana em coimbra José Luís Gaspar, dissidente da «Carta Aberta» e presidente da mesa da assembleia geral do Sindicato dos Escritórios de Lisboa.

Falando numa sessão de esclarecimento da fraternidade operária, Gaspar caracterizou aquele grupo sindical como uma realidade «cada vez mais concorrencial, cada vez mais paralela, que só não é ainda uma segunda central sindical porque a burguesia não 1dispõe por enquanto de capacidade financeira para a constituir».

Kalidás Barreto, por seu turno, afirmou que a «Carta Aberta» é «uma força estranha aos trabalhadores, porque aliada ao capital e à direita». Este dirigente sindical justificou, a propósito, a sua presença no secretariado da CGTP-Intersindical Nacional, afirmando:

. «Aceitei. ficar na Inter consciente do que fazia. Não me importam os erros do passado: como socialista não escondo que houve realmebte erros em 1974 e 1975; contudo, tenho que fazer uma análise dinâmica, não uma análise estática, pois esta é feita pelos conservadores. E essa análise leva a interessar-me pelo que é hoje a Inter, não o que foi no passado, leva-me a preocupar-me isso sim com as alianças que estão a ser feitas por alguns com as forças fascistas».

E sublinhou: «O Socialismo faz-se com os seus amigos e jamais com os seus inimigos declarados ou sofisticados».

Também José Luís Gaspar se pronunciara sobre a actual situação política tendo afirmado, nomeadamente, que «o quatro é extremamente grave, assistindo-se à mutação de todo o processo de conquistas ganhas com o 25 de Abril, de que já muito poucas restam».

Responsabilizando o Governo pelo congelamento da contratação colectiva, Gaspar deixou ficar um apelo á «resistência generalizada dos trabalhadores contra a recuperação pela burguesia das conquistas do 25 de Abril, pois só assim será possível ainda em face da correlação de forças existente, marchar decisivamente rumo à sociedade socialista que desejamos e para que aponta a própria Constituição».

ACTIVÍSSIMA

Entretanto, o grupo da «Carta Aberta» prossegue os seus contactos na intimidade dos gabinetes governamentais. Estão previstos diversos encontros para esta semana, depois da reunião efectuadas na passada sexta-feira com o secretário de Estado da Comunicação Social.

"Abatido" o delegado em Coimbra do Ministério do Trabalho

— "saneamento", acusa o visado

«Saneamento» é a classificação que o delegado em Coimbra do Ministério do Trabalho, dr. Gabriel Figueira, dá às «necessidades operacionais» e à «conveniência de serviço» com que o ministro Maldonado Gonelha o afastou das funções que exercia.

Em carta aberta dirigida ao ministro do Trabalho, o dr. Gabriel Figueira considera o seu afastamento como «indigno, baixo e desleal e, por muito que custe, só está à altura de irresponsáveis ou de mal-intencionados». O delegado afastado acrescenta que a sua pública posição pretende ser «um aviso aos incautos, demonstrando um falso pluralismo numa democracia que é continente sem conteúdo». Sublinha depois que «o mínimo que se pode exigir a responsáveis é que têm a coragem de assumir as responsabilidades das opressões políticas que descabem, sem terem necessidade de desculpas infantis ou de enganar qualquer cidadão menos prevenido».

Acusando e perguntando ao ministro Gonelha se «é este o diálogo que pretende com os trabalhadores visando o estabelecimento do pacto social», o dr. Gabriel Figueira escreve: «Afinal vossa excelência nem com os seus funcionários é capaz de dialogar».

O afastamento do dr. Gabriel Figueira é referido numa moção aprovada no último plenário distrital da União dos Sindicatos de Coimbra, que o considera um «arbítrio do ministro Gonelha» que «deixa bem claro que os trabalhadores nunca receberam do delegado Gabriel Figueira qualquer favor».

A moção afirma que o delegadó «procurou obstar a que a delegação do MT de Coimbra se transformasse numa sacristia dos patrões e por isso não convinha ao serviço». A moção repudia o que considera despedimento, afirmando que o dr. Gabriel Figueira «é um homem sério e honesto» e que «por esse facto, e só por esse facto, foi abatido».

"Pide" Viegas e amigos visitam a J. Pimenta

. Acompanhado por guarda-costas e elementos saneados da empresa pelos trabalhadores, o ex-administrador da J. Pimenta, Lázaro do armo Viegas esteve hoje durante meia hora na sede daquele complexo industrial, onde se avistou com a respectiva comissão administrativa com a qual abordou, segundo se pensa, o problema da sua reintegração.

Lázaro Viegas esteve detido durante cerca de vinte meses, sendo libertado após o 25 de Novembro. Sobre ele impende a acusação de ter sido íntimo colaborador da Pide, braço direito do tristemente célebre inspector José Gonçalves e responsável pela prisão de Octávio Pato, dirigente comunista. Por altura da intervenção do Estado no grupo de empresas J. Pimenta, Viegas foi suspenso pelo conselho de Ministros, das funções que aí desempenhava como administrador parecendo que agora terá encontrado receptividade junto do Governo e da comissão administrativa para tentar o seu regresso.

Entre as pessoas que o acompanharam esta manhã encontrava-se o genro de João Pimenta, arlos Oliveira Silva, adjunto do sogro.

A notícia destes factos causou de imediato sintomas de repúdio nas diversas frentes de trabalho.

Portas fechadas para o patrão da Copam

O ex-patrão da Copam — Companhia Portuguesa de Amidos — què pode, a partir de hoje, por determinação governamental, voltar a ocupar o seu antigo lugar na empresa, não compareceu ali esta manhã.

Por telefonema efectuado na semana passada, V. Manuel Carmona e Costa marcou para as 12 horas de hoje uma reunião com a Comissão de Trabalhadores. Como porém a decisão do plenário foi a de impedir a entrada nas instalações, do ex-patrão, os trabalhadores, mesmo alguns dos que se encontram de férias, estavam esta manhã na fábrica, na disposição de cumprir por todos os meios a decisão do plenário. Amanhã, apesar de ser feriado municipal e de a Copam paralisar a sua laboração normal, os trabalhadores concentrar-se-ão de novo na empresa, para impedir o regresso de Carmona e Costa.

"PRESSÃO DO IMPERIALISMO"

União dos Sindicatos de Lisboa denuncia presença em Portugal do Fundo Monetário Internacional

. A presença no nosso País de representantes do Fundo Monetário Internacional (FMI), no momento em que na Assembleia da República se debatem leis de primordial importância para todos os portugueses, «revela inequivocamente a pressão do imperialismo no sentido de pôr em causa a independência nacional» e representa um «vergonhoso atentado aos interesses e aspirações do Povo português» — afirma o secretariado da União dos Sindicatos de Lisboa.

«Esta situação faz parte de um grande plano das forças de direita, nacionais e internacionais no sentido de restaurar o capitalismo em Portugal, de pôr em causa as liberdades democráticas, de fazer tábua rasa dos objectivos do Movimento Libertador de Abril e da Constituição, que apontam claramente para um projecto socialista da Sociedade portuguesa», comenta aquela organização sindical.

Responsabilizando o Governo pelas «graves cedências que vem fazendo ao grande capital nacional e internacional, pondo deste modo em causa a nossa soberania e independência na-USL lança um público alerta para esta situação, apelando ao debate profundo deste problema nos locais de trabalho.

Risco de desemprego na ANTAR

. Trezentos e vinte postos de trabalho estão em risco de se perderem na fábrica de confecções «Antar», do Porto, por ameaça de despejo movida pelo senhorio do prédio e por inoperância dos departamentos governamentais, nomeadamente o MIT, que a desintervencionaram e onde nem os próprios patrões pretendem regressar. Estes haviam-na já abandonado em Setembro de 75, deixando 50 mil contos de dívidas à banca nacionalizada, encomendas por cumprir mas com facturas já liquidadas e um mau nome no mercado externo por atrasos na entrega dos artigos. A empresa já antes do 25 de Abril se encontrava em màs condições, em situação de verdadeira falência técnica, apesar de possuir um bom parque de máquinas. A gestão ruinosa e incompetente que desde então se fazia sentir foi denunciada pelos trabalhadores em conferência de Imprensa dada no Porto no último sábado.

SEGUNDO OS TRABALHADORES

Atentado ao direito de reunião no Hospital de Santa Maria

«Independentemente da opinião que se tenha quanto à Reforma Agrária, uma coisa é certa: não se pode tolerar que se levantem inquéritos, que se façam ameaças e manobras de intimidação sobre os trabalhadores deste hospital apenas porque fazem uso dos mais elementares direitos de reunião e de expressão de pensamento».

A advertência ficou expressa em assembleia geral de trabalhadores do Hospital de Santa Maria, realizada na passada sexta-feira para analisar, entre outras questões, os incidentes verificados quatro dias antes, por ocasião de uma reunião convocada para discutir o projecto de «Lei Barreto». Na altura foram assinaladas «manobras intimidatórias», tendo o conselho directivo da Faculdade de Medicina ameaçado com um processo disciplinar um dos elementos convocantes. Por seu turno, a comissão instaladora do Hospital levantou um inquérito aos restantes.

Toda esta actuação foi agora denunciada pelos trabalhadores do hospital, que exigem a anulação do inquérito e ameaçam tomar «as medidas exigidas pela situação», caso venham a concretizar-se medidas disciplinares. O levantamento do inquérito suscitou, aliás, um voto de censura à comissão instaladora do Hospital «por mais um acto repressivo próprio da sua habitual prática antidemocrática e de violação dos direitos conquistados com o 25 de Abril».

SUDÃO ENVOLVIDO

Ataque contra a Líbia é plano imperialista

«A agressão do Egipto planeada contra a Líbia teve o aval dos imperialistas. Além disso, temos provas que o Sudão é verdadeiramente cúmplice e participa nessa agressão ao lado do Egipto contra o território líbio.»

Esta acusação formal foi feita esta manhã em Lisboa, na Embaixada líbia, às 9 e 30, numa conferência de Imprensa concedida pelo 2.º secretário, que interinamente responde pelas questões políticas da Líbia, Abdulla M. Massoud. À mesma hora, o norte da Líbia era novamente atacado, na região delimitada pelo triângulo formado pelas bases de Barbiwa, Jagbub e Gmal Abdul Nasser.

No mesmo encontro com a Imprensa portuguesa foram revelados os nomes de três aviadores egípcios, cujos aparelhos foram abatidos sobre território líbio e que, uma vez capturados, confessaram que tinham partido de bases do Sudão, cujo presidente é o direitista Jaafar Numeiry, país com o qual o Egipto tem um «pacto de defesa» desde Julho do ano passado, após uma tentativa de golpe para derrubar o presidente sudanês. Os oficiais capturados são o major Ibrahim Ahmad, o tenente Aidl Abedsalm e o 1.º sargento Ibrahim Dsuki Sharawi.

O 2.º secretário da Embaixada da Líbia em Lisboa esclareceu que a posição do seu país, até agora, tem sido puramente defensiva, como é fácil de comprovar pelas notícias que chegam através das agências internacionais, mas advertiu que, se a situação continuar sem alteração, a Líbia invadirá o Sudão para evitar que a agressão prossiga a partir das suas bases.

Tudo isso demonstra que o «cessar fogo» unilateral declarado ontem à tarde pelo presidente do Egipto, Anwar Sadate, não está a ser cumprido e que os planos de ataque à Líbia tem uma origem muito mais profunda do que a simples disputa territorial em zonas fronteiriças dos dois países.

A acusação feita esta manhã na Embaixada da Líbia em Lisboa, as mesmas acusações feitas na Emabixada de Londres e os novos dados surgidos no fim-de-semana, apontam neste sentido pois a luta dos últimos dias tem sublinhado as divisões existentes entre os países árabes radicais como a Líbia, a Argélia e o Iraque, que se opõem a qualquer negociação com Israel, e os regimes árabes ditos «moderados», como Egipto, cujo presidente, Anwar Sadate, tem tomado posições cada vez mais controversas.

Além disso, os últimos discursos de Sadate, cujos ataques pessoais ao presidente da Líbia, Muhammar Kadaffi, têm estado muito longe do terreno estritamente político e chegam a cair na histeria, estão a ser interpretados como uma clara exortação a um golpe para a sua queda, numa inequívoca interferência nos assuntos internos líbios que é tanto mais grave quanto ambos os países fazem parte da Liga Árabe, a braços com o problema sionista.

O relevo dado à morte de três intrutores militares soviéticos na base líbia de El Adem, nos ataques aéreos de sábado, estão a ser encarados, por outro lado, como uma cortina de fumaça para esconder a precisão com que os ataques contra a Líbia foram desencadeados, inclusive com a destruição de um sistema de radar cuja existência de maneira nenhuma interessava à NATO, facto que demonstra planeamento prévio e detalhado.

Por todo o mundo árabe, levantam-se protestos contra os ataques egípcios à Líbia. O presidente argelino, Houari Boumedienne, já interferiu junto aos dois presidentes, Yasser Arafat, presidente da OLP continua em Tripoli, depois de contactos com Kadaffi e Sadate, Hafez Hassad, da Síria e Houssein, da Jordânia, já disseram que este conflito só pode interessar a Israel e o número de aviões egípcios abatidos (24), bem como os insucessos nos restantes ataques desencadeados deixam prever que o conflito não será estendido a todo o Médio Oriente, antes sendo discutido entre os próprios países árabes, que, afinal, são os que mais perdem, no seu conjunto, com a sequência da luta.

R.F.A.

Saudades de Hitler?

«A Alemanha Federal atravessa uma nova onda de nostalgia de Hitler» — advertiu um dirigente da comunidade judaica deste país, numa entrevista na rádio.

O presidente da Comissão Central Judaica da Alemanha Ocidental, Werner Nachmann, lançou o alarme: «está a ser mostrada à jovem geração uma imagem de Hitler que não lhes diz quem ele era realmente».

Acrescentou que essa nostalgia tem sido propagada por pessoas motivadas por interesses comerciais e por alguns políticos e reputou «possível» que a essa vaga se siga outra fase de anti-semitismo.

Tais pessoas preferiram, deliberadamente, passar sobre o facto de que o ditador nazi foi responsável pela morte de milhões de pessoas e pelo colapso da Alemanha — acrescentou.

Um documentário de longa metragem sobre a vida de Hitler está a ser exibida com êxito nos cinemas da RFA. A película está a esgotar lotações, sendo a audiência constituída, em grande parte, por pessoas que viveram na época.

«Será que Adolfo Hitler, de repente, tem novamente hipóteses junto dos alemães?» — interroga o jornal «Bildzeitung», depois da exibição do filme «Hitler — Uma carreira».

O livro de Hitler «Mein Kampf» (A minha luta) continua proibido na Alemanha Federal, sendo ilegal exibir cruzes suásticas e outros emblemas nazis em público.

A maior parte dos partidos do país não sonharia em falar favoravelmente de Hitler e ainda este ano jornais e políticos elogiaram uma vez mais os oficiais que tentaram assassinar o ditador a 20 de Julho de 1944.

Entretanto cartazes, alguns deles com mais de 40 metros de largura, e «slogans» pedindo a libertação do antigo ajudante de Hitler, Rudolf Hess, apareceram no passado fim-de-semana em Berlim Ocidental — anunciou a Polícia.

Cerca de 10 inscrições, algumas em inglês e alemão e onde se podia ler «liberdade para Rudolf Hess», puderam ser vistas no centro da cidade e num parque próximo.

Hess, que conta 83 anos, é o último dos dirigentes nazis do tempo da guerra que continua na prisão. Foi condenado a prisão perpétua pelo Tribunal de Crimes de Guerra de Nuremberg. Hess é há mais de uma década, o único detido da cadeia de Spandau, em Berlim.

SRI LANKA

Onda de violência após as eleições

Morreram pelo menos 30 pessoas nos confrontos pós-eleitorais que se espalharam nas zonas Norte e Noroeste a partir da área central do Sri-Lanka — informaram hoje em Dunagama fontes policiais.

A emissora oficial do Sri Lanka afirmou que fora imposto o recolher obrigatório entre as 21 e as 5 horas por causa dos actos violentos registados nos distritos de Manner e em Mahivangana na parte central da ilha.

Na cidade de Colombo, a capital, e através da nação, o Governo ordenou o encerramento, por dois dias, de todos os bares, tabernas e postos de venda de álcool e cerveja informou ainda a emissora.

O acto eleitoral de quinta-feira passada foi notavelmente disciplinado e o país permaneceu calmo no dia seguinte, quando a amplitude da vitória do PNU — 139 assentos no parlamento contra um total de 27 para todos os outros partidos — se tornou evidente.

Os confrontos pós-eleitorais, segundo informou a Polícia, foram causados pelos simpatizantes do partido nacional unido, de direita, que tentaram «mostrar a sua vitória» aos simpatizantes do Partido da Liberdade, que estava no poder desde 1970.

O novo primeiro-ministro, J.R. Jayewardene, de setenta anos, lançou esta noite um apelo «á paz e á calma» em todo o país e á «rápida normalização da situação».

A sua mensagem seguiu-se a uma emissão da senhora Bandaranaike, ex-primeiro-ministro derrotado pela Radio Sri Lanka, em que pediu o fim dos distúrbios e do rancor gerados pelas seis semanas de campanha eleitoral, durante a qual morreram, segundo as informações dos jornais, catorze pessoas em recontros entre partidos rivais.

A senhora Bandaranaike classificou de «percalço temporário» o resultado eleitoral, em que o seu Partido da Liberdade obteve apenas oito mandatos parlamentares.

Coreia do Sul aceita retirada dos EUA

Os Estados Unidos e a Coreia do Sul tiveram hoje em Seul dois dias de conversações sobre a retirada de 33.000 tropas terrestres norte-americanas, com os sul-coreanos afirmando agora que aceitavam a evacuação e insistindo na «modernização» das suas forças com novas armas fornecidas por Washington.

Fontes bem informadas disseram que o ministro sul-coreano da Defesa Suh Jyong-Chul, declarara na sessão inaugural que o seu país espera que os soldados norte-americanos fiquem.

Contudo, notou, a Coreia do Sul tinha de aceitar, relutantemente, a retirada durante os próximos cinco anos como um facto consumado.

Salientou o desejo de Seul de que a modernização das suas forças com novas armas norte-americanas esteja concluída antes da retirada.

China ainda está em festa pela reabilitação de Teng

O Exército chinês sancionou as decisões, do Comité Central do Partido Comunista sobre a reabilitação do vice-primeiro-ministro Teng Hsiao-ping e a expulsão do chamado «Bando dos Quatro», dirigentes radicais do PCC, segundo anunciou hoje a agência noticiosa Nova China.

Milhões de soldados do Exército de Libertação Popular Chinês juntaram-se a civis em comícios macicos em todo o país para festejarem o acontecimento.

O maior dos comícios efectuou-se na província de Liaoning, no Nordeste da China, onde cerca de três milhões de soldados e civis desfilaram.

Li Teh-sheng, comandante da região militar de Shenyang, e outros chefes destacados do Exército e do Partido, encontravam-se entre a multidão que acenava com pequenas bandeiras e rufava tambores, acrescentou a Nova China.

Paralelamente, cerca de cem mil civis e soldados encheram o estádio dos trabalhadores em Pequim, festejando a reabilitação de Teng Hsiao-ping — anunciam os dois principais jornais comunistas de Hong-Kong.

O «Ta Kung Pao» e o «Wei Po», em correspondência da capital chinesa, dizem que o primeiro-secretário da Comissão Municipal de Pequim e presidente do Comité Revolucionário de Pequim, Wu Teh, falando aos presentes, declarou que a decisão da terceira sessão plenária do Décimo Comité Central do Partido Comunista Chinês, que reabilitou Teng Hsiao-ping, «era desde há muito aguardada pelo partido, pelo Exército e pelo povo».

Os jornais, de língua chinesa, referem a ocorrência de semelhantes manifestações de entusiasmo em Nanquim, Xangai e Cantão, publicando em primeira página fotografias de grandes manifestações em Pequim.

Entretanto, o «Ming Pao», considerado independente, afirma hoje em editorial que existe a preocupação de uma possível luta pelo poder entre Teng e o sucessor de Mao, Hua Kuo-feng.

O jornal considera que Teng teria escassas hipóteses de sucessão caso iniciasse uma campanha anti-Hua, uma vez que este desfruta de grande apoio dentro do partido, do Exército e do Governo.

Andreotti foi acalmar Carter

O primeiro-ministro italiano, Giulio Andreotti parte hoje de Roma para Washington, onde terá dois dias de conversações com Jimmy Carter que se espera tenham como tema principal a preocupação norte-americana acerca da crescente influência do Partido Comunista na política italiana.

Andreotti revelará ao presidente dos EUA as suas opiniões sobre o pacto legislativo entre seis partidos, firmado recentemente, que, pela primeira vez desde 1947, dará aos comunistas uma participação formal na plknificação política.

Outros tópicos da agenda incluirão a política nuclear de Washington, a situação no Médio Oriente e o desanuviamento na Europa.

Funcionários norte-americanos têm salientado repetidas vezes que os assuntos internos dos países da Europa Ocidental «são unicamente de sua conta», o que, na prática, não é bem assim, como se sabe.

Contudo, crê-se que Carter está «ansioso» por saber que o pacto dos seis partidos não conduzirá à nova consolidação comunista na esfera do poder governamental.

Numa entrevista concedida à revista «Us News and World Report», o chefe do Governo italiano acentuou ontem, à noite, que «a Itália era uma nação soberana livre, com a responsabilidade da constituição do seu Governo cabendo ao povo italiano».

Contudo, a decisão de Washington, na semana passada, de permitir que «L'Unita», o jornal do PCI, abra uma filial nos Estados Unidos, é considerada em Roma como uma indicação de uma atitude norte-americana «mais descontraída».

Um editorial recente de «L'Unita» propunha que a Itália e a Europa deveriam ser independentes dos dois blocos de potências, mas não se tornarem «antiamericanas» ou «antisoviéticas».

Londres e Washington têm novo plano para a Rodésia

«As propostas baseiam-se no sufrágio universal, na base de 'Um homem - um voto'», declarou David Owen, ministro dos Negócios Estrangeiros britânico, ao comentar a série de propostas para um governo de maioria que membros dos governos norte-americano e britânico vão propor brevemente para solucionar o problema político rodesiano.

Funcionários do governo de Washington sublinharam que a nova proposta será a última tentativa conjunta para mediar o conflito rodesiano e evitar a possibilidade de uma guerra racial.

«Se Smith as rejeitar, está a ir contra a opinião internacional», acrescentou David Owen, ao terminar os seus comentários.

LINHA DA FRENTE DISCUTE UNIFICAÇÃO MILITAR

Um grupo de dirigentes da «Linha da Frente» que inclui, entre outros, os presidentes Samora Machel, Julius Nyerere, Agostinho Neto e Kenneth Kaunda reúne-se hoje em Lusaka para discutir a situação na Rodésia e no Sudueste Africano. A conferência cimeira deverá, ainda, debruçar-se sobre os recentes ataques rodesianos contra Moçambique, a Zâmbia e o Botswana e deverá estudar a hipótese de as forças militares nacionalistas se virem a unificar para combater o regime de Ian Smith.

Noticiário em colaboração com as agências ANOP, France Presse, Inter Press Service, Novosti, Prensa Latina e Reuter

EVA

grande cabeleireiro de senhoras EVA, lda.

As Senhoras sabem que a EVA é um Cabeleireiro muito bom

Pr. Marquês de Pombal, 1 e R. Camilo Castelo Branco, 23

LISBOA

Hoje

A Visita da Cornélia

I PROGRAMA

18.45 Abertura e **Bonecos**: Alice e o Seu Cão de Cristal; Gulp e Miguel no País dos Bonecos de Giz; «O Arco-Iris» e «O Camaleão».
19.10 **Abre-te Sésamo**. «A Surpresa», «O Elefante», «O Conde e o 20», «O Miúdo Perdido e o Polícia», «Formas» e «A Selecção das Bolachas».
19.40 **Telejornal** — Flash.
19.45 **Lamiré**. Magazine de música.
20.15 **Gabriela**. Telenovela baseada na obra «Gabriela Cravo e Canela» de Jorge Amado. Adaptação de Walter Durst. Realização de Walter Avancini. Produção da Rede Globo de Televisão.
21.00 **Telejornal** — 1.ª edição.
21.40 **A Visita da Cornélia** — Concurso 8.ª sessão. Apresentação de Raul Solnado.
23.55 **Telejornal** — 2.ª edição.
00.15 Fecho.

Amanhã

I PROGRAMA

18.45: Abertura e Vem ver como se fazem bilhetes da Carris e impressão de livros; **19.10**: «1, 2, 3... é a tua vez». **19.45**: Telejornal - flasch; **19.50**: Eu Louvarei. **20.20**: Gabriela. **21.00**: Telejornal — 1.ª Edição. **21.35**: Os Marretas. **22.05**: Mosaico. **23.30**: Telejornal — 2.ª edição. **23.45**: Fecho.

PARA REPARAÇÃO DO SEU TV
SOS - CLÍNICA DE TELEVISÃO
COM RADIO TELEFONE PARA MAIOR RAPIDEZ E EFICIÊNCIA
DESLOCAÇÃO E ORÇAMENTO GRATIS — SERVIÇO PERMANENTE
Telefs. 88 27 86 - 89 98 26
Avenida S. João de Deus, 13-B Rua Macau, 8

Crítica de Teatro

CARLOS PORTO

O teatro com a burocracia

«O PROCESSO ED 20 TRAÇO 22» — Criação colectiva do Grupo de Teatro do Gabinete da Área de Sines (Lisboa). Encenação: Francisco Pestana com a colaboração de Gabriela Morais e João Mota. Apoio técnico do Grupo Comuna. Interpretação: Arnaldo Grilo, Carlos Vasconcelos, Celeste Correia, Fernando Mourado, José Borrego, Margarida Pino, Pedro Sousa e Silva.
Comuna — Julho 1977.

No Gabinete da Área de Sines formou-se um grupo de teatro que apresentou o seu primeiro espectáculo criado colectivamente com o apoio de alguns elementos da Comuna. A exemplo do que tem feito o grupo da Caixa Geral de Depósitos, sob a orientação de Costa Ferreira, também este novo grupo preferiu, em vez de montar um texto já escrito, produzir um espectáculo que represente, em formas cénicas, uma meditação sobre as suas experiências profissionais. Trata-se a nosso ver da linha mais correcta em relação ao teatro de empresa: mais do que fazer teatro de amadores, trata-se de fazer do teatro de amadores um espaço polémico em que a problemática ligada directamente ao quotidiano dos trabalhadores seja colocada não em termos de psicodrama mas em termos de críticas de estruturas. Trata-se de fazer teatro político sem esquecer, no entanto, que esse teatro não tem que ser um teatro panfletário nem deverá deixar de ser antes de tudo teatro.

Este espectáculo é prova disso: situando-se entre um teatro realista, de signo caricatural, que evoca Gogol, e um teatro de sinal ritualista, que lembra as experiências da Comuna. Influência, aliás, saudável, e inevitável dadas as ligações deste novo grupo e da Comuna. O espectáculo denuncia, em termos abertamente críticos, situações de trabalho a partir de dois postulados: a burocracia e a tecnocracia e aquilo que é, ao mesmo tempo seu factor e seu corolário: o mito do chefe (ou do sr. director, ou do sr. ministro, etc.).

Servindo-se de vários elementos que sinalizam o trânsito muito vivo da peça, desde a entrada ritualista de cada funcionário (que um esqueleto saúda) à organização de vários espaços de representação, ao uso da música, à composição das personagens, às rupturas ideológicas cenicamente bem resolvidas (como a da forma litúrgica como uma funcionária se entrega ao seu dever burocrático e à sua assunção da hierarquia) aos *travestis*, às relações das personagens, ao constante gozo que a todos esses níveis o espectáculo produz.

O tipo de crítica que aqui é proposto corre, no entanto, um risco que não queremos deixar de assinalar. O excesso caricatural dos signos utilizados (por exemplo: o uso de um bigode à Hitler por um dos chefões) pode tornar inverosímeis, ou politicamente incorrectas, as críticas feitas. Queremos dizer o seguinte: a representação confere aos signos utilizados um carácter tão forte que é necessário conjugá-los de forma a não se autodestruirem. Seja como for, o espectáculo do Grupo do Gabinete de Sines reflecte um considerável poder criativo por parte dos seus intervenientes e uma razoável qualidade no que se refere aos intérpretes que participam no espectáculo e que revelaram um nível de homogeneidade que devemos assinalar.

Crítica de Cinema

JORGE LEITÃO RAMOS

"Voltar a viver" de Claude Lelouch

FICHA:
TÍTULO ORIGINAL: Si c'Était a Refaire
REALIZAÇÃO, ARGUMENTO, FOTOGRAFIA: Claude Lelouch (França-1976)
DIRECTOR DE ILUMINAÇÃO: Jacques Lefrançois
MÚSICA: Francis Lai
MONTAGEM: Georges Klota
INTERPRETAÇÃO: Catherine Deneuve (Catherine Berger), Anouk Aimée (Sarah), Charles Denner (o advogado), Francis Huster (Patrick), Niels Arestrup (Henri Lano), Jean-Jacques Briot (Simon), Colette Baudot (Lucienne), etc.
DISTRIBUIÇÃO EM PORTUGAL: Rank
CINEMA: Star
CLASSIFICAÇÃO: Não aconsmen. 13 a.
DURAÇÃO: 108 minutos

O que define o cinema da burguesia é sobretudo uma visão do mundo, um escamotear de contradições, uma função social de alienação. Não são por isso os temas mas o olhar que sobre eles se lança que marca o carácter de classe que um filme sempre traz consigo. E se, frequentemente, uma tal demarcação é difícil de fazer com precisão, quando se trata de um filme de Lelouch tudo se desvanece até restar, sem ambiguidades, o protótipo do cinema burguês. Um cinema burguês, entendamo-nos, que nem sequer tem o mérito, a lucidez, de nos apresentar fissuras, testemunhos, agressividade, uma qualquer forma de vitalidade ou de resistência, mas um cinema burguês satisfeitinho consigo próprio, docilmente róseo e de cores esbatidas, cheio de uma luz que mais não é que uma insuflação artificial que nem sequer a burguesia mais dinâmica consome.

Muitas vezes se disse ser Claude Lelouch um cineasta a colocar ao nível da «Elle» ou dos «Jours de France», quer dizer um cineasta de conversa de cabeleireiro e papel couché. **Voltar a Viver** é, porém, talvez o filme onde isso seja mais lapidar.

Que a França é o melhor dos sítios do mundo era uma coisa que por cá se ignorava. Nós, portugueses, conhecemos mais o **côté** «bidonvilles», o trabalho em cadeia na Renault (no melhor dos casos), o bâtiment (no pior). Pelos vistos (diz Lelouch) temos andado todos enganados. Neste filme se prova que uma prisão é um sítio onde os companheiros de cela são porreiros, que a Assistência Social cria filhos-família, que o ordenado de uma vendedora de candeeiros dá para ter vivenda de férias, lagosta e tudo, que há profes sensacionais, que os advogados são dedicadíssimos, que

Catherine Deneuve

os romances de amor não escolhem idades e tudo acaba em bem no mais alto de um qualquer Monte Branco, qual imensa pirâmide de chantilly.

Seria preciso, por outro lado, falar dos corpos dos actores. De como Claude Lelouch escolhe, unanimemente, rostos que têm a ver com a tipagem burguesa, de como a sua voz, o seu olhar, os seus hábitos, a forma como andam, vestem e pensam são característicos de uma classe determinada (e que está para cima da pequena-burguesia). Seria talvez, ainda, útil falar de uma cor e de uma montagem que apagam todos os possíveis ttraços de violência ou de ficção e que se organizam como um deslizar bem oleado de um mundo onde tudo vai bem. Seria oportuno reparar, por outro lado, como este filme se coaduna com a sala em que é servido, com o público que a frequenta, como isto, afinal, está tudo ligado.

quarteto

DE 22 A 29 DE JULHO

com o apoio de
SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA * FUNDAÇÃO CALOUSTE GULENKIAN * EMBAIXADA DE FRANÇA
apresenta

OS FILMES DA QUINZENA DOS REALIZADORES — CANNES 77

HOJE

— SALA 1 —	— SALA 2 —	— SALA 3 —	— SALA 4 —
Às 21.15-23.30 h. N. ac. M/18 anos LA HISTORIA ME ABSOLVERÁ de Caetano Pagano	Às 21.15 h. Int. a M/18 anos QUIET DAYS IN CLICHY de Jens Jorgen Thorsen	Às 21.15-23.30 h. N. ac. M/18 anos REISE NACH WIEN de Edgar Reitz	Às 21.15-23.30 h. N. ac. M/18 anos SOUVENIR D'EN FRANCE de André Téchiner
Às 14.30-16.45-19 h. N. ac. M/18 anos NÓS POR CÁ TODOS BEM de Fernando Lopes	Às 14.30 - 19 h. N. ac. M/18 anos O CERCO Às 16.45 N. ac. M/18 anos MEUS AMIGOS de Cunha Teles	Às 14.30-16.45-19 h. N. ac. M/18 anos Cravos Vermelhos de Abril de Vera Belmont	Às 14.30-16.45-19 h. N. ac. M/18 anos ECLAIRS ET TONNERRE de Marianne Ahrne

"Em Maio..." na Comuna

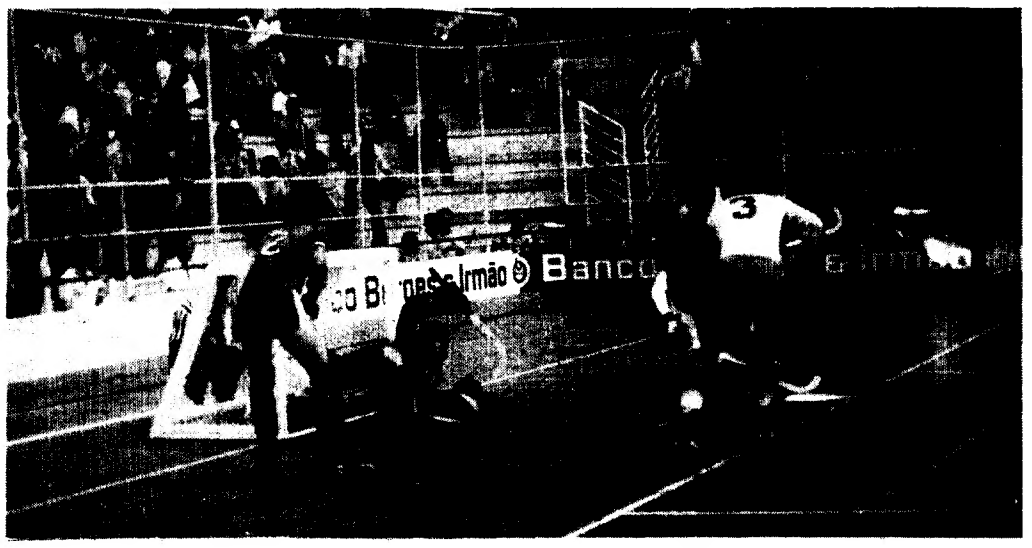
«Em Maio...» último trabalho da Comuna, estreado no passado dia 18 de Maio, em Lisboa, e apresentado apenas durante dez dias com lotações esgotadas e com grande receptividade por parte da crítica e do público, está de novo em cena, na Casa da Comuna na Praça de Espanha à saída do Metro Palhavã. «Em Maio...» é uma criação colectiva da Comuna, com textos do grupo e de Augusto Boal, Pablo Neruda e canções de José Mário Branco, que foca a realidade portuguesa dos últimos 50 anos.

«Em Maio...» estará em cena, até fim de Julho (a Comuna seguirá em tournée pelo País em Agosto), diariamente às 21 e 30, excepto à 2.ª-feira que é descanso e aos domingos em que só há matinée às 18 horas. Os bilhetes têm o preço único de 40$00, encontrando-se à venda no Teatro da Comuna, podendo ser marcados pelo telefone 762624.

CAMPEONATO DA EUROPA DE HÓQUEI EM PATINS

Espanhóis invioláveis preocupam portugueses?

Reportagem de Manuel Neto



Foi assim que Garrancho alcançou o sétimo golo no encontro Portugal-Holanda

PORTO, 25 — Como já era de prever, o público nortenho está a viver apaixonadamente (às vezes até demasiadamente) o «33.º Campeonato da Europa de Hóquei em Patins» que principiou no passado sábado, com a lotação do Pavilhão das Antas esgotada. Aliás, tal facto só poderá surpreender quem não conhece o gosto da gente nortenha pelo hóquei em patins, mau grado as raras oportunidades que tem de assistir a espectáculos deste nível. Talvez por isso mesmo, e como retribuição para o constante apoio que lhe é dado, a equipa portuguesa tudo tem feito para agradar aos seus apaniguados, mormente através das exibições até agora efectuadas.

Na jornada inaugural, e depois do desfile das equipas concorrentes, coube aos conjuntos da Suíça e da Holanda darem a «stickada» de saída. A turma holandesa evidenciou melhor técnica e consequentemente chegou ao intervalo a vencer por 4-0. No segundo tempo, porém, os suíços sentiram-se estimulados pelo apoio do público e ainda conseguiram assustar o seu adversário que viu a sua vantagem reduzir para 4-3.

Defrontaram-se a seguir a Itália e a França. Depois dos franceses terem falhado um castigo máximo, os italianos abriram o activo e lograram mesmo aumentar para 2-0. Os gauleses reagiram bem e após terem reposto a igualdade, ainda tiveram fôlego para colocarem o marcador em 3-2. Nos últimos segundos, porém, a Itália restabeleceu a igualdade (3-3) com que terminou a partida.

O terceiro jogo da noite opunha a equipa portuguesa à de Inglaterra, mas deste encontro, como aliás dos restantes em que participe a equipa portuguesa, daremos conta separadamente, com mais pormenor.

A concluir a primeira jornada, jogaram entre si a Espanha e a Alemanha. Este encontro era aguardado com uma certa expectativa, dados os progressos feitos, nos últimos anos, pela República Federal da Alemanha na modalidade. Os espanhóis também sentiram isso de uma forma especial, já que durante todo o primeiro tempo e uma boa parte do segundo correram o risco de serem desfeiteados pelos alemães que, diga-se em abono da verdade, não tiveram a sorte pelo seu lado. A Espanha acabou por triunfar, mas não ganhou para o susto.

A segunda e terceira jornadas disputaram-se ontem, de tarde e à noite. Na jornada da tarde, a nota de sensação foi dada pela equipa de Inglaterra, que vendeu cara a derrota tangencial frente a Itália. No jogo que disputaram contra a Bélgica, os alemães experimentaram também algumas dificuldades, mas o engodo do terceiro lugar acabou por galvanizar a equipa, que venceu sem margem para dúvidas. A Espanha, vencidas que foram as dificuldades iniciais, venceu folgadamente a equipa francesa, sendo, no entanto, de realçar a réplica dada pelos gauleses, que puseram à prova a excelente forma de Trullols.

A jornada da noite principiou com um encontro que prometia: Alemanha-Itália. Duas equipas a pensarem no terceiro lugar e no «passaporte» para o Mundial. Um tanto surpreendentemente, os italianos deram melhor conta de si do que nas jornadas anteriores e estiveram à beira de ganhar. No entanto, no último minuto, os alemães acabaram por empatar.

Seguiu-se o jogo entre as equipas da França e da Inglaterra, duas formações muito aguerridas que se empenharam a fundo em busca do triunfo. Este, porém, veio a pertencer à França, ainda que por números exagerados.

Após o jogo de Portugal, actuaram as equipas da Espanha e da Bélgica. Antes de mais convirá referir que o encontro se afigurava fácil para a equipa espanhola, já que a diferença de valores é abisal. Acontece, no entanto, que por vezes o fácil se torna difícil, sobretudo se os jogadores perdem a cabeça, como foi o caso.

Com efeito, quando faltavam, três minutos para o termo do encontro, com o marcador em 3-0 favorável à Espanha (resultado feito no primeiro tempo), um jogador belga cometeu uma falta (mais uma entre tantas) sobre um jogador espanhol e logo se estabeleceu a confusão com os jogadores mais exaltados a trocarem algumas «carícias» entre si. Daí resultou que Trullols ficasse lesionado (contundido no queixo) e tivesse de abandonar o rinque, ao mesmo tempo que o prevaricador era expulso temporariamente. Mas, o mais lamentável no meio de tudo isto, foi o comportamento do público que, entusiasmado com as sucessivas faltas dos belgas, reagiu mal às reacções naturais dos espanhois. Assim não. Assim é que não pode ser.

OS PORTUGUESES

Portugal, 19-Inglaterra, 1. Árbitro: Boceno (França). Ao intervalo: 11-1.

Portugal: Ramalhete (Carlos Alves): Rendeiro (3), Sobrinho (2), Livramento (3), Chana (5), Cristiano (3), e Garrancho (2). Inglaterra: Finch, Black (1, na própria balisa), Watkins, Billingslea, Baker, Colton (1) e Staggs.

Um jogo sem história que valeu, sobretudo, pela qualidade de exibição da equipa portuguesa. Os números são deveras elucidativos e dispensam comentários. No entanto, sempre diremos que os jogadores portugueses perderam-se, por vezes, em requintes de execução que nem sempre são aconselháveis. De qualquer forma, ficou a certeza de que podemos contar com a equipa de todos nós para as jornadas que se seguem. Arbitragem sem problemas.

Portugal, 10-Holanda, 2. Árbitro: Brune (Alemanha). Ao intervalo: 5-1.

Portugal: Ramalhete (Carlos Alves): Rendeiro, Sobrinho (1), Livramento (3), Chana (3), Garrancho (1), e Cristiano (2). Holanda: Boescnach, Gemert (1), Gryssels (1), Van Doren, Habraken, Gemert II (1), Van Daal e Van Den Dungen.

No decorrer do encontro que disputou contra a Holanda, a equipa portuguesa voltou a assinar uma exibição de bom nível, a raiar por vezes o excelente. A perder por 1-0, os pupilos de Torcato Ferreira sentiram-se feridos no seu orgulho e de um só fôlego resolveram a partida. Pois é verdade: em menos de um minuto os portugueses passaram o resultado de 0-1 para 4-1. Simplesmente notável. Depois, bem, depois, surgiu a confirmação, embora em toada mais repousante. Cinco golos em cada meio tempo foi o suficiente para levar de vencida uma equipa como a Holanda que, mesmo a perder, nunca concedeu facilidades ao ataque português.

Arbitragem com alguns julgamentos errados que prejudicaram a equipa de Portugal.

Portugal, 5-Suíça, 2. Árbitro: De Santis (Itália). Ao intervalo: 4-0.

Portugal: Ramalhete, Renodeiro, Sobrinho, Livramento (1), Chana (4) e Carvalho. Suíça: Dufaux, Gemoud, Chassot, Schmid (2) e Taroni.

Actuação modesta de Portugal, mesmo muito abaixo daquele nível e que já nos íamos habituando. Com efeito, o «cinco» português experimentou muitas dificuldades para ultrapassar a bem escalonada defesa helvética. Refira-se, a propósito, que isso se ficou a dever em grande parte ao hóquei negativo perfilhado pela turma suíça que, para além de não se abalançar ao ataque, obrigou a um constante refrear do ímpeto dos portugueses. Ainda assim, sempre que surgiu a hipótese de contra-ataque, Chana não perdoou. Os golos dos suíços foram conseguidos mercê da posição adiantada dos defensores de Portugal e, também, pela rapidez de execução de Schmid. Enfim, uma actuação para esquecer...

Arbitragem bem conduzida.

Os melhores marcadores: Chana (Portugal), 12; Livramento (Portugal), e Torres (Espanha), 7, Cristiano (Portugal), 5, Gemert II (Holanda), Castaing (França), Ducourtioux (França) e Giralt (Espanha), 4, Júlio Rendeiro (Portugal), Sobrinho (Portugal), Garrancho (Portugal), Chassot (Suíça), e Jex (Alemanha), 3, Billingslea (Inglaterra), Riccardo (Itália), De Bleeuur (Bélgica) e Schmid (Suíça), 2.

CLASSIFICAÇÃO

Após as três primeiras jornadas, a classificação parece começar já a ganhar os contornos que são peculiares ao «europeu» da modalidade (e só não foram no último «Mundial» porque a Argentina se imiscuiu «atrevidamente» na Ordem).

Ei-la:

	J	V	E	D	GOLOS	PONTOS
ESPANHA	3	3	0	0	13-0	6
PORTUGAL	3	3	0	0	34-5	6
ITÁLIA	3	1	2	0	5-4	4
ALEMANHA	3	1	1	1	5-5	3
FRANÇA	3	1	1	1	10-13	3
HOLANDA	2	1	0	1	6-13	2
SUÍÇA	2	0	0	2	5-9	0
BÉLGICA	2	0	0	2	2-7	0
INGLATERRA	3	0	0	3	3-27	0

RESULTADOS

Já lá vão três jornadas, tantas quantas decorreram na abertura (sábado) e ontem (duas sessões).

Vejamos os resultados: (1.ª jornada): Suíça,3-Holanda,4; Itália, 3-França, 3; Portugal, 19-Inglaterra, 1; e Espanha, 2-Alemanha, 0; 2.ª jornada: Inglaterra, 0-Itália, 1; Alemanha, 4-Bélgica, 2 Portugal, 10-Holanda, 2; e Espanha, 8-França, 0; 3.ª jornada: Alemanha, 1-Itália, 1; França,7-Inglaterra, 2; Portugal, 5-Suíça, 2; e Espanha, 3-Bélgica, 0;

Dito (aliás, escrito) isto, a «ementa» de hoje: 20.30 Inglaterra-Alemanha; 21.25 Holanda-Bélgica; 22.20 Portugal-Itália; e 23.15 Espanha-Suíça.

Descansa a França.

PORTUGAL

ANDEBOL

As equipas do F.C. do Porto, homens, e Liceu Maria Amália mulheres, venceram a Taça de Portugal, última prova oficial da época, derrotando, nas finais, respectivamente o F.C. de Gaia, por 26-14, e o Liceu de Oeiras (meninas), por 14-13. Na final feminina houve necessidade de recorrer a prolongamento, já que no termo do tempo regulamentar o resultado era de 11-11.

BASQUETEBOL

O Barreirense apoderou-se do título nacional de juniores, em basquetebol, ao vencer, na última jornada, o Atlético, por 98-74, no Ginásio do Barreiro. Outros resultados: F.C. Gaia-Académico de Coimbra, 57-75; Académico do Porto-Galitos, 92-41; e Benfica-Sporting, 64-74. Classificação: Barreirense, 25 pontos; A. Coimbra, 24; Atlético, 23; Sporting, 23; A.C. Porto, 21; F.C. Gaia, 19; Galitos, 18; e Benfica, 15.

CICLISMO

A equipa do F.C. do Porto de seniores venceu o «Nacional» por equipas que ontem decorreu na região de Aveiro. O Benfica desistiu, enquanto a equipa portista constituiu assim: Vesceslau Fernandes, Belmiro Silva, Floriano Neves e Manuel Gomes. O «Águias-Clolo» ficou em segundo lugar. Carlos Santos e Venceslau Fernandes tinham ganho, entretanto, sábado, duas provas disputadas na área da A.C. do Porto.

HIPISMO

Azevedo e Silva, capitão Pimenta da Gama (duas vezes), José Sabbo, Manuel Falcão e António arvalho venceram as cinco provas hípicas do Torneio de Espinho, anteontem inaugurado naquela cidade. Ontem, Azevedo e Silva, Pimenta da Gama (as duas provas mais importantes), Alexandre Quental, Manuel Falcão e outra vez Azevedo e Silva averbaram outros tantos triunfos na competição, que hoje prossegue.

HÓQUEI EM PATINS

O Sporting venceu o Campeonato Nacional de Juniores ao derrotar, na última jornada, o Valongo, por 8-1, enquanto no Estoril o Salesiana ganhava à Sanjoanense, por 5-3. Resultados da penúltima jornada: Salesiana-Valongo, 4-3; e Sporting-Sanjoanense, 5-0. Classificação: Sporting, 15 pontos; Salesiana, 14; Sanjoanense, 11 e Valongo, 8. «Nacional» da II Divisão: vencendo no Porto, o Invicta (7-3), o Parede esse-houreou-se do título, pois havia ganho o primeiro encontro por 3-1, na Parede.

Continua na pág. 14

VOLTA À FRANÇA EM BICICLETA

Quem não tomou "doping"?

. Bernard Thévenet ganhou a Volta à França em bicicleta. Já há dois anos a maior realidade do ciclismo francês havia cometido o feito que ontem repetiu. E, deixando de parte a questão (já noutro local dissecada) do «doping», pois as más-línguas proclamam que Thévenet também ingeriu produto que dá mais força e catapulta o homem para a vitória no pedal bem pago, teremos de convir que o francês foi, nas três semanas por que o «Tour» se prolongou, o velocipedista mais regular e possante.

Ganhou o mais difícil dos contra-relógios nos Alpes (daqueles em que o céu parece estar perto), alcançou um excelente 2.º lugar em Dijon (outro «crono»), no qual ganhou 28 segundos ao seu mais directo adversário (Kuiper) tinha-se distanciado, na caminhada para Alpes D'Huez do exímio trepador que é Van Impe, aguentou bem as etapas planas (onde, ao contrário Agostinho, não perdeu tempo), não se impressionou com Eddy e, nos instantes cruciais, foi «liquidando» as veleidades dos seus concorrentes. Mereceu (se não se «dopou») o triunfo final, os louros que Paris, toda cheia de «charme» e de público reservava para o melhor.

Agostinho, Mendes e Martins portaram-se de acordo com as suas responsabilidades. O Joaquim foi o melhor da Teka (apesar de, a dar crédito às análises, se ter «drogado»), Martins foi o segundo da Kas (apenas Gaidos o superou), e Mendes o terceiro homem da equipa de Miguel Moreno. Entre estes, e apenas como observação laudativa, Gaidos, de quem voltamos a falar para salientar que é outro dos poucos homens, entre os melhores, de quem não se suspeita de «dopagem».

Na tirada de sábado, entre Monterea e Versalhes, com três contagens de 4.ª categoria e uma de terceira, o holandês de «Raleie», Knghtemman, voltou a impor-se (segunda vitória no «Tour», após se ter escapado ao pelotão nos últimos quilómetros. Ontem, de manhã, foi o germânico Thurau, que durante duas semanas envergou a «amarela», quem ganhou o contra-relógio individual de pouco mais de seis quilómetros, superando o seu companheiro Knetemman, o francês Thévenet e o belga Bruyere.

Na última etapa, em linha, Alain Meslet deu a segunda maior alegria (a primeira era, como se calcula, a certeza de que Thévenet ganhava o «Tour») aos franceses, vencendo a etapa dos Campos Elíseos, circuito de 90 quilómetros. Classificaram-se a seguir Karstens, Hoban e Stute, tudo homens de ponta final, isto é o frenesim da luta dos segundos planos, a que Meslet já não pertence, era muito pouco em relação à loucura que ali se desenhava para Thévenet, o digno sucessor de Anquetil.

Classificação da primeira parte da etapa ontem («crono»): 1.º Dietrich Thurau, Alemanha Federal, 7m 52,10s (média de 45 km/h); 2.º Gerrie Knetemman, Holanda, 7.55,11; 3.º Bernard Thévenet, França, 7.58,16; 4.º Eddy Merckx, Bélgica, 8.01,41; 5.º Joseph Bruvere, Bélgica, 8.03, 18;

Continua na pág. 14

Benfica e F.C. do Porto: campeões da II Divisão

A gravura documenta o momento em que José Pedras, do Belenenses, arranca decisivamente para ganhar a prova dos 5000 metros, masculinos, dos Campeonatos Nacionais da II Divisão, para homens e mulheres, que sábado e ontem decorreram no Estádio Nacional e no «Municipal» de Coimbra. O FC do Porto, em homens, e o Benfica, em senhoras, impuseram-se às outras equipas concorrentes vencendo, no final, os troféus em disputa. Embora os portistas tenham ganho em homens, haverá que ter em conta a réplica oferecida pelo Belenenses através, sobretudo, de José Pedras e António Riscado. Vital e Silva, Fernando Pinto, Alberto Ribeiro, José Saavedra e Eduardo Rodrigues foram homens em foco na equipa do FC do Porto. Em femininos, cujo «Nacional» decorreu em Coimbra, em evidência tivemos Luder Macedo, Vera Lisa, Regina Babo, Nora Araújo, Lucinda Leal, Conceição Moura, Rita Borralho, Elisabete Simões e Luz Leite

PORTUGAL

Continuação da pag. 13

NATAÇÃO

A equipa portuguesa de natação ficou no segundo lugar no «meeting» de Génova (Itália), onde Paula Santana foi considerada pelo júri como a melhor atleta do torneio. Os nossos nadadores bateram seis recordes dois dos quais através de Paula Santana (do Clube Fluvial Portuense), nos 100 metros mariposa (1.12) e 100 metros livres (1.04,70), classificando-se em 3.º lugar nas finais das duas provas.

TÉNIS

As equipas portuguesas averbaram duas derrotas e duas vitórias nos jogos de ontem, a contar para a fase preliminar das provas por equipas do Campeonato Europeu de Ténis de Mesa dos jovens que têm decorrido no Centro Omnisports de Vichy. Assim, na categoria de juniores, cujo torneio terminou no domingo, Portugal perdeu os jogos disputados contra a Espanha e o Luxemburgo, ambos por 5-1. Integrada no Grupo C, a equipa portuguesa ficou no último lugar, atrás da Inglaterra, Espanha e Luxemburgo. Em contrapartida a equipa de «Cadetes» venceu a Áustria por 3-0, e a Escócia, por 3-1.

LÁ FORA

ESGRIMA

A União Soviética derrotou a Alemanha Federal por 9-6 e ganhou a medalha de ouro na competição de florete para equipas femininas dos Campeonatos Mundiais de Esgrima.

MERZARIO

A equipa formada pelo francês Jean-pierre Jarier e pelo italiano Arturo Merzario, ao volante de um «Alfa Romeo», foi a vencedora da corrida para Carros de Desporto (Grupo 6), ontem disputada no Circuito de Paul Ricard.

"Tour" terminou ontem

Continuação da pág. 13

6.º, Joop Zoetemelk, Holanda, 8.03,35; 7.º Lucien Van Impe, Bélgica, 8.08,69; 8.º Hennie Kuiper, Holanda, 8.10,08; 9.º, Henrique Cima, Espanha, 8.10,91; 10.º, Bert Pronwk, Holanda, 8.11,40; 17.º, José Martins, Portugal, a 24s de Thurau; 19.º, Agostinho, Portugal, a 27 s; 40.º, Mendes, Portugal, a 53 segundos.

Última etapa (22.ª), circuito dos Campos Elíseos (90,700 km): 1.º Meslet (Fr.-çgitane), 2h 09m 04s; 2.º, Karstens (Hol-Raleigh), 2h 09m 53s; 3.º, Hoban (GB-Mercier), 2h 09 m 58s; 4.º, Sibille (Fr-Peugeot); 5.º, Merckx (Bélg-Fiat); 6.º, Esclassan (Fr-Peugeot); 7.º, Seznec (Fr-Mercier); 8.º Le Denmat (Fr-Lejeune); 9.º, Villemiane (Fr-Gitane); 10.º, Kuiper (Hol-Raleigh); 16.º Mendes (Port-Teka); 25.º, Agostinho (Port-Teka); 27.º, Martins (Port-Teka), todos com 2h 09 m 58s; e 53.º, Bouloux (Fr-Fiat) 2h 27m 47s. Desistiu o belga Joseph Bruyere (Fiat).

Classificação geral final: 1.º, Thévenet (Fr-Peugeot), 115h 38m 30s; 2.º, Kuiper (Hol-Raleigh) a 48s; 3.º Van Impe (Bélg-Lejeune) a 3m 32s; 4.º, Galdós (Esp-Kas) a 7,45; 5.º Thurau (RFA-Raleigh) a 12,24; 6.º, Merckx (Bélg-Fiat) a 12,38; 7.º Laurent (Fr-Peugeot) a 17,42; 8.º, Zoetemelk (Hol-Mercier) a 19,22; 9.º, Delisle (Fr-Mercier) 21,32; 10.º Meslet (Fr) a 27,31; 11.º, Martin (Fr) a 28,35; 12.º, Pronk (Hol) a 30,06; 13.º, Agostinho (Port) a 33,13; 14.º, Aja (Esp) a 36,11; 15.º, Villemiane (Fr) a 36,42; 16.º Martins (Port) a 38,53; 17.º, Janssens (Bélg) a 46,27; 18.º, Martinez Heredia (Esp) a 47,30; 19.º, Torres (Esp) a 47,37; 20.º Vallet (Fr) a 48,41; 21.º, Julien (Fr) a 50,32; 22.º, Seznec (Fr) a 51,39; 23.º, Lopez Carril (Esp) a 53,06; 24.º, Ovion (Fr), a 54,45; 25.º, Ocana (Esp) a 1h 02m 07s; 26.º, Lubberding (Hol) 1.02,13; 27.º Esclassan (Fr) a 1.02,54; 28.º, Mendes (Port) a 1.03,11; e 53.º Karstens (Hol) a 2.23,47.

Classificação geral da montanha: 1.º Van Impe 244 pontos; 2.º Kuiper, 174; 3.º Torres, 143; 4.º Thévenet 114; 5.º Zoetemelk, 80; 6.º Galdós, 53; 7.º Menender, 52; 8.º Agostinho, 42; 9.º Thurau, 42; 10.º Delisle, 42; 11.º Merckx, 41. Classificação geral final das metas-volantes: 1.º Villemianne, 73 pontos; 2.º Santambrogio, 49; 3.º Esclassan, 32; 4.º Danguillaume, 16; 5.º Berland, 9; 9.º Martins, 7; 10.º Mendes, 6; e 14.º Agostinho, 5. Geral final por pontos: 1.º Eclassan, 236 pontos; 2.º Santambrogio, 140; 3.º Thurau, 137; 4.º Villemiane, 128; 5.º Merckx, 93. Por equipas (classificação final): 1.º Raleigh, 347h 41m 19s; 2.º Mercier, 347h 54m 48s; 3.º Kas, 348h 02m 04s; 4.º Peugeot, 348h 06m 21s; 5.º Teka, 348h 36m 38s; 6.º Fiat, 348h 49m 24s; 7.º Lejeune, 348h 55m 25s; 8.º Gitane, 349h 09m 49s; 9.º Frisol, 350h 46m 53s; e 10.º Bianchi, 351h 35m 25s.

Agostinho e Mendes vítimas

Caiu o pano, ontem, nos Campos Elíseos, sobre a Volta à França em bicicleta. E, no pano, apareceram muitas «nódoas». As análises anti-«doping» ocuparam ciclistas, dirigentes e técnicos nas últimas pedaladas. Raphael Geminiani, da Fiat, e Maurice de Muer, da Peugeot, ambos técnicos, ameaçaram, no sábado, não fazer alinhar as suas equipas entre Montereau e Versalhes, se o que se dizia entre a caravana (Joop Zoetmelk «dopado») não fosse exposto publicamente. E o bom júri, solicitado pela equipa médica, mandou dizer a verdade. O holandês dopara-se numa das etapas e, portanto, era consequentemente penalizado. Cerca de 16 contos (mil francos suíços) e 10 minutos de perdas, com a equivalente descida na classificativa.

Ontem, foi a vez de Agostinho conhecer a mesma sorte e castigo comparável. Até ao último dia (após Saint-Ettiene) na décima posição, o português viu-se relegado para a 13.ª posição na geral. E começavam os «casos», as «nódoas». Os ciclistas ibéricos foram, nesse aspecto, os mais «prejudicados», pois além de Agostinho outros foram «contemplados» com análises positivas. A Menendez, Ocaña e Mendes aconteceu-lhes o mesmo Agostinho a afirmar: «Drogar-me eu (na etapa que ganhou, distanciado em Saint Etiéne), sabendo que ia ao controlo?». E Mendes (segundo «A Bola» de hoje): «Eu tomo o que os outros tomam. Não sei porque é que só deram connosco».

Mas afirma-se, pelo menos em surdina (há os que o proclamam à boca cheia), que também Thévenet, Thurau, Kuiper e Knetemman ingeriram coisas parecidas com anfetaminas, ou outros tipos de estimulantes. Se se confirmarem essas «atoardas» (?) é o grande escândalo. A questão, no entanto, para salvar a face da mais importante prova por etapas, deve ficar por aí, pelas dúvidas, nas covas. A honra do «Tour» vale tanto (ou mais) que muitas verdades.

Agora, resta aguardar o que os próximos dias possam revelar, tendo em conta que entre os cinco melhores, ao que consta, só Van Impe não se terá «dopado». Aguardar o futuro, os próximos dias, dizíamos, pois em tempo só dois meses depois foi possível concluir que Felice Gimondi se tinha drogado num «Giro» que ganhou. Mas nada se alterou.

tempo

Situação do tempo 09.00 H.

Em Portugal Continental o céu estava geralmente pouco nublado o vento era fraco amoderado de Noroeste e havia nevoeiro ou neblina em várias regiões.

TEMPERATURAS EXTREMAS

ELVAS Máxima 32,5º

PREVISÃO GERAL ATE ÀS 24 H. DE AMANHÃ

Céu geralmente pouco nublado excepto na zona costeira a Norte do Tejo onde se apresentará temporariamente muito nublado; vento fraco soprando em regime de nortada moderado para a tarde no Litoral Oeste; pequena descida de temperatura

TEMPERATURAS DO AR 09.00 H

PORTO	20º
P. DOURADAS	16º
OIMBRA	18º
PORTALEGRE	18º
LISBOA	20º
SAGRES	17º
FARO	26º
P. DELGADA	23º
FUNHAL	20º

MARÉS DE HOJE

PREIA-MAR		BAIXA-MAR	
9.56	3,5 m	3.20	1,5 m
22.33	3,5 m	15.58	1,5
Dia 26			
11.14	3,6 m	4.35	1,4 m
23.52	3,6 m	17.12	1,4 m
Dia 27			
		5.42	1,3 m
12.23	3,8 m	18.16	1,2 m

AMANHÃ

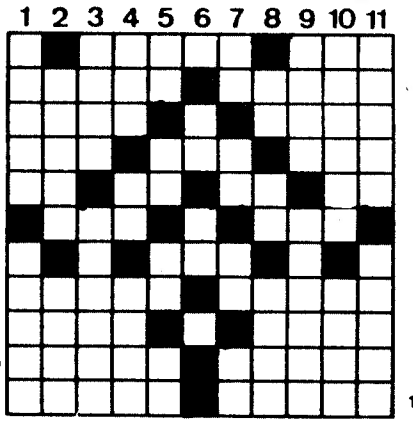
NASCER ÁS 6.33
OCASO AS 20.53

DIA 30 . DIA 6 DIA 14 DIA 22

palavras cruzadas

COM PROVÉRBIO

PROBLEMA N.º 11798



HORIZONTAIS:

1 Artigo definido. Bom senso. Oceano.
2 Porco. Género de insectos coleópteros.
3 Macaco (ant). Passados.
4 Pseudónimo literário de Carlos Lopes. Nome do primeiro homem da mitologia escandinava. Reza.
5 O lado do vento. Espera deferimento. Brisa. Níquel (s.q).
6 Preposição. Cidade do estado de Minas Gerais (Bras).
7 Medicina.
8 Acerto. Dinheiro ou prata (ant).
9 Alvo. Pequeno barco de recreio.
10 Lugar de contenda. Importunei.
11 Medida de vinte litros (Prov. trasm). Nome de fruto.

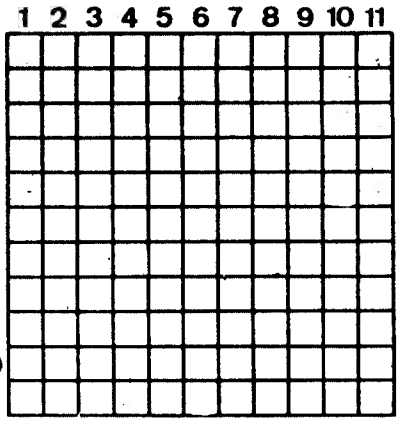
VERTICAIS:

1 Peixe das costas do Algarve. Gastar com o uso.
2 Gritos lamentosos dos cães. Saca.
3 Fértil. O que há de melhor na sociedade (pl).
4 Espaço de doze meses. Preposição. Nome de fruto.
5 Pintor francês autor de «O Cego de Toledo». Preposição latina que designa movimento. Pedra de moinho. Preposição e artigo definido.
6 Abreviatura de Santíssimo. Criança. Artigo definido.
7 Alternativa. Abreviatura de quiloampère. Quinto filho de Jacob. Ruim.
8 Vi. Estrépito de desmoronamento. Escarneçam.
9 Receio. Riqueza (pop).
10 Enfeit . Os espaços celestes. (fig).
11 Nivelai. Aberturas nos fornos de cozer louça.

Resolveu completamente este problema? Procure agora em segundo passatempo o PROVÉRBIO nele inscrito

NOVA MODALIDADE

PROBLEMA N.º 7859



HORIZONTAIS:

1 Acordaras.
2 Olé. Ver. Íntimo.
3 Pronome pessoal. Um dos nomes de Minerva, considerada como deusa da Guerra. Sufixo que designa estado.
4 Encostar.
5 Governava. Realize.
6 Mi e quatro em romano. Estime.
7 Flechas. Prendera.
8 Milho torrado que se reduz a pó temperado com azeite de cheiro e mel de abelhas. Pronome pessoal.
9 Zomba. Espíritos. Nota musical.
10 Chefe etíope. Apelido. Suspiros.
11 Preposição e artigo definido. Ósmio (s.q). Navega.

VERTICAIS:

1 Domesticar. Tareia.
2 Pronome pessoal. Nome de letra. O mesmo que ion
3 Vareja. Excita.
4 Íntima.
5 Prendera com elos. Plantas do Pé.
6 Tornei a ler. Abreviatura de mister (senhor).
7 Urdo. História.
8 Indivíduos broncos (pop).
9 Zomba. Moves os remos. Alumínio (s.q).
10 Patrão. Raer. Textualmente.
11 Fado. Desenruga.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 11797

HORIZONTAIS:	VERTICAIS:
1 Co MORRE AT	1 CAVALO PARA
2 Alais. Imoto	2 Olaia. Comem
3 Vagas. Varas.	3 Agá. BEM DO
4 Aiara. Alada.	4 Miar. Oca. Lo
5 La. Rala. Or.	5 Ossário. Ará.
6 Bois. Rã.	6 AS.
7 Ceco. Mu.	7 Rival. Saias.
8 Poma. Ara.	8 Emalar.
9 Am. Adi. Rum.	9 Ora. Amarar.
10 Redor. Aba.	10 Atado. URUBU.
11 Amolais. Rui.	11 Tosara. Amai.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 7858

HORIZONTAIS:	VERTICAIS:
1 Fatia. Remam.	1 Farra. Avila.
2 Açor. Lavo.	2 Acua. Amiais.
3 Rum. Sia. Rir.	3 Tombara. Más.
4 Rabia. Parar.	4 Ir. III. Rã.
5 Ain. Ana.	5 Sanaras.
6 Ária. Róis.	6 Pi. Rua.
7 Ama. Assas.	7 Aperara.
8 Vi. Sarro. No.	8 El. Anoso. Ar.
9 Iam. Sua. Ada.	9 MArrais. Ama.
10 Liar. Amir.	10 Avia. Sandim.
11 Assar. Aramá.	11 Morra. Soara.

PROVÉRBIO: **MORRE O CAVALO PARA BEM DO URUBU.**

farmácias de serviço

LISBOA

ASCENSO — P.ª Norte, 11-A (B.º Encarnação) Tel. 311216-310172.
BAIRRÃO — Rua Prior do Crato, 25. Tel. 661321.
BENFILUZ — Estrada Benfica, 444-A. Tel. 782606.
CARDEIRA — Av. Duque de Ávila. 32-C. Tel. 43495.
CARRONDO — Rua Padre Sena de Freitas, 10-A. Tel. 842518.
CONCEIÇÃO — C.ª D. Gastão, 30-32. Tel. 381279.
DOURO — Alam. Linhas de Torres, 93-A-B. Tel. 791131.
ESTEFÂNIA — R. Pascoal de Melo, 90. Tel. 44438.
GALÉNICA — Rua das Pretas, 12-14. Tel. 322588.
GOMES, SUCR. — Rua Junqueira, 326. Tel. 638193.
LUSA — Av. Almirante Reis, 199-A. Tel. 41269.
MARCOS DO NASCIMENTO — C. Marquês de Abrantes, 36-A. Tel. 664238.
MARLUZ — C.ª da Picheleira, 140-B-C. Telfs. 720703-728395.
NOVA — R. de Campolide, 297-C. Tel. 687475.
OLÍVAIS — Rua Alves Gouveia, 19. Tel. 311237.
PINHARANDA — Rua da Rosa, 94-96. Tel. 321534.
PINHEIRO — Rua Campo de Ourique, 131-133. Tel. 686640.
RIO DE JANEIRO — Av. Rio de Janeiro, 4-C. Tel. 721409.
RONIL — Rua Rodrigo da Fonseca, 153. Tel. 683438.
SÁ DA BANDEIRA — Rua M. Sá da Bandeira, 36-42. Tel. 54672.
SANTO ANTÓNIO — Rua Leite Vasconcelos, 72-C. Tel. 862333.
SANTA MARIA — Av. 5 de Outubro, 283-A. Tel. 763016.
SILVA CARVALHO — R. dos Fanqueiros, 126. Tel. 873875.
S. BARTOLOMEU — V.ª Paulo Jorge, 1. Tel. 790969.
SOARES — Av. Álvares Cabral, 1. Tel. 684282.
UNIÃO — Rua Saraiva de Carvalho, 145-F. Tel. 663643.
VERA CRUZ — P.ª Afr. Peixoto, 2-B. Tel. 724941.

BENFILUZ — Est.ª de Benfica, 444-A. Tel. 782606.
GALÉNICA — Rua das Pretas, 12-14. Tel. 322588.
LUSA — Av.ª Almirante Reis, 199-A. Tel. 41269.
MARCOS DO NASCIMENTO — Calçada Marquês de Abrantes, 36-A. Tel. 664238.
LIVAIS — Rua Alves Gouveia, 19. Tel. 311237.
PINHEIRO — Rua Campo de Ourique, 131-133. Tel. 688640.
CARDEIRA — Av. Duque de Ávila, 32-C. Tel. 43495.
CARRONDO — Rua Padre Sena de Freitas, 10-A. Tel. 842518.
VERA CRUZ — Praça Afrânio Peixoto, 2-B. Tel. 724941.

S. BARTOLOMEU — V.ª Paulo Jorge, 1. Tel. 790969.
GOMES, SUCR. — R. da Junqueira, 362. Tel. 638183.

LINHA DE CASCAIS

Miraflores, R. António Granjo, 2 (Tel. 2113161)
ALCABIDECHE
Carvalho, Até às 21 horas
PORTO SALVO
Fereira Bastos, Até às 21 horas
CARCAVELOS
Central, Até às 24 e das 0 às 9 horas
S. DOMINGOS DE RANA
Godinho da Silveira, Av. Saboia, 29-B (Tel. 260085) Até às 21 horas
PAÇO DE ARCOS
Pargana, Av. eng.º Bonneville Franco (Tel. 2435147) Até às 24 e das 0 às 9 horas
OEIRAS
Oeiras, L. Henrique Paiva Couceiro (Tel. 2430485) Até às 22 horas
NOVA OEIRAS
Leal, Até às 21 horas
PAREDE
Brandão, Av. da República, 77-C (Tel. 2471054) Até às 24 e das 0 às 9 horas
Junqueiro Mendes, até às 21 horas
AMOREIRA
Amoreira, (telefone: 262313/267314) Até às 22 horas
ESTORIL
Pèrque Arcadas do Parque, 3 (Tel. 260191) Até às 24 e das 0 às 9 horas
CASCAIS
Misericórdia, R. Regimento 18,41 (Tel. 280141); **Cascais,** R. Conde de Monte Real-B.º Caixas (Tel. 282407) Até às 24 e das 0 às 9 horas

LINHA DE SINTRA

AMADORA
Amadora, P. 28 de Maio, 3-A (Tel. 935518) Permanente; **Clabel,** R. António Sardinha, 23.-D (Tel. 938551) Até às 22 horas; **Girassol,** R. Elias Garcia, 17-C (Tel. 974161) Até às 22 horas
DAMAIA
Lemos, R. de Goa, 21-A (Tel. 971121)
MERCÊS
Clsro Russo
QUELUZ
Serra e Pinto, Av. D. António C. Sá, 50-E (Tel. 957619)
CACÉM
Rodrigues Garcia, Av. dos Bons Amigos, Lote 5-D
MEM MARTINS
Química, Est. de Mem Martins, 285 (Tel. 2910012)
RIO DE MOURO
Riomouro, Av. Óscar Monteiro Torres, 8 (Tel. 2960194)
SINTRA
Marrazes, Estefânia (Tel 2930058)
COLARES
Abreja, (Tel. 299088)

OUTRA BANDA

ALCOCHETE
Gameiro, L. António dos Santos Jorge, 15 (Tel. 234100)
ALHOS VEDROS
Gusmão, R. Cândido dos Reis, 30 (Tel. 204020)
ALMADA
Castro Rodrigues, R. Capitão Leitão, 21-A (Tel. 2750076)
BAIXA DA BANHEIRA
Nova Fátima, Est. Nacional, 244-A (Tel. 2040141)
BARREIRO
Higiénica, R. D. Manuel I, 178 (Tel. 2073017)
COVA DA PIEDADE
Castro Rodrigues, L. 5 de Outubro, 62 (Tel. 270121)
MOITA
União Moitense, Av. dr. Teófilo Braga (Tel. 239025)
MONTIJO
Montepio, R. Almirante Reis, 93 (Tel. 2310035)
SESIMBRA
Leão, Av. da Liberdade, 13 (Tel. 2233471)
SETÚBAL
Bonfim, Av. Rodrigues Manito, 12 (Tel. 24558) Permanente; **Marques,** R. Arronches Junqueiro 109 (Tel. 22783) Até às 22 horas
SEIXAL
Soromenho, R. Paiva Coelho, 38 (Tel. 2218560)
COSTA DA CAPARICA
Higiénica
Av. da República, 23 (TEL. 2400020)

PORTO

CAMPOS — Rua Padre Luís Cabral, 943 — Foz — Tel. 680113; **ALVES MOREIRA** — Av. Rodrigues de Freitas, 167 — Tel. 51889; **MAIA** — Rua do Campo Alegre, 192 — Tel. 64450; **MONTE DOS BURGOS** — Rua Monte dos Burgos, 802 — Tel. 62279; **ALIANÇA** — Rua da Conceição, 2 — Tel. 24203; **BOTELHO** — Rua da Alegria, 863 — Tel. 480069; **ESTÁCIO** — Rua Sá da Bandeira, 120 — Tel. 22664; **LIDADOR** — Rua do Lidador, 171 — Tel. 683739.
MENESES DE LIMA — Praça Dr. Pedro Teotónio Pereira, 227 — Tel. 51764; **CLÉRIGOS** — Rua dos Clérigos, 36 — Tel. 315394; **CRUZ** — Rua de Costa Cabral, 1082 — Tel. 480041; **GUARANI** — Rua Pedro Hispano, 367 — Tel. 62250.

COIMBRA

DIAS FERREIRA — Bairro da Solum — Tel. 72120; **FIGUEIREDO** — Rua da Sofia, 107 — Tel. 22837.

cinemas

ALVALADE

T. 897480 — 15.30, 18.30, 21.30

Walt Disney Productions apresenta
NO FANTÁSTICO REINO DA FANTASIA
Para todos

APOLO 70

Tel. 763319

14.00, 16.30, 19.00 e 21.30
Não acons. men. 18 anos
Mia Farrow/John Cassavetes
«A SEMENTE DO DIABO»
Às 24 h.
Grupo D m. 18 anos
O ABOMINÁVEL DR. PHIBES

AVIS

Tel. 47163 — 15, 18.15 e 21.30

Não acons. a menores de 13 anos
Mentir. Pecar. Amar. Viver.
SOFRIMENTO DE AMOR
o filme começa a projectar-se logo após o início da sessão

BERNA

Tel. 776098 — 15.00, 18.00 e 21.15

Richard Burton/Clint Eastwood
Mary Ure
O DESAFIO DAS ÁGUIAS
um filme de Brian G. Hutton
não acons. men. 18 anos

CALEIDOSCÓPIO

Tel. 795093

14.00, 16.30, 19.00 e 21.30
Charlton Heston-John Cassavetes
Martin Balsam
PÂNICO NO ESTÁDIO
um filme de Larry Peerce
Não acons. men. 18 anos

CASTIL

Tel. 530194 — 15, 17, 19 e 21.30h

Quando as pessoas de respeito perdem a noção do decoro...
AS PROVOCADORAS
Um filme de Luigi Russo
Int. m/ 18 anos

CONDES

Tel. 322523 — 14, 16.30, 19, 21.

Para todos
SERENATA À CHUVA
c/ Gene Kelly-Debbie Reynolds
DONALD OCONNOR, CHID CHARISSE
3.ª Semana

EDEN

Tel 320768

Sessões às
14,00, 16.30, 19.00 e 21.30
Charlton Heston/John Cassavetes
Martin Balsam
PÂNICO NO ESTADIO
Um filme de Larry Peerce
Não acons. a men de 18 anos

ESTÚDIO

Tel. 535134 — 15.30, 18.30, 21.30

Não acons. m/ 18 anos
Melhor actor Jack Nicholson
2.ª semana
VOANDO SOBRE UM NINHO DE CUCOS

ESTÚDIO 444

Tel. 779095 — 15, 17, 19.00 e 21.30

DIREITO DE VIVER
com Geraldine Chaplin, Oliver Reed
Não acons. m/ 18 anos
Às 24 h.
HERANÇA ERÓTICA

IMPÉRIO

Tel. 5551345 - As 15.15, 18.30, 21.30h

TORA! TORA! TORA!
(o dia mais longo da Guerra do Pacífico
no esplendor dos 70m/m e som estereofónico
Grupo B 10 anos

LONDRES

Tel. 801313 — 14.15, 16.30, 19 e 21.15

Para todos
A ÚLTIMA LOUCURA DE MEL BROOKS
c/ Liza Minneli
A melhor comédia dos últimos 50 anos

MUNDIAL

Tel. 538743 — 15.15, 18.30 e 21.30

Não acons. men. 18 anos
Lando Buzzanca c/Stella Carnacina
BELO COMO UM ANJO

D. JOÃO V — DAMAIA

Tel. 971794 — Às 21.15

Não acons. a menores de 18 anos
MANDINGO

NIMAS

Tel. 574362

14.30, 16.45, 19.00 e 21.30
Não acons. men. 13 anos
SEMENTES DE VIOLÊNCIA
c/ Glen Ford, Anne Francis, Vic Morrow
Um filme de Richard Broock

ODEON

Tel. 326283 — 15.15, 18.15, 21.15

Estreia
Int. men. 18 anos
EMANUELLE NEGRA N.º 2

PATHÉ

Tel. 821933 — 14.15, 16.30, 18.45, 21 h.

Não acons. men. 18 anos
Ela observa, ausculta... e até ensina
A DOUTORA DEBAIXO DO LENÇOL
c/ Karin Schubert, Orchidea de Santis

POLITEAMA

Tel. 326305 — 14.15, 16.30, 19 e 21.30

EMMANUELLE BRANCA
EMMANUELLE NEGRA
(Amores violentos ainda não contados

RESTELO

Tel. 610375 — Às 21.30

Não acons. men. 13 anos
NUNCA É TARDE PARA AMAR

ROMA

Tel. 887778 — 15.30, 18.30 e 21.30

A GRANDE CAÇA AO HOMEM
com Mario Adorf, Woody Strode
Interdito a m/18 anos

ROXY

Tel. 48560 — 14.15, 17.45, 21.30

Da Índia uma bela história de amor e aventura!
PASSADO INESQUECÍVEL
Um filme de Nasir Hosain
18.ª semana
Não acons. men. 13 anos

S. JORGE

Tel. 579144 — 15.15, 18.15 e 21.30

Não acons. a men. 13 anos
4.ª Semana
Um festival Charles Bronson!
3 HORAS DECISIVAS
A acção! A alegria! A aventura!

TIVOLI

Tel. 570595 — 15.15, 18.30 e 21.30h

Jane Powell, Howard Keel em
SETE NOIVAS PARA SETE IRMÃOS
um filme de Stanley Donen
Para todos

UNIVERSAL

15, 19 e 23.

Não acons. a men. 13 anos
LOLA MONTES
um filme de Max Ophuls
Às 17 e 21 h.
A MULHER CASADA
um filme de Jean Luc Godard

STADIUM (Algés)

Tel. 212012 — 21 e 23.30

Maiores 18 anos
LUCKY LADY
Guarda de crianças durante as sessões

outros espectáculos

LISBOA/Teatros

QUARTETO
23.45 (18 anos)
«A Verdadeira História de Jack o Estripador»

LISBOA/Cinemas

ROYAL
21.15 (13 anos)
«O Lutador da Rua»

MONUMENTAL
21.30 (10 anos)
«O Ouro de Mackenna»

RESTELO
21.30 (13 anos)
«Nunca é tarde para amar»

LUMIAR
21.30 (18 anos)
«Barcelona Kill»

JARDIM
21.15 (13 anos)
«Chamada para a morte»

OLÍMPIA
Sessões permanentes (18 a.)
«Paraíso Carnal»

CINE AUDITÓRIO
21.15 (10 anos)
«La Violetera»

SATÉLITE
21.30 (13 anos)
«O Incorrigível»

VOX
21.15 (13 anos)
«A Flecha e a Rosa»

EUROPA
21.30 (a8 anos)
«Patton»

CALEIDOSCÓPIO
21.30 (18 anos)
«Pânico na Cidade»

CINEBOLSO
21.30 (18 anos)
«Na Ponta do Sexo»

CINEARTE
21.30 (18 anos)
«Unidos para vingar»

CAPITÓLIO
21.00 (18 anos)
«Western Porno»

PROMOTORA
21.15 (13 anos)
«Os Três mosqueteiros»

LINHA DE CASCAIS

ALGÉS
Stadium
21 e 23.30 (18 anos)
«Lucky Lady»

PAÇO DE ARCOS
Chaplin
21.15 (18 anos)
«O Exorcista»

ESTORIL
Casino
17.00 e 21.15 (13 anos)
«Siddhartha»

CASCAIS
Oxford
21.30 (13 anos)
«Um italiano em Angola»

LINHA DE SINTRA

AMADORA
Recreios Desportivos
21.15 (18 anos)
«Sexo Símbolo»

AMADORA
Lido
21.15 (18 anos)
«Ives, o Remerário»

AMADORA
Cinestúdio
21.30 (18 anos)
«Tentáculos»

OUTRA BANDA

ALAMEDA
Academi
21.15 (6 anos)
«Holywood, Holywood»

PORTO/Cinemas

ODEON
21.30 (18 anos)
«A Minha Mulher é um Violoncelo»

JÚLIO DINIS
21.15 (10 anos)
«Não Sou Digno de Ti»

RIVOLI
21.30 (18 anos)
«Delícias turcas»

BATALHA
21.30 (18 anos)
«Lodo na cidade»

ESTÚDIO 21.30 (18 anos)
«A Sombra de Bruce Lee»

TRINDADE
21.15 (13 anos)
«Amor sem barreiras»

CHARLOT 21.30 (18 anos)
«O Homem da Maratona»

COLISEU
21.13 (18 anos)
«Flesh Gordon»

S. JOÃO
21.30 (18 anos)
«Ben-Hur»

TERÇO
21.15 (13 anos)
«A Brigada louca»

CHAPLIN
21.30 (6 anos)
«O Ministro e Eu»

CARLOS ALBERTO
21.30 (18 anos)
«Uma Mulher para dois Homens»

VALE FORMOSO
21.15 (18 anos)
«Juramento de Amor»

SÁ DA BANDEIRA
21.30 (18 anos)
«China Girl»

ESTÚDIO FOCO
21.15 (18 anos)
«À Beira do Fim»

OLÍMPIA 21.30 (18 anos)
«No Calor da Júlia»

ESTÚDIO 400
21.30 (18 anos)
«A Viúva inconsolável»

ÁGUIA DE OURO
21.30 (18 anos)
«O Desafio das Águias»

PASSOS MANUEL
21.30 (18 anos)
«O Despertar»

SALA BÉBE
21.30 (18 anos)
«Morte em Veneza»

COIMBRA

S. TEOTÓNIO
21.15 (18 anos)
«Cleópatra»

AVENIDA
21.15 (18 anos)
«Sexo no confessionário»

TIVOLI
21.15 (18 anos)
«Punho relâmpago»

GIL VICENTE
21.15 (13 anos)
«As Partisans»

rádio

1.º Programa

16.00: Musiváriа; **17.00**: Música popular; **17.30**: Orquestras; **18.00**: Música portuguesa; **19.00**: Falar de História; **19.20**: Música variada; **20.00**: Jornal da noite; **20.30**: Instrumentistas; **21.00**: 8.º episódio do folhetim «A Verdade por um Fio», de René Floriot, numa adaptação de Jorge de Sousa Costa; **21.20**: Contraponto; **24.00**: Último jornal; **00.30**: Canções da Europa; **01.00**: Repetição da 2.ª parte de um programa de variedades, realizado no Teatro de S. Luiz, e organizado pela Radiodifusão Portuguesa — música na noite.

2.º Programa

16.00: Intercâmbio musical; **16.25**: Quarteto n.º 1, em dó menor, op. 15, com piano, de Fauré; **17.00**: Sonata **19.26**, Para piano, de Bela Bartok; **17.20**: A ópera em 3 actos «Mazeppa», de Tchaikowsky; **20.00** Música sinfónica; **21.00**: O canto e os seus intérpretes, por Maria Helena de Freitas; **22.00** Orquestras de câmara; **22.40**: Fantasia, op. 80, de Beethoven; **23.00**: Intercâmbio musical; **23.30**: 3 Prelúdios e Fugas, do 1.º volume do «Cravo Bem Temperado», de Bach; **23.45**: Música de câmara; **00.33**: Concerto de Aranjuez, para viola dedilhada e orquestra, de Joaquim Rodrigo; **01.00**: Fecho.

3.º Programa
Nacional e Regional (294 m)

16.00: Variante (continuação); **16.10**: Casos ao acaso, por Orlando Dias Agudo (repetição); **16.20**: Retrospectiva; **16.40**: Mulher, agora e aqui, pela Comissão da Condição Feminina; **17.10**: Prevenção e saúde, pelo dr. Sousa Pereira (repetição); **18.00**: Contacto; **18.20**: Títulos de 1.ª página; **18.30**: Actualidade; **18.45**: Fórmula 1; **19.05**: Teatro trágico, pelos Parodiantes de Lisboa; **20.15**: Antologia; **20.25**: Pesquisa; **20.30**: Quando o telefone toca; **22.10**: Campeonato Europeu de Hóquei em Patins; **23.30**: Quando o telefone toca; **24.0**: Nocturno (continuação); **00.15**: Dia a dia com o passado; **02.00**: Fecho.

3.º Programa
Local (187,5 m)

16.00: Variante; **18.00**: Compasso; **19.15**: Sal e pimenta (repetição); **19.45**: Ronda desportiva; **20.10**: Tempo especial; **20.40**: Serviço de agenda; **21.00**: Fecho.

4.º Programa
Emissão Total em Estereofonia

16.00: Gong, realização de João David Nunes; **19.00**: Em órbita; **20.00**: Fórum, realização de Jorge Lopes; **22.00**: Auditório — música de jazz, programa de Paulo Gil e Rui Neves; **00.00**: Prisma, realização de Fernando Quinas; **02.00**: Fecho.

DL

RENASCENÇA GRÁFICA, S.A.R.L.
ADMINISTRAÇÃO GERAL
RUA CASTILHO, 185, 1.º, 2.º
TELEF. 654531/2/3/4
REDACÇÃO, SERVIÇOS TÉCNICOS E PUBLICIDADE
RUA LUZ SORIANO, 44
TELEF. 371154/5, 370271/2/3
RUA DA ROSA, 75
END. TEL. DIBOA TELEX 12363
LISBOA PORTUGAL

REPRESSÃO NO JULGAMENTO DE RUI GOMES

Trabalhadores exigem responsabilidades

. As circunstâncias em que ocorreu a morte do operário Luís Augusto Caracol, no passado dia 13, e o elevado número de feridos em consequência da intervenção policial junto ao Tribunal Militar de Santa Clara, encontram-se na origem de forte movimentação de trabalhadores que exigem o apuramento de responsabilidades. O major Otelo Saraiva de Carvalho está entre os antifascistas que protestam contra a arbitrariedade e a repressão — anuncia a Comissão de Luta para a Libertação de Rui Gomes.

. .A referida comissão distribuiu um comunicado através do qual afirma que, além de Otelo, outras personalidades assinaram já o seu manifesto, nomeadamente o prof. Pereire de Moura, major Mário Tomé, Jorge Sampaio, deputado Acácio Barreiros, Eduardo Prado Coelho, prof. António José Saraiva, prof. Borges Coelho, e ainda vários jornalistas e as associações de estudantes da Faculdade de Ciências de Lisboa e do Instituto Superior de Economia.

Entretanto, os trabalhadores do Hospital Santa Maria, reunidos em Assembleia Geral, «decidiram responsabilizar a PSP e o MAI pela morte do jovem antifascista Luís Caracol», «repudir firmemente a ofensiva reaccionária» e «declarar a sua firme disposição de envidarem todos os esforços para unitariamente se - lhes opor» (proposta aprovada com cinco abstenções).

Também os trabalhadores de «H. Parry e Son — Estaleiros Navais» decidiram em plenário: «Repudiar a acção das forças repressivas e responsabilizar o Governo pelo que aconteceu», «Manifestar solidariedade activa ao antifascista Rui Adelino Machado Gomes, na luta pela sua total libertação» e «Manifestar repulsa pelo modo como têm sido julgados em «Liberdade e Segurança» os torcionários da PIDE.

Num telegrama endereçado às mais altas entidades do País, o Secretariado da Federação Nacional dos Sindicatos Metalúrgicos afirma: «Em nome dos metalúrgicos portugueses, protestamos contra a intervenção das forças policiais no passado dia 13 que carregaram e espancaram populares indefesos. Além de vários feridos há a lamentar a morte de um jovem operário metalúrgico. Manifestamos a nossa indignação e repúdio à repressão que reaparece apesar de condenada pelo povo português. Exigimos rigoroso inquérito imediato».

AIRES RODRIGUES E CARMELINDA PEREIRA

Apelo à formação de um governo PS-PCP

Em conferência de Imprensa realizada esta manhã, os deputados independentes Carmelinda Pereira e Aires Rodrigues lançaram um apelo a todos os trabalhadores e jovens, e aos militantes do PS e do PCP, a constituirem o movimento de unidade para o Governo PS-PCP que tome as medidas socialistas a que os trabalhadores aspiram.

Num comunicado distribuído aos jornalistas, Carmelinda Pereira e Aires Rodrigues lembram que «na Assembleia da República acaba de ser votada uma lei sobre a Reforma Agrária que, a ser aplicada, levaria ao desmantelamento das UCP's, à asfixia das cooperativas agrícolas, ao desemprego e miséria nos campos em troca da entrega das melhores terras aos antigos latifundiários que durante 50 anos esmagaram com os grandes capitalistas as liberdades e o povo trabalhador português».

«Esta lei monstruosa», prossegue o comunicado, «acaba de ser votada no seguimento de dezenas de outras leis que, lesando brutalmente os interesses imediatos dos trabalhadores portugueses, levam ao desmantelar das mais caras conquistas do 25 de Abril, reforçando perigosamente as forças que durante 50 anos exploraram e oprimiram o povo trabalhador».

Depois de salientarem que «as conquistas de Abril estão ameaçadas», Aires Rodrigues e armelinda Pereira avisam que «o Governo aparece aos olhos da maioria da população não como um Governo socialista mas como um refém nas mãos daqueles que o espremem contra os trabalhadores».

Aires Rodrigues e Carmelinda Pereira na conferência de Imprensa desta manhã

«Não fomos nós», sublinham os dois deputados independentes, «foi o Primeiro-Ministro Mário Soares quem acusou há algumas semanas nos jornais o PSD e o CDS, qualificando-os de partidários da democracia musculada, da pseudo-competência apartidária, aqueles mesmos que orientaram os destinos do País durante cerca de 50 longos anos, ou os seus herdeiros actualizados e tecnocratas». Não fomos nós, mas o Governo quem afirmou que a Lei sobre a Reforma Agrária corresponde à doutrina e ao programa do PSD!

. Não fomos nós, foi o sr. secretário de Estado e dirigente do PS, Manuel Alegre quem afirmou há poucas semanas num comício na Amadora que as propostas de acordos políticos com o PS feitas pelo PSD e pelo CDS 'não visavam atacar simplesmente o Governo, mas o regime democrático instituído em Portugal'. Porque acabam então de fazer um acordo político com o PSD?»

. No final do seu comunicado, Aires Rodrigues e Carmelinda Pereira apelam aos trabalhadores, aos jovens, aos militantes do PS e PP, para além das divergências partidárias, neste momento grave da Revolução Portuguesa, «a constituirem, a organizarem, a impulsionarem por toda a parte, nas empresas, nos escritórios, nos bairros, nos campos, nos liceus e universidades, o movimento de unidade para o Governo PS-PCP sem ministros militares nem de partidos burgueses, Governo que tome todas as medidas socialistas a que o povo trabalhador aspira e tem direito!».

tome nota

ALMOÇOS E JANTARES

Os almoços e jantares no nosso país têm grandes tradições políticas. E vai daí já um cidadão não pode almoçar ou jantar tranquilamente com outro cidadão que não atribuam logo intenções políticas ao repasto. E se um dos comensais é um embaixador e ainda por cima se trata do embaixador americano então a coisa torna-se falada!

Vem isto a propósito do acordo PSD/PS, que já as «más-línguas» atribuem a pressões americanas, só porque o sr. Carlucci se banqueteou com Marcelo Rebelo de Sousa e outros correligionários do sr. dr. Sá Carneiro, pertencentes ao chamado «grupo de Lisboa», bem como dias antes tinha almoçado no Tavares, com o Primeiro-Ministro, dr. Mário Soares.

Não nos digam que Sá Carneiro amuou com o «grupo de Lisboa» porque não almoçou nem jantou ultimamente com o sr. Carlucci...

PRESSÕES

Segundo o «Expresso», existirão fortes pressões norte-americanas e alemãs para o pagamento de indemnizações aos estrangeiros, o que fará «aquecer» a discussão em S. Bento quando, nos próximos dias, for tratado o problema das indemnizações.

Pressões? E o «Acordo»?

O SOCIALISMO ONTEM E HOJE

António Reis, deputado do PS, hoje membro do Secretariado deste partido, afirmou na Assembleia Constituinte, em Agosto de 1975:

. «Consideramos que a 'dignidade da pessoa humana', ou dos homens, em geral, só é devidamente respeitada e valorizada numa sociedade socialista, em que o Poder pertence às classes trabalhadoras (que o devem exercer democraticamente), e, sobretudo, numa sociedade sem classes, de que essa sociedade soc alista é a etapa transitória.»

. (...) «Não entendemos nós, socialistas, como é possível conceber uma sociedade sem classes através de uma via de colaboração de classes, não entendemos como é possível conceber o socialismo sem o Poder democraticamente exercido pelas classes trabalhadoras. Não entendemos como é possível conceber a socialização dos meios de produção e da riqueza nesse contexto de colaboração de classes.»

Nós não entendemos como se pode fazer uma coisa que se não entende...

VIA LISBOA

Armas para a Guatemala

. A compra de 26 toneladas de munições para metralhadoras «Galil» efectuada pela Guatemala e que as autoridades de Barbados apreenderam há um mês foi feita em Portugal através da empresa comercial israelita «Aizenberg» — afirma a agência noticiosa espanhola EFE, em correspondência de Jerusalém.

Inicialmente, atribuira-se essa compra ao intermediário Marcos Katz, que actua na América Central e vendeu à Guatemala as metralhadoras «Galil», de fabrico israelita.

Segundo a mesma agência, citada pela ANOP, o Governo da Guatemala terá pago adiantadamente à empresa «Aizenberg» a aquisição das munições em Portagal, sendo o seu transporte efectuado por um avião de carga argentino, que aterrou em Barbados.

Correm, entretanto, rumores sobre o destino final das grandes quantidades de armamento adquiridas pela Guatemala em diversos países, entre os quais Portugal.

Com efeito, lembrando o embargo ao fornecimento de armas à República sul-africana, círculos internacionais têm acusado a Guatemala e outros países latino-americanos de agirem como intermediários no fornecimento de material bélico aos racistas sul-africanos.

Representante da ONU condena agressão rodesiana

. Um representante da ONU ficou «profundamente chocado com a destruição deliberada» de Mapai, vila moçambicana ocupada por forças rodesianas no mês passado.

Referindo-se à viagem que efectuou a Mapai, na quarta-feira, o assistente do secretário-geral das Nações Unidas, Abdul Rahim Farah, declarou aos jornalistas: «Não deixaram um único edifício de pé. A vila de Mapai terá de ser reconstruída na sua totalidade.»

. Farah encontra-se em Moçambique à cabeça de uma delegação das Nações Unidas que veio inteirar-se dos danos causados pelas incursões rodesianas no país, em perseguição de guerrilheiros nacionalistas negros.

Os ataques rodesianos parecem obedecer a um esquema sistemático: destruir o sistema de comunicações nas zonas que confinam com a Rodésia.

UNITA matou 200 angolanos

. A Rádio Sul-Africana anunciou no domingo que o movimento UNITA matou mais de duzentas pessoas numa emboscada, em Cuangar, no Sul de Angola, a semana passada.

Segundo a Rádio Sul-Africana, que não revelou quais as suas fontes de informação, os civis, que fazem parte do grupo das 473 pessoas que se deslocaram de Nkurenkuru, regressarão provavelmente esta semana a Cuangar.

Quatro filmes por dia na Quinzena de Cannes

. No cinema Quarteto, com o apoio da Secretaria de Estado da Cultura, da Fundação Calouste Gulbenkian e da Embaixada de França, começou a apresentação da Quinzena dos Realizadores de Cannes-77.

«Quinzena» que, não podendo contar com todos os filmes que dela fizeram parte, se completa, aumenta (e, nós arriscaríamos dizê-lo, melhora) com uma selecção de filmes que nesse mesmo certame foram apresentados em anos transactos. São qualquer coisa como 27 filmes que, desde a passada sexta-feira, estão a passar. Se o ritmo é quase incomportável (uma média de 4 filmes por dia) para quem deseje tudo ver (e este é um aspecto que gostaríamos de ver repensado neste tipo de manifestações) o certo é que as obras já vistas por nós fazem esmorecer a expectativa.

La Tête de Normande St. Onge do cineasta quebequense Gilles Carle, *Il pleut tougours où c'est mouillé* de Jean-Daniel Simon e *Les indieus sont encore loin* de Patricia Moraz (Suíça) se não provocaram um entusiasmo incomum também não foram servidos pela debandada do público (o que é vulgar em festivais) antes despertaram um interesse razoável.

Servido por uma das mais fascinantes actrizes do cinema actual (Carole Laure), Gilles Carle compôs um discurso intimista sobre as margens da normalidade que, se cede por vezes a tentações de facilidade, se articula quase sempre numa encantatória progressão onde um certo marginalismo e alguns dos seus fantasmas se ligam por um sopro lúdico que é, ainda, o que resta no final. Filme já adquirido para exibição em Portugal, a ele voltaremos com mais detalhe aquando da sua estreia comercial.

Se *La Tête de Normande St. Onge* falava das margens da normalidade (entendida esta como o padrão do *statu quo*) o filme da suiça Patricia Moraz veio-nos falar dessa constante já característica do cinema helvético que é a da impossibilidade de saída, desse bloqueamento interior a uma sociedade, desse pântano social bem alimentado. E não há Revolução no horizonte, nem revolução que baste. Por isso a utopia, por a morte no fim de um caminho que a não explica factualmente mas dá bem a atmosfera asfixiante de uma adolescência, onde não há nem esperança nem sequer desespero. Com *Les indieus sont encore loin* é uma nova voz que se ergue na Suíça.

Il plent toujours où c'est mouillé de Jean-Daniel Simon (França) é um filme menos maturo que aqueloutros, traz consigo um simplismo por vezes irritante, por vezes simpático, mas não deixou também de constituir um momento proveitoso de cinema. Se mais não fora, restaria o simples contacto com um dos nomes da mais jovem geração de cinema francês (praticamente desconhecido em Portugal) e a demonstração, não de todo inábil, de como se pode fazer um filme ao primeiro grau, directo e, donde escapa uma calorosa fraternidade. Isto para lá da revelação de uma excelente actriz (Myriam Boyer) que compõe com inexcedível convicção uma jovem camponesa em vias de dscobrir o reflexo político da realidade quotidiana.

TIRAGEM MÉDIA DIÁRIA
EM MAIO: 46 450
Hoje 16 páginas

Maputo celebrou Dia das Nacionalizações

Em Moçambique, celebrou-se ontem, domingo, o segundo aniversário do Dia das Nacionalizações, com jornadas de limpeza das escolas, hispitais e bairros e com reuniões populares de explicação sobre o significado desta data.

No mesmo âmbito, o ministro moçambicano das Obras Públicas e da Habitação, Júlio Carrilho, afirmou em conferência de Imprensa que «50 mil pessoas, das que antigamente moravam nos bairros suburbanos da periferia, foram já transferidas, para a cidade do asfalto, desde a altura da nacionalização dos prédios de aluguer».

«Só este ano, 2500 casas de Maputo foram ocupadas pelas populações das zonas inundáveis e o Estado despendeu 110 mil contos no acabamento de novos edifícios e 41 mil contos na reparação de outros» acrescentou o ministro.

ANO AGRÍCOLA MOÇAMBICANO

Acabam de ser divulgadas as principais decisões tomadas durante a reunião entre Samora Machel e todos os governadores provinciais, efectuada em Nampula para planificação do próximo ano agrícola.